

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



**Daniel Cipriano Peres**

**EDUCAR NA ALEGRIA DO AMOR:**

**Por um processo pastoral de iniciação à vida matrimonial à luz da  
*Amoris Laetitia***

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-  
graduação em Teologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Abimar Oliveira de Moraes

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2020



**Daniel Cipriano Peres**

**EDUCAR NA ALEGRIA DO AMOR:**

**Por um processo pastoral de iniciação à vida matrimonial à luz da  
*Amoris Laetitia***

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

**Prof. Abimar Oliveira de Moraes**

Orientador

Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Prof. Luís Corrêa Lima**

Departamento de Teologia — PUC-Rio

**Prof. Jair Luís Reis**

Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 2020

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e do orientador.

**Daniel Cipriano Peres**

Graduou-se em Teologia pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro em 2014. Participou de congressos na área de teologia. É professor da Escola de Luz e Vida e Matter Ecclesiae há mais de 6 anos.

Ficha Catalográfica

Peres, Daniel Cipriano

Educar na alegria do amor : por um processo pastoral de iniciação à vida matrimonial à luz da *Amoris Laetitia* / Daniel Cipriano Peres ; orientador: Abimar Oliveira de Moraes. – 2020.

160 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2020.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Família. 3. Matrimônio. 4. Amor. 5. Conjugalidade. 6. Pastoral. I. Moraes, Abimar Oliveira de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Para toda minha família como inestimáveis incentivadores  
deste meu sonho.

## Agradecimentos

Primeiramente a Deus por ter me concedido a graça e a força necessária para continuar perseverando neste projeto o qual agora concretizo satisfeito depois de ter passado por tantas dificuldades no qual se mostrou como um Deus fiel por nunca abandonar-me.

Àos meus pais: José Rodrigues e Maria Marta por terem me concedido o dom da vida e por terem proporcionado a mim não só oportunidades de realizar desejos pessoais, mas por terem acima de tudo oferecido a minha pessoa um lar amoroso cheio de respeito e consideração com que amamos.

Um agradecimento mais do que especial para aquela que testemunha diariamente a mais de uma década junto comigo a beleza do amor conjugal que nutrimos um pelo outro, a qual me motiva e não me deixa desistir. Dedico a ela, minha esposa Mariana Poubel e ao nosso pequeno e adorado filho Tomás Poubel este trabalho que por causa deles que coloquei em cada linha o desejo de anunciar a verdade daquilo que vivemos em nossa vida matrimonial e também o que significa a paternidade e a maternidade

Ao meu amado irmão Anderson Cipriano por sua existência como uma das melhores pessoas que pude conviver ao longo desta minha breve vida, graças a sua pessoa pude aprender um estilo fraterno de convivência que marca a vida em família, a vida entre irmãos.

Aos meus sogros João de Melo Alves e Márcia Rodrigues Poubel Alves por todo incentivo e ajuda que me prestaram, lhes serei sempre imensamente grato por tudo que possibilitaram a minha pessoa.

Ao Prof. Dr. Abimar Oliveira de Moraes, pela pronta acolhida do pedido que lhe fiz por me ajudar nesta empreitada, por seu respeito e cordialidade com minha pessoa e, sobretudo, por redirecionar-me para uma compreensão mais atual do tema escolhido.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Clara Machado, por seu incentivo e empenho valioso para que não desistisse da prova do Mestrado, orientando-me nos estudos.

Aos amigos Prof. Ms. Luiz Cláudio e Bruno Oizumi como verdadeiros amigos que sempre me acompanharam no Mestrado e na graduação partilhando as experiências e prestigiando nosso caminho até aqui.

A todos os professores do Mestrado e funcionários do departamento de Teologia, pela receptividade sempre acolhedora e aos colegas da PUC por toda ajuda.

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001”.

## Resumo

Peres, Daniel Cipriano; de Moraes, Abimar Oliveira. **EDUCAR NA ALEGRIA DO AMOR: Por um processo pastoral de iniciação à vida matrimonial à luz da *Amoris Laetitia***. Rio de Janeiro, 2020. 160p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A família como escola de sociabilidade entre as pessoas permanece como lugar de aquisição de verdadeiros valores humanos através de um estilo fraterno de convivência possibilitando aos indivíduos a transmissão desses valores à sociedade. A família que nasce a partir da união do homem e da mulher, permanece muito valorizada, sobretudo, por parte daqueles que desejam se casar porque a reconhecem como instituição desejada e querida por Deus. Os esposos com seu amor e pela fé na graça do sacramento do matrimônio podem resplandecer o verdadeiro amor de Cristo pela Igreja. Dessa forma, é urgente por parte dos casais e de toda Igreja universal, empenhados numa atividade de evangelização, apresentar uma pastoral de formação e preparação à iniciação da vida matrimonial para que o Evangelho da família possa ser reconhecido como Evangelho de Cristo.

## Palavras-chave

Família; matrimônio; amor; conjugalidade; pastoral.

## Abstract

Peres, Daniel Cipriano; de Moraes, Abimar Oliveira (Advisor). **EDUCATE IN THE JOY OF LOVE: For a pastoral process of initiation into married life in the light of *Amoris Laetitia***. Rio de Janeiro, 2020. 160p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The family as a school of sociability among people remains a place for the acquisition of true human values through a fraternal style of coexistence enabling individuals to transmit these values to society. The family that is born from the union of man and woman, remains highly valued, above all, by those who wish to marry because they recognize it as an institution desired and wanted by God. Spouses with their love and faith in the grace of the sacrament of marriage can shine Christ's true love for the Church. Thus, it is urgent on the part of couples and of the whole universal Church, engaged in an activity of evangelization, to present a pastoral formation and preparation for the initiation of married life so that the Gospel of the family can be recognized as the Gospel of Christ.

## Keywords

Family; marriage; love; conjugality; pastoral.

## Sumário

1.	Introdução	11
2.	Elementos teológicos sobre a identidade e missão do casal cristão	14
2.1	Fundamentos bíblicos da família no AT	16
2.2	A família e o matrimônio no NT	22
2.3	A relação homem e mulher no sacramento do matrimônio	25
2.4	A consciência do compromisso pelo sincero consentimento	30
2.5	A unidade e indissolubilidade do matrimônio	34
2.6	A sexualidade do casal	39
2.7	A dimensão da fecundidade alargada	45
2.8	Fidelidade e Felicidade construídas no quotidiano	49
3.	A atenção do Magistério com a família a partir do Concílio Vaticano II	56
3.1	Um novo olhar pastoral sobre o papel da família: <i>Gaudium et Spes</i>	60
3.2	A tentativa da construção de uma moral sexual matrimonial: <i>Humanae Vitae</i>	67
3.3	O primeiro processo sinodal sobre a família: antecedentes, marcos e a recepção da <i>Familiaris Consortio</i>	75
3.4	O pontificado de Bento XVI sobre a família: entre confirmação do primeiro sínodo e mudanças pastorais	85
3.5	Rumo ao segundo processo sinodal: o início do pontificado de Francisco	95
3.6	Os sínodos de 2014 e 2015 e as proposições para a <i>Amoris Laetitia</i>	102
4.	Uma nova compreensão pastoral a partir da <i>Amoris Laetitia</i> : “um casal não nasce cristão, se torna”	114
4.1	Um processo de catecumenato matrimonial	116



4.2	A Pastoral da gradualidade: acompanhar, discernir e integrar	124
4.3	A espiritualidade conjugal e familiar na vida matrimonial	135
4.4	O múnus da missão de educar os filhos à/na fé	146
5.	Conclusão	152
6.	Referências Bibliográficas	156

## **Siglas e Abreviaturas**

<b>AL</b>	<i>Amoris Laetitia</i>
<b>CiV</b>	<i>Caritas in Veritate</i>
<b>CIgC</b>	Catecismo da Igreja Católica
<b>CVi</b>	<i>Christus Vivit</i>
<b>DCE</b>	<i>Deus Caritas Est</i>
<b>EG</b>	<i>Evangelii Gaudium</i>
<b>EV</b>	<i>Evangelium Vitae</i>
<b>FC</b>	<i>Familiaris Consortio</i>
<b>Grs</b>	<i>Gratissimam Sane</i>
<b>GS</b>	<i>Gaudium et Spes</i>
<b>HV</b>	<i>Humanae Vitae</i>
<b>IL</b>	<i>Instrumentum Laboris</i>
<b>LF</b>	<i>Lumen Fidei</i>
<b>LG</b>	<i>Lumen Gentium</i>
<b>MD</b>	<i>Mulieres Dignitatem</i>
<b>RF</b>	<i>Relatio Fina</i>

# 1

## Introdução

A nossa pesquisa está dividida em três partes e consistirá na exposição sobre os aspectos inerentes à teologia do matrimônio cristão. No primeiro capítulo faremos uma abordagem mais em torno da dimensão bíblica do matrimônio, almejando resgatar a perspectiva bíblica acerca da origem do casal (Gn1,26-31; Gn2,4b-25) e igualmente do sentido e da importância da família como instituição pensada por Deus percorrendo trechos do Antigo Testamento e em seguida, algumas passagens do Novo Testamento.

Todavia, deixamos patente que o trabalho a ser desenvolvido não tem como proposta fazer uma extensa exegese dos textos da Escritura, por precisamente partirmos das reflexões de importantes teólogos da área sistemática e de documentos do magistério da Igreja e da contribuição pessoal de alguns sumos pontífices.

Posteriormente daremos destaque a importância do consentimento o qual nubentes expressam no dia da celebração sem termos em vista explicações de pressupostos estritamente canônicos, mas procurar dar destaque a dignidade e a concretude que o sim dos noivos perante altar e as suas conseqüentes implicações sacramentais e para a vida do casal.

Ainda no primeiro capítulo também discorreremos sobre os fundamentos dos aspectos em torno da unidade e da indissolubilidade; bem como, da dimensão da fecundidade alargada enfatizando que esta não se trata somente da geração dos filhos, mas que a instituição familiar por sua capacidade de gerar vida mostra a sua capacidade social em acolher os mais necessitados e humildes.

Ademais, trazemos um ponto de vista que favoreça a beleza da sexualidade do homem e da mulher por exatamente os caracterizar como pessoas humanas que expressam mediante à sua corporalidade masculina e feminina. Por fim, encerrando a primeira parte um enfoque sobre o que entendemos como caminho de felicidade a ser construído no dia a dia da conjugalidade por atitudes que enaltecem a dignidade de cada cônjuge e no cumprimento da fidelidade prometida pela lógica do dom sincero de si mesmo, servindo como aprendizado de superação perante as próprias inclinações.

Já no segundo capítulo, o nosso plano de pesquisa se deterá mais num prisma histórico sobre o posicionamento da Igreja sobre o matrimônio a partir do concílio Vaticano II e o seu importantíssimo contributo teológico com o destaque para a constituição *Gaudium et Spes* como uma nova compreensão pastoral para a evangelização. Dentre os pontífices começaremos pelo Papa Paulo VI com a sua *Humanae Vitae* diante da propagação dos métodos contraceptivos e o valor de uma reta moral sexual. Em continuidade com o panorama sobre os papas está o pontificado de São João Paulo II e o contributo da *Familiaris Consortio* e a ligação de um processo sinodal entre os bispos e de outros documentos igualmente importantes do papa polonês.

Mais adiante os pronunciamentos pontuais e alguns trechos de documentos da autoria do Papa Bento XVI mesmo que não tenha dedicado exclusivamente um documento específico para falar do matrimônio, no entanto, não se mostrou alheio aos problemas das famílias e quando as escreve o faz com muita sabedoria e profundidade.

Elencamos também o que entendemos ser a perspectiva do Papa Francisco quando conclama aos noivos a respeitarem as etapas necessárias durante o período do noivado casando-se no tempo devido para que lhes permita uma compreensão de construção diária de sua aliança conjugal por uma preparação a que ele chama de artesanal. Além disso, mostraremos alguns pontos destacados do início do pontificado de Francisco em atenção para os cônjuges já inseridos na vida matrimonial exortando-os a não perder de vista três palavras: “desculpa”, “com licença” e “obrigado” como forma de sempre nutrir o relacionamento do casal.

Na última parte deste capítulo faremos a reflexão sobre o sínodo dos bispos e colocaremos algumas intuições que os padres sinodais debateram tendo como fruto possíveis intuições, que nos servirão como sugestão de mudanças de perspectivas para com a evangelização dos casais e uma práxis pastoral mais condizente com os desafios atuais acerca da questão familiar e dos matrimônios que culmina com a publicação pós-sinodal de Francisco, a *Amoris Laetitia*.

Na terceira e última parte de nossa explanação começaremos com uma proposta de formação matrimonial visando como que uma espécie de catecumenato para a recepção do sacramento do matrimônio, com uma abordagem que trate não exclusivamente sobre a doutrina, mas de propiciar melhores disposições de fé para

a recepção do sacramento, pois, a iniciação à vida a dois requer uma devida compreensão do que se celebrará.

Mais adiante, tendo sempre como ponto de referência a exortação pós-sinodal *Amoris Laetitia*, chave de interpretação para apresentarmos os demais temas, pois o documento de modo algum, rompe com a doutrina da Igreja, apesar da desconfiança em torno do oitavo capítulo. Neste sentido, impressiona-nos o exercício com que tal documento apresenta-nos a mesmíssima doutrina, mas com uma linguagem que atrai, que congrega, com um novo dinamismo com que se aproxima dos que sofrem, no intuito de acolher, de escuta e discernir à luz da palavra de Deus.

Além disso, quer nos renovar o desejo de promover uma maior integração com a recomendação expressa para todos que se empenham numa pastoral familiar propiciando um itinerário de aprofundamento e conformação com o modelo esposal de amor de Cristo, tanto para os esposos como igualmente para aqueles que sofreram a separação, de maneira, a permanecerem no seio da Igreja.

E terminaremos nossa apresentação fazendo menção à beleza da espiritualidade conjugal como instrumento de crescimento pessoal e também conjugal e por uma maior experiência de intimidade com Deus que, por consequência, torna-se uma espiritualidade não restrita ao casal, mas que convida a todos em família ter um momento de encontro com Deus, tarefa esta que compete quase que exclusivamente aos pais no caminho de iniciação à fé, mas que por sua vez, precisa também encontrar sua expressão no íntimo da comunidade cristã.

## 2 Elementos teológicos sobre a identidade e missão do casal cristão

Já nas primeiras páginas da Sagrada Escritura, logo após a narração da Criação do ser humano, podemos encontrar a definição do amor e do matrimônio. O autor sagrado diz: "O homem deixará seu pai e sua mãe, se unirá à sua mulher e os dois serão uma só carne, uma única existência"(Gn2,24). A partir disso já nos é dada uma profecia no que consiste o matrimônio, definição esta que se verifica também idêntica no Novo Testamento.

O matrimônio é, na verdade, este seguir ao outro no amor e, desta forma, tornar-se uma única existência, uma só carne, e por isso, inseparáveis, uma nova existência que nasce desta comunhão de amor, que une e cria um futuro. É um sacramento do Criador do universo, inscrito precisamente no próprio ser humano, que está orientado para este caminho, no qual o homem abandona seus pais e se une à sua mulher para formar uma só carne, para que, desta forma, se tornem uma única existência.

A narrativa bíblica destaca a expulsão do casal do paraíso, ou por outras palavras mais modernas, apesar dos erros verificados pelas ações de homens e mulheres, toda a cultura humana preservará o que de mais belo Deus criou, isto é, a própria humanidade em si mesma com todas as suas potencialidades e virtudes porque são oriundas do Criador, preservando assim o desígnio inicial inscrito na nossa natureza mesmo que inclinada ao pecado.

De fato, em algumas culturas encontramos certo obscurecimento do desígnio original de Deus. Mas, ao mesmo tempo, se observarmos atentamente toda a história cultural da humanidade verificaremos também que o casal nunca pôde esquecer totalmente este desígnio que existe na profundidade do seu ser, ou seja, de sempre estarem de frente um para o outro.<sup>1</sup>

Deus ao plasmar a mulher enquanto o homem dorme resalta precisamente que ela não é de modo algum uma criatura do homem, mas de Deus. Além disso, a diferença percebida entre o homem e a mulher não é para contraposição, nem para a subordinação, mas para a comunhão e a geração, sempre à imagem e semelhança de Deus. Eles são da mesma substância, são complementares, e por isso, também

---

<sup>1</sup> FLÓREZ, G., Matrimônio e família, p. 50.

estão orientados para a reciprocidade. Assim para encontrar a mulher, e podemos dizer, para encontrar o amor na mulher, o homem deve primeiro sonhá-la e depois encontrá-la.<sup>2</sup>

Para se conhecer bem e crescer harmoniosamente, a humanidade sempre terá a necessidade da experiência de relação entre homem e mulher, na qual se encontram reciprocamente e assim encontram também o Criador que os chamou ao amor. É assim, na perspectiva de experiência interpessoal, que uma nova geração pode crescer, que se pode dar continuidade a uma tradição cultural, renovando-se e realizando, na continuidade, um progresso autêntico.

Dos sete sacramentos, segundo a visão de alguns teólogos medievais o matrimônio teria sido o primeiro que Deus instituiu, porque foi instituído já no momento da criação, no paraíso, no início da história, e antes de qualquer história humana. Por conseguinte, o sacramento do matrimônio não é invenção da Igreja.<sup>3</sup>

As diversas formas de relação entre homem e mulher se orientam para uma justa correspondência na doação de cada um e nesta entrega, o amor é o fruto do dinamismo dessa relação que os possibilita crescerem e assim nas culturas, sobretudo nas grandes culturas, vemos sempre de novo, ainda que com menor força, o desejo por parte de alguns homens e de algumas mulheres, a procura de se tornarem uma só carne pelo matrimônio.

Nas próximas páginas passaremos a trabalhar mais atentamente alguns aspectos bíblicos que são recolhidos por alguns teólogos e pelo magistério da Igreja a demonstrar que a vocação ao matrimônio é caminho pelo qual alguns homens e mulheres podem alcançar a santidade e, que por sua vez, o matrimônio é uma realidade humana, mas que carrega consigo a marca do querer próprio de Deus e posteriormente, Cristo elevará a união do homem e da mulher a um novo patamar por simbolizar o seu amor esponsal pela Igreja.

---

<sup>2</sup> FRANCISCO, PP., Audiência geral de 22 de abril de 2015.

<sup>3</sup> FLÓREZ, G., Matrimônio e família, p. 191.

## 2.1 Fundamentos bíblicos da família no AT

Desde o início da criação, o belíssimo plano de Deus para o amor humano foi inscrito em seu coração e em seu corpo, isto é, “homem e mulher os criou” (Gn 1, 27). Após Deus ter trazido o homem à existência e ter-lhe dado um hálito de vida e em seguida, tê-lo permitido dar nomes aos seres de vida sensitiva e as demais coisas criadas, a Escritura nos mostra assim a responsabilidade e cuidado que o homem é chamado para com a criação. No entanto, este não havia encontrado alguém que lhe fosse semelhante.

A partir disso, Deus não quis que o homem permanecesse sozinho, sem uma auxiliar junto de si que lhe correspondesse (Gn 2, 20). Assim, cria a mulher para o homem e ele exclama: “esta, sim, é osso de meus ossos e carne da minha carne!” (Gn 2, 23). Só a mulher é igual ao homem, é um ser humano como ele, uma companhia sobre o mesmo plano de vida. Por isso o escritor sagrado narra que esta (a mulher) seria formada da costela do homem, querendo indicar com isso uma afinidade de raça, antes de sangue.<sup>4</sup>

A relação homem-mulher é tão fundamental para a bíblia que é introduzida na determinação teológica da natureza do ser humano e até mesmo no enunciado de seu ser à imagem de Deus que, por sua vez, a família quando observada nas suas relações interpessoais onde as pessoas se doam mutuamente no amor, esta pode ser considerada igualmente como imagem e semelhança de Deus à medida da dinâmica trinitária.<sup>5</sup>

No desígnio divino, homem e mulher quando vocacionados à família como comunidade de amor, são chamados a se realizarem no dom de si mesmos através da promessa de viverem juntos, de solicitude para com outro, de modo a expressar o sentido da aliança que visa sempre a liberdade e o bem do outro, neste sentido, o homem e a mulher tornam-se semelhante a Deus na medida em que se tornam alguém que ama.<sup>6</sup> Isto não significa apenas que cada um deles, individualmente, é semelhante a Deus, enquanto ser racional e livre, significa também que o homem e a mulher, criados como “unidade dos dois” na comum humanidade, são chamados

---

<sup>4</sup> SCHILLEBEECKX, E., *Il Matrimonio: realtà terrena e mistero di salvezza*, p. 44.

<sup>5</sup> KASPER, W., *Teologia do matrimônio cristão*, p. 28.

<sup>6</sup> BENTO XVI, PP., *Pensamentos sobre a família*, p. 7.



a viver uma experiência de afinidades e, desse modo, a refletir no mundo a comunhão de amor que é própria do Deus Uno e Trino, pela qual as três Pessoas se amam no íntimo mistério da única vida divina.<sup>7</sup>

Nesta comum unidade, o homem e a mulher são chamados, desde o início, não só a existir “um ao lado do outro” ou “juntos”, mas também a existir reciprocamente “um para outro”.<sup>8</sup> Se trata substancialmente de uma sociedade sobre o plano da mesma natureza humana onde a mulher do homem é o seu *alter ego*.<sup>9</sup>

A criação alcança sua perfeição última com a realidade do casal. No relato da criação da mulher, o livro do Gênesis expressa a imensa generosidade que Deus mostra ao homem, dotando-o de uma companhia com a qual pode estabelecer uma aliança entre iguais, na medida de seus desejos, com vigor suficiente para plenificar sua visão de sentido.<sup>10</sup>

Tal união “dos dois” deve ser entendida no sentido de uma relação frutuosa que é sempre abertura ao outro, o que faz do casal humano autêntica imagem do divino. É na verdade, algo desejado e querido para ambos por parte do Criador, realidade esta que os excede, porque como reflexo do amor divino que posteriormente será manifestado e exortado ao seu povo eleito desejando ser um só com ele. Neste ponto, a realização da humanidade dos dois ocorre mediante a complementariedade do feminino e do masculino, bem como, a esta “unidade de dois”, Deus confiou a procriação e a vida da família como colaboradores na construção da própria história.

Na bíblia vem afirmado de modo explícito a natureza essencialmente dialógica da sociedade que une homem e mulher sobre um plano de absoluta igualdade. Ambos são verdadeiramente *adam*, no sentido de gênero humano, onde a cada um é atribuído o nome de “homem” e, portanto, enfatiza a dignidade de ser humano. Por isso, a expressão “uma só carne” quer dizer o homem inteiro e não se refere apenas a união puramente física; pois, no matrimônio o homem e a mulher tornam-se uma só vida.<sup>11</sup> Por isso mesmo, carrega consigo um imperativo ao casal de que cresçam e se multipliquem não somente no âmbito biológico ao gerarem novos seres humanos, mas para que os dois, a relação seja veículo de crescimento

---

<sup>7</sup> MD 7.

<sup>8</sup> MD 7.

<sup>9</sup> SCHILLEBEECKX, E., *Il Matrimonio: realtà terrena e mistero di salvezza*, p. 44.

<sup>10</sup> FLORÉZ, G., *Matrimônio e família*, p. 95.

<sup>11</sup> SCHILLEBEECKX, E., *Il Matrimonio: realtà terrena e mistero di salvezza*, p. 46.

peçoal, para aquilo que falta no masculino se complementa no feminino e vice-versa.

Ao mesmo tempo, a diferenciação sexual e a união sexual do homem e da mulher fazem parte da ordem criacional desejada e corroborada por Deus: “viu tudo o que havia feito, e tudo era muito bom” (Gn 1, 31). Em nenhuma passagem bíblica se formula a princípio, uma depreciação do sexual. Ao contrário, mesmo com a realidade do pecado por eles cometido, isso não faz do matrimônio uma dimensão meramente profana se não for retirado da sua perspectiva criatural querida por Deus e depois elevada em Cristo.<sup>12</sup>

Por essa compreensão fica-nos clara a reflexão que S. João Paulo II faz na *Mulieris Dignitatem* sobre a dimensão da relação esponsal que deve ser vivida pelo casal humano, bem como, a dignidade da qual o gênero feminino adquire pela sua singularidade como pessoa humana e do aspecto colaborativo junto ao masculino, pois não somente é dado ao homem a missão de preservar as coisas criadas, mas igualmente ao feminino é interpelado o cuidado e crescimento recíproco de ambos e da criação como um todo:

O texto bíblico fornece bases suficientes para reconhecer a igualdade essencial do homem e da mulher do ponto de vista da humanidade. Ambos, desde o início, são pessoas, à diferença dos outros seres vivos do mundo que os circunda. A mulher é um outro “eu” na comum humanidade. Desde o início aparecem como “unidade dos dois”, e isto significa a superação da solidão originária, na qual o homem não encontra um “auxiliar que lhe seja semelhante” (Gn 2, 20). Trata-se aqui do “auxiliar” só na ação, no “submeter a terra” (Gn 1, 28)? Certamente se trata da companheira da vida, com a qual o homem pode unir-se como a uma esposa, tornando-se com ela “uma só carne” e abandonando por isso “seu pai e sua mãe” (Gn 2,24). A descrição bíblica, por conseguinte, fala da instituição, por parte de Deus, do matrimônio contextualmente com a criação do homem e da mulher como condição indispensável para a transmissão da vida às novas gerações dos homens, à qual o matrimônio e o amor conjugal são, por sua natureza, ordenados: “Sede fecundos e multiplicai-vos, povoai a terra; submetei-a” (Gn 1, 28).<sup>13</sup>

Nesta relação de doação esponsal na conjugalidade dos dois, surge a família como o ventre do amor e dos valores humanos. A família é uma verdadeira escola de sociabilidade e fraternidade humana como podemos verificar em algumas passagens veterotestamentárias onde se aprende a temer a Deus e a ter respeito pelas pessoas, bem como, orientações de boa disciplina que visam a formação de caráter

<sup>12</sup> KASPER, W., Teologia do matrimônio cristão, p. 28.

<sup>13</sup> MD 6.

dos indivíduos (Dt4,9; 5,16). Neste sentido, o “multiplicai-vos” não se restringe apenas à esfera quantitativa da espécie humana, mas versa também sobre o plano pessoal das potencialidades humanas. É inegável que a fundação da família, a perpetuação do nome tinha uma grande importância em Israel. A fecundidade era considerada como a maior bênção que Deus poderia conceder a um matrimônio.

No Antigo Israel, a família era vista como instituição divina por possuir uma enorme estima, porque de geração em geração é transmitido o conhecimento da fidelidade das promessas de YHWH (Ex13,14-15). Partindo de reflexões no âmbito dos textos sapienciais naquilo que tange mais especificamente o papel familiar, podemos destacar a presença daqueles valores que se adquire na convivência fraterna das pessoas humanas que começa no amor dos pais para com os filhos, onde se transmite a sabedoria nas coisas; o temor de Deus; retidão contra o mal; paciência e domínio de si; a consideração com os menos favorecidos; a tradição familiar; o respeito pelos próprios pais e até mesmo a fidelidade conjugal e toda uma gama de outros valores (Eclo3,1-16; 7,29-30; Pr5,15-21).

Ainda na literatura sapiencial também verificamos a presença de elementos que fazem referências marcadamente ao âmbito conjugal como aqueles apresentados no livro dos cânticos dos cânticos, tendo em destaque a atração física como característica do amor humano expresso pelo desejo sexual. Tais passagens deste livro encontram sua utilização na liturgia judaica para celebrar a expressão de amor entre YHWH e o povo da aliança, numa exposição que almeja alcançar o ápice do sentimento que relaciona Deus e os seus eleitos.

O Cântico dos Cânticos, por sua vez, na beleza de seus versos celebra as características que devem marcar uma relação conjugal, isto é, uma doação mútua dos amados e a solicitude de ambos, bem como, através da manifestação daquilo que é próprio do humano na dimensão peculiar de cada um dos sexos, ou seja, o desejo pelo outro, do querer encontrar este outro “eu”, de querê-lo por perto e entrar em comunhão com este: “fala o meu amado, e me diz: ‘levanta-te, minha amada, formosa minha, vem a mim!’” (Ct 2,10).

O livro descreve o esplendor terreno do amor humano e o frescor de uma alegria que é a prova deste dom divino, enquadrando-o no cenário natural de uma bela paisagem. Por outro lado, não contém frivolidades, atribui grande valor à virgindade da amada (4,12; 8, 8-10) e identifica o verdadeiro amor com inabalável

fidelidade (8,6-7): “porque o amor é forte como a morte”.<sup>14</sup> No Cânticos dos Cânticos se canta e se celebra o amor como experiência de felicidade e plenitude humanas. Por sua vez, isso nada tem a ver com um ingênuo e eufórico sexualismo. A bíblia está consciente também da fragilidade e da tentação inerente à sexualidade do ser humano<sup>15</sup>.

Embora noutras passagens que mais nos induzem a momentos de grandes celebrações como uma festa nupcial realizada na corte real de Salomão, onde os esposos jovens enaltecem a beleza física de cada um de forma pública: “uma só é minha pomba sem defeito, uma só a preferida pela mãe que a gerou. Vendo-a, felicitam-na as jovens, louvam-na rainhas e concubinas: ‘quem é essa que desponta como a aurora, bela como a lua, fulgurante como o sol’...”, por sua vez, a literatura sapiencial não nos deixa de manifestar um maior interesse pela santidade moral e religiosa do matrimônio, ainda que não renunciando a afirmar francamente o amor do homem pela mulher.

Os jovens esposos do livro de Tobias pedem a Deus para viverem plenamente o amor, pois encontra no outro o seu devido lugar, e por isso, constituem de forma ímpar um amor livre e fecundo, ao mesmo tempo, fiel e total: “não é por prazer que tomo esta minha irmã, mas com reta intenção. Digna-te ter piedade de mim e dela e conduzir-nos juntos a uma idade avançada!” (Tb8,7). Podemos verificar o desejo de coração sincero por parte daquele que é considerado o modelo de homem e esposo o qual pode ter aprendido retos valores no seio familiar: “homem bondoso e honrado, filho de um pai excelente e ilustre, justo e caridoso [...]Que o Senhor te conceda as bênçãos do céu a ti, à tua mulher... (Tb9,6ss).

O livro de Provérbios também apresentará uma exposição da esposa ideal revelando a estima que pode ter ela com o seu marido, por tê-la como companheira adequada que lhe renderá graças diante de Deus e, sobretudo, o reconhecimento social do qual lhe será dado e glória diante de Deus por possuir a seu lado uma mulher virtuosa: “Quem encontrará a mulher de valor? Vale muito mais do que pérolas. Nela confia seu marido, e a ele não faltam riquezas” (Pr31,11).

Israel mesmo consciente do aspecto do pecado como algo próprio da existência quotidiana inclusive como algo que poderia atingir o matrimônio, mas

---

<sup>14</sup> SCHILLEBEECKX, E., *Il Matrimonio: realtà terrena e mistero di salvezza*, p. 56.

<sup>15</sup> KASPER, W., *Teologia do matrimônio cristão*, p. 28.

por causa de sua fé na bondade divina da criação divina, enxergavam-no como obra divina e, por isso, não era suscetível de críticas humanas, portanto, o matrimônio era uma instituição boa, gloriosa e abençoada por Deus.<sup>16</sup>

Até mesmo os profetas recorrem ao matrimônio como imagem para descrever a história de Deus com Israel, todavia, na maioria das vezes, em função de acusação: à magnanimidade e fidelidade pela misericórdia do marido (Javé) se opõem à ingratidão, à infidelidade e o descaramento da esposa (Israel), para expor aos olhos de Israel sua traição, mas também para anunciar o amor francamente paradoxal de Deus.<sup>17</sup>

O Antigo Testamento manifesta uma enorme franqueza e plenamente positiva para com a sexualidade humana, o matrimônio e a procriação. O amor finito e limitado entre o homem e a mulher é apenas a semelhança daquela afirmação e aceitação incondicional e definitiva do homem que só pode provir de Deus. Enquanto elementos criaturais, a sexualidade e o matrimônio nunca poderão assumir o estágio de última realidade, mas, somente, de penúltima, de modo que o matrimônio, com sua grandeza e limitações, é uma forma concreta de esperança humana na salvação e na bem-aventurança, exatamente por causa de sua própria bondade e beleza criatural que dizem respeito a alguma coisa que os transcende.<sup>18</sup> O matrimônio baseado sobre um amor exclusivo torna-se o ícone do relacionamento de um Deus que se envereda pela história humana para ser um só com seu povo e vice-versa.<sup>19</sup>

Os escritos veterotestamentários demonstra-nos assim a instituição do matrimônio segundo a visão própria do povo de Israel, sabedor de que o amor humano realizado na união do homem e da mulher era concebido antes como manifestação do querer de Deus que os introduz numa relação mais do que sponsal e, ao mesmo tempo, numa perspectiva religiosa de vida espiritual conjugal, portanto, a unidade do casal não tem apenas como única base a partilha do leito, mas também a profunda divisão da vida afetiva.

---

<sup>16</sup> SCHILLEBEECKX, E., *Il Matrimonio: realtà terrena e mistero di salvezza*, p. 51.

<sup>17</sup> NOCKE, F. *Doutrina específica dos sacramentos*, p. 205-338.

<sup>18</sup> KASPER, W., *Teologia do matrimônio cristão*, p. 28.

<sup>19</sup> DCE 11.

## 2.2 A família e o matrimônio no NT

Por sua vez, os escritos neotestamentários, aquilo que talvez mais devamos destacar seja a finalidade teológica de apresentar a presença do próprio Deus que se insere na união realizada pelo homem e mulher no qual a teologia posterior cunhará que o matrimônio foi elevado à dignidade de sacramento por Jesus Cristo.

No Novo Testamento temos passagens importantes as quais nos apresentam o contexto do surgimento da família com a presença do próprio Jesus, como por exemplo, nas bodas de Caná. Temos também toda uma teologia paulina sobre uma noção conjugal baseada na relação esponsal de Cristo-Igreja como forma de exortar aos casais das novas comunidades cristãs a enfrentarem os problemas da vida familiar. Por fim, encontramos igualmente desafios próprios enfrentados tanto por Jesus e Paulo no que diz respeito, a questão do divórcio tão incutido na mentalidade judaica da época e, concomitantemente a noção escatológica do reino de Deus apresentada em forma de núpcias.

Jesus confirma a instituição matrimonial já claramente expressa na passagem do gênesis e, assim, leva a pleno cumprimento a concepção veterotestamentária do matrimônio. O que se quer enfatizar é que tanto o matrimônio e conseqüentemente a família, possui as mesmas orientações de unidade, crescimento e complementaridade, por isso, o “homem deixa seu pai e sua mãe, se une à sua mulher, e eles se tornam uma só carne”. Nesta união do homem e da mulher tem o fundamento da família no qual posteriormente a Igreja sempre transmitirá conforme foi ratificado por Cristo (Gn1,26-27; Mt19, 5; Mc10,2-12), o que Deus uniu, o homem não deve separar.<sup>20</sup>

Nas bodas de Caná (Jo 2, 1 – 11) entrevemos pela presença de Cristo a intencionalidade de designar profeticamente o reino de Deus como uma festa nupcial celeste, sobre a base do significado salvífico do matrimônio já presente em Israel como figura da aliança divina. Poderíamos sim, sem entrarmos propriamente no aspecto jurídico-canônico que depois será desenvolvido ao longo da história da Igreja com o surgimento do direito eclesiástico, aqui de forma simples ao utilizarmos-nos apenas de uma expressão canônica, para dizer que Jesus é aquela “testemunha qualificada” por excelência que recebe o consentimento público dos

---

<sup>20</sup> CIgC 1614.

esposos e sela a sua união e o amor destes, é o próprio símbolo da aliança que Deus realiza como sinal e prova do seu amor.

Tal presença de Jesus possibilitou mais tarde para a Igreja vê nesse fato a confirmação da bondade do sacramento do matrimônio e de seu anúncio aos homens de toda época, como sinal eficaz da presença de Cristo.<sup>21</sup> A boa notícia de Jesus é que a aliança contraída pelos cônjuges é abraçada e sustentada pela aliança de Deus, que, pela fidelidade divina continua a existir mesmo quando a frágil ligação humana do amor se torna cada vez mais debilitada ou chega mesmo a morrer.

A promessa definitiva de aliança e de fidelidade de Deus busca privar o vínculo humano da arbitrariedade humana, confere-lhe solidez e estabilidade.<sup>22</sup> Como em Jesus que realça a força da benção divina sobre a união, fica-nos o intuito de quanto for possível lutarmos pelos vínculos, de modo a mostrar que Deus está presente quando há amor genuíno e assim o divórcio seja a última instância por causa da dureza dos corações.

São Paulo ao falar-nos do matrimônio versa sobre o plano da relação de amor que Cristo nutre pela Igreja e que por ela se entregou na cruz. Neste desejo de entregar-se em vista do bem de quem se ama, no caso de Cristo pela humanidade pecadora, agora aos casais é interpelado viver essa mesma atitude na união de ambos e o façam “no Senhor” (1Cor7,39). Paulo chega mesmo a dizer – coisa singular e revolucionária em toda Antiguidade, que a diferença entre o homem e a mulher já não conta para aqueles que são “um só em Cristo” (Gl 3, 28). Assim, as “tábuas domésticas” (Cl3,18-4, 1; Ef5,21-6,9; 1Pe 2,18-3,7) são um exemplo da força da fé cristã, que modifica e caracteriza as normas.<sup>23</sup>

Através desse “no Senhor”, a submissão unilateral da mulher ao homem torna-se uma relação recíproca de amor, que também caracterizará as outras relações familiares, esboçando o modelo de comportamento cristão na família, entre marido e esposa (Ef5,21-33), pais e filhos (6,1-4), senhores e escravos (6,5-9). Ao mesmo tempo, na própria epístola aos efésios se dirige também aos maridos para se entregarem pelas respectivas esposas se identificando e cuidando delas como ao próprio corpo à medida de Cristo.

---

<sup>21</sup> ClgC 1613.

<sup>22</sup> KASPER, W., O evangelho da família, p. 25.

<sup>23</sup> KASPER, W., O evangelho da família, p. 26.

Depois, Paulo termina aludindo ao relato do Gênesis e também expresso por Jesus de que a união do homem e da mulher está voltada para uma unidade de vida que ambos “se tornam uma só carne”, mistério este que consiste, portanto, inicialmente, na identificação, preocupada em amor e criadora de unidade, de Cristo com a Igreja, que é seu “corpo” (4,15s; 5,30).<sup>24</sup>

Por fim, o último livro da bíblia faz menção ao banquete nupcial do cordeiro (Ap19,7) que simboliza o estabelecimento do reino celeste onde será apresentada a esposa do cordeiro, que a Igreja entendeu como a imagem da aliança que Cristo selou na cruz com seu sangue como prova de sua liberdade para o gênero humano.

Em conclusão, na revelação bíblica, tanto do Antigo como do Novo Testamento, há um fato inexprimível: o amor de Deus pelos homens encontra, precisamente, a sua modalidade própria no vocabulário do matrimônio e da família humana. Aquela da qual estamos falando é, portanto, bem mais do que uma simples metáfora: é uma verdadeira “analogia interior e profunda”.<sup>25</sup> Este pacto de Deus com os homens encontra sua realização definitiva e insuperável em Jesus Cristo, aliança de Deus com os homens tornada pessoa.<sup>26</sup>

Ao longo deste pequeno percurso bíblico observamos que cada homem e cada mulher é um dom criado por Deus, belos por si mesmos e criados à imagem e semelhança do próprio Criador. Este dado pode ser considerado o cume da criação, sendo chamados a desempenhar uma verdadeira colaboração no encaminhamento da história para que esta encontre sua consumação no próprio Deus.

---

<sup>24</sup> NOCKE, F. Doutrina específica dos sacramentos, p. 205-338.

<sup>25</sup> RATZINGER, J., Matrimonio e famiglia nel piano di Dio. In: MELINA, L., La Familiaris Consortio. Città Del Vaticano, Liberia Editrice Vaticana, 1982, p. 77 – 88.

<sup>26</sup> KASPER, W., Teologia do matrimônio cristão, p. 30.



## 2.3

### A relação homem e mulher no sacramento do matrimônio

Em qualquer época da história da humanidade a união do homem e da mulher sempre pode ser verificada em todas as culturas e lugares como algo próprio do ser homem e do ser mulher, assim a união destes sempre foi entendida como parte da dimensão de ambos como pessoas humanas que se expressam sempre de modo relacional. Especialmente se nos detemos pelo prisma do dado antropológico, isto abrange os vários aspectos da vida humana como: biológico (a perpetuação da espécie), social (a formação da família como continuidade do clã ou da tribo) e religioso (algo querido e desejado pela divindade).

O intuito do nosso estudo não é se debruçar de maneira detalhada sobre os pormenores desse fenômeno, mas é apenas de destacar que a união destes (casal humano), é algo que sempre esteve inscrito na natureza dos mesmos e tem suas raízes em vários segmentos desde os tempos mais antigos. Quando se trata em especial do aspecto religioso-social, esta união em muitas culturas era sempre chancelada ao ser publicamente manifestada no seio da comunidade a que pertenciam e, sobretudo, celebrada por elementos específicos e reconhecidos pela mesma, possuindo assim o seu caráter legal quando realizada através de um rito religioso.

No seu desenvolvimento, daquilo que convencionalmente passamos a chamar de matrimônio foi ganhando dimensões para além da esfera cultural local e conforme este pacto do casal era reconhecido pelas autoridades legais de cada lugar, sobretudo depois pela difusão do direito positivo, este foi se formalizando e adquirindo noções jurídicas que se manifestava no âmbito dos deveres e direitos.

Então, apesar das numerosas variações a que esteve sujeito no decorrer dos séculos entre as mais diferentes culturas, estruturas sociais e perspectivas religiosas, sempre foi visto pelas ciências humanas como fenômeno próprio em quase todo e qualquer lugar. A família era compreendida como instituição, ainda que de modo muito rudimentar, unilateralmente outorgava ao homem o direito sobre a mulher e a esta geralmente lhe competia os deveres conjugais.

Podemos dizer que muitos desses fatos citados foi verificado igualmente na história do povo de Israel conforme várias fases de sua trajetória e de acordo com visão judaica própria da compreensão que se tinha do matrimônio. Já em âmbito

cristão a Igreja destacará a comum dignidade de homem e mulher e entenderá o matrimônio como uma vocação inscrita no ser de ambos e que o matrimônio não é uma instituição puramente humana.<sup>27</sup>

À luz dos ensinamentos de Cristo, a Igreja compreenderá que toda união realizada por um homem e por uma mulher será símbolo da entrega de Jesus para com sua esposa eleita e que na verdade é algo exortado e desejado por Deus. Por isso, o matrimônio traz consigo uma abertura a ser preenchida, em virtude do batismo no Espírito Santo e mediante a aliança que Jesus sela com seu sangue na cruz, tal união adquire uma perspectiva soteriológica porque encontra o seu sentido e cumprimento neste sacrifício de Jesus, porque concede aos esposos batizados a graça de se amarem com o mesmo amor com que Cristo amou sua Igreja e assim este amor que os une foi elevado à dignidade de *sacramentum*.<sup>28</sup>

Neste sentido podemos afirmar que Deus não é somente o autor próprio do matrimônio, mas é exemplo para o amor sponsal do homem e da mulher e n'Ele se encontra para além da sua origem, a finalidade própria de sua união. Concomitantemente o surgimento da família, nascem novos cidadãos da sociedade humana os quais, para perpetuar o Povo de Deus através dos tempos, se tornam filhos de Deus pela graça do Espírito Santo, no Batismo.<sup>29</sup>

A palavra *matrimoniū* tem sua origem no latim pela justaposição dos vocábulos *mater* e *munium* ou *munús*, ou seja, significando a tarefa de ser família, bem como, o serviço à maternidade pela qual pode gerar vida no seu seio. Outra etimologia possível do termo viria das expressões *coniungium* fazendo menção ao aspecto de unidade comum a que o matrimônio está voltado, já que para ambos se coloca o imperativo de serem “uma só carne”, e ou *consortium* pelo fato de dividirem o mesmo destino e/ou a mesma sorte nessa comunidade de vida a que estão dispostos a assumirem por sua união.

O matrimônio é um desígnio de Deus para aqueles que se sentem chamados a esta vocação de resplandecer o amor divino em suas vidas, de modo a expressar uma efetiva comunhão conjugal onde cada um deve ser para outro, testemunha de fé e do amor de Cristo<sup>30</sup>. O casal se abre a ser uma genuína comunidade de pessoas,

---

<sup>27</sup> CIgC 1603.

<sup>28</sup> GS 48; CIgC 1660.

<sup>29</sup> LG 11.

<sup>30</sup> LG 35.

pois a comunhão diz respeito à relação pessoal entre o eu e o tu, por sua vez, a comunidade supera este esquema na direção de uma sociedade de um “nós” que é a família, primeira sociedade humana.<sup>31</sup>

O sacramento do matrimônio é sinal da graça de Deus que age junto à escolha consciente e livre, por meio da doação total e fidelidade mútua com a qual o homem e a mulher recebem a comunidade íntima de vida e de amor, querida pelo próprio Deus que só a esta luz manifesta o seu verdadeiro significado.<sup>32</sup> A graça divina em virtude do sacramento e na livre cooperação dos cônjuges, está sempre apta a produzir os seus frutos para que no empenho de viverem uma vida a dois, e fortalecidos por ela, a vida matrimonial seja marcada pela dedicação e solicitude recíproca.

O matrimônio como proposta de um consórcio de toda uma vida exorta a doação mútua que segue a lógica da cruz de Cristo, que se realiza nos momentos de dores e sofrimentos, esforços e sacrifícios, mas que ao mesmo tempo, pode ser lugar de uma autêntica realização pessoal e conjugal, onde o indivíduo saia de si mesmo para doar-se e assim reconhecendo os seus próprios limites, esteja consciente em aceitar o cônjuge também nas suas limitações. Isto de modo algum é facilmente realizável e requer uma maturidade psicológica e uma clara compreensão do que se trata a vida matrimonial e as condições inerentes desta escolha livre que, por sua vez, implica sempre o fortalecimento do vínculo e estabilidade da união.

Ademais, sem esquecer também que o matrimônio é projeto de Deus, desejado por Ele como “lugar” que torna possível esta doação segundo a sua verdade total a qual em Cristo se revela a verdade originária do matrimônio, a “verdade do princípio”, isto é, libertando o casal da dureza do seu coração, do egoísmo e do fechamento em si mesmo.

Tornam-se capazes de realizar inteiramente esta comunhão sponsal que remonta desde as origens, ou seja, sendo obra do próprio Deus através da natureza humana e da liberdade de consentimento dos cônjuges, permanecendo como realidade indissolúvel, vínculo de justiça e de amor, ligado ao desígnio da criação. Mais tarde, com o advento da pessoa de Cristo salvador a união do casal humano pela graça de Deus foi elevado a sacramento:

---

<sup>31</sup> GrS 7.

<sup>32</sup> FC 11.

Neste sacrifício descobre-se inteiramente aquele desígnio que Deus imprimiu na humanidade do homem e da mulher, desde a sua criação; o matrimônio dos batizados torna-se assim o símbolo real da Nova e Eterna Aliança, decretada no Sangue de Cristo. O Espírito, que o Senhor infunde, doa um coração novo e torna o homem e a mulher capazes de se amarem, como Cristo nos amou. O amor conjugal atinge aquela plenitude para a qual está interiormente ordenado: a caridade conjugal, que é o modo próprio e específico com que os esposos participam e são chamados a viver a mesma caridade de Cristo que se doa sobre a Cruz.<sup>33</sup>

O matrimônio sacramento, é uma aliança de pessoas no amor. E o amor pode ser aprofundado e guardado apenas pelo Amor, aquele Amor que é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi concedido (Rm5,5).<sup>34</sup> Esta realidade não é algo de estático e muito menos mecânica, depende da mortificação diária das inclinações humanas, da oração em comum, da decisão sincera de amar e de receber o outro mesmo nas suas dificuldades. Isto se torna especialmente plausível quando sabedores e abertos à graça que os leva ao bom discernimento possibilitando-os almejam uma fecunda vida conjugal e familiar, assim reconhecendo o verdadeiro ordenamento do matrimônio ao buscarem uma coesa unidade, seja nos planos físico e espiritual.

Desta forma, darão testemunho de seu amor fiel, livre, total e fecundo, em virtude do sacramento do matrimônio, com que significam e participam no mistério da unidade do amor fecundo entre Cristo e a Igreja (Ef.5,32), os quais se auxiliam mutuamente para a santidade, pela vida conjugal e pela procriação e educação dos filhos, e têm assim, no seu estado de vida e na sua ordem, um dom próprio no Povo de Deus (cfr. 1 Cor. 7,7).<sup>35</sup> Nesta comum unidade exprimem a comunhão pela qual Deus faz cumprimento em Jesus Cristo, que torna o modelo esponsal para os casais e em virtude da sacramentalidade do seu matrimônio, os esposos estão vinculados um ao outro da maneira mais profundamente indissolúvel.<sup>36</sup>

Neste ponto, procuramos apenas delinear alguns elementos que favoreçam na compreensão do conceito de sacramento do matrimônio. Nosso intuito foi o de mostrar que mais do que uma união simplesmente humana e temporal, o matrimônio em Cristo Jesus adquiriu uma dimensão soteriológica-escatológica que está longe de ser uma convenção social, um rito vazio ou o mero sinal externo de um compromisso.

---

<sup>33</sup> FC 13.

<sup>34</sup> GrS 7.

<sup>35</sup> LG 11.

<sup>36</sup> FC 13.

Por fim, que a própria natureza da aliança indissolúvel entre o casal, exige o mútuo amor dos esposos por meio de uma maturidade psicológica para que o matrimônio conserve o vínculo e a estabilidade, como comunidade de amor e comunhão de toda a vida.<sup>37</sup> Por sua vez, a graça do sacramento é um dom para a santificação e a salvação dos esposos, porque a sua pertença recíproca é a representação real, através do sinal sacramental, da mesma relação de Cristo com a Igreja.<sup>38</sup>

---

<sup>37</sup> GS 50.

<sup>38</sup> FC 13; AL 72.

## 2.4

### A consciência do compromisso pelo sincero consentimento

O matrimônio como já comentado nestas primeiras abordagens consiste propriamente no modo relacional pelo qual um homem e uma mulher vivenciam uma verdadeira comunhão de vida através de uma doação mútua, onde os dois põem tudo em comum ao repartirem as alegrias e êxitos, bem como, nas dores e sofrimentos devem ser um para o outro, ponto de apoio e consolo para juntos enfrentarem as dificuldades próprias da vida quotidiana familiar.

Mas, para se chegar a esta etapa e verificar este quadro familiar e a sua conseqüente compreensão, faz-se necessária a realização de uma efetiva preparação prévia para com os casais, para se constatar um processo de crescimento pessoal que deveria ter suas origens já na infância, a partir da relação conjugal dos próprios pais. Assim, a primeira preparação da qual os noivos deveriam ter como referência para a sua união deveria provir da própria família de origem, como ocasião oportuna de aprofundar a compreensão de que tal vocação ao matrimônio não pode deixar de envolver uma escolha bem meditada, de modo a perceber a família como autêntica escola de formação para o verdadeiro amor.

Desta forma, a própria história de vida dos noivos no desejo de formarem uma nova família deveriam encontrar “dentro de casa” o modelo de empenho, dedicação mútua e de intimidade constante com Deus. Ou seja, cada um na própria família da qual procede pode descobrir gradualmente que um sólido matrimônio cristão não pode ser conseqüências de conveniências e nem mesmo, de mera atração sexual:<sup>39</sup>

Aprender a amar alguém não é algo que se improvisa, nem pode ser o objetivo de um breve curso antes da celebração do matrimônio. Na realidade, cada pessoa prepara-se para o matrimônio, desde o seu nascimento. Tudo o que a família lhe deu, deveria permitir-lhe aprender da própria história e torná-la capaz de um compromisso pleno e definitivo. Provavelmente os que chegam melhor preparados ao casamento são aqueles que aprenderam dos seus próprios pais o que é um matrimônio cristão, onde se escolheram um ao outro sem condições e continuam a renovar esta decisão. Neste sentido todas as atividades pastorais, que tendem a ajudar os cônjuges a crescer no amor e a viver o Evangelho na família, são uma ajuda inestimável a fim de que os seus filhos se preparem para a sua futura vida matrimonial.<sup>40</sup>

---

<sup>39</sup> CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA. Sexualidade humana: verdade e significado: orientações educativas em família, n. 27.

<sup>40</sup> AL 208.

Visto a partir do exemplo dos pais, e acolhido como alicerce do amor conjugal todo este cenário poderia ser entendido como um sinal da presença de uma espiritualidade conjugal através da fé e da oração. A partir disso, num segundo momento já no âmbito do namoro e do noivado, acompanhados por casais mais experientes, em proximidade com uma pastoral familiar e após realizado um sério e não tão breve processo de preparação matrimonial, os favoreça para que no dia da celebração, estejam conscientes do compromisso que estão assumindo pela escolha da vida matrimonial, e assim manifestarem publicamente na Igreja e através da liturgia sacramental perante toda assembleia e testemunhas, o seu livre e sincero consentimento.

Eles são os verdadeiros celebrantes ao manifestarem o seu “sim” na promessa de fidelidade à aliança que celebram perante à Igreja, conscientes de que esta não é uma simples e mera realização contratual da qual estão obrigados a cumprir, mas compreendida como uma dimensão própria e refletida do que seja a vocação ao matrimônio.

A decisão de se casar e formar uma família deve ser fruto de sério discernimento vocacional como resposta ao chamado específico de viver um amor conjugal como sinal imperfeito do amor entre Cristo e a Igreja,<sup>41</sup> fruto de duas escolhas que se manifesta por “sim te recebo” e uma só vontade em “te prometo” ao mover um sentimento de sólidos valores humanos e base cristã.<sup>42</sup>

Recentemente, o Papa Francisco destacava a importância da experiência do noivado como momento de maturação para o amor, de tempo para o conhecimento recíproco e de construção do projeto de partilha de uma vida em comum como caminhada de fé e de liberdade de um para outro, por isto dizia numa de suas reflexões:

Sim muitos casais estão juntos há muito tempo, talvez até na intimidade, por vezes convivendo, mas não se conhecem de verdade. Parece estranho, mas a experiência demonstra que é assim... A aliança de amor entre o homem e a mulher, aliança para a vida, não se improvisa, não se faz de um dia para o outro. Não há matrimônio rápido: é preciso trabalhar sobre o amor, é necessário caminhar. A aliança do amor do homem e da mulher aprende-se e aperfeiçoa-se... é uma aliança artesanal. Fazer de duas vidas uma só é quase um milagre, um milagre da liberdade e do coração, confiado à fé.<sup>43</sup>

---

<sup>41</sup> AL 72.

<sup>42</sup> CIgC 1632.

<sup>43</sup> FRANCISCO, PP., Audiência geral de 27 de maio de 2015.

Por isso, as famílias como “Igrejas domésticas” conjuntamente com a Igreja local compreendida pela paróquia por meio daqueles que exercem um trabalho de acompanhamento juntos aos casais, deveriam auxiliar aos noivos no processo de discernimento à vocação matrimonial, analisando se possível o itinerário de amadurecimento de cada um deles, no que tange ao entendimento dos elementos que são inerentes ao matrimônio: a unidade, indissolubilidade, fidelidade e fecundidade.

Neste sentido, o consentimento dos esposos carrega consigo uma importância singular, quando sobretudo estamos a falar propriamente da validade do sacramento e as suas reais consequências. Afinal, se as pessoas envolvidas não possuem uma clara consciência do compromisso por não terem recebido ou por outros motivos, se não procuraram com reta disposição e em suas ações contrariam os elementos que tornam o sacramento válido, por exemplo, a fidelidade monogâmica, estaríamos neste ponto mais a falar de nulidade do sacramento dada a relevância do consentimento dos nubentes.

Mas nosso intuito neste tópico é o de simplesmente demonstrarmos a suma importância do consentimento dos noivos sem adentrarmos nos aspectos de validade e nulidade do sacramento, por isso, o que desejamos é destacar que muitas vezes, os noivos não percebem o peso teológico e espiritual do consentimento, que ilumina o significado de todos os gestos sucessivos. É necessário salientar que aquelas palavras não podem ser reduzidas ao presente; implicam uma totalidade que inclui o futuro: “até que a morte vos separe”.<sup>44</sup>

Por fim, a Igreja e todos aqueles que se dedicam ao trabalho com os casais na intenção de acompanhá-los com sua ajuda e conselho, devem contribuir para criar os pressupostos necessários para que os noivos sejam capazes de assumirem fielmente o compromisso de viverem um verdadeiro amor conjugal, onde o êxito dos matrimônios como resultado do amadurecimento no exercício de iniciação à fé em família, seja a melhor preparação para o matrimônio que a Igreja poderá oferecer.<sup>45</sup>

Daí o sentido do consentimento em mostrar que liberdade e fidelidade não se opõem, aliás apoiam-se reciprocamente nas relações interpessoais, bem este que

---

<sup>44</sup> AL 214.

<sup>45</sup> KASPER, W., Teologia do matrimônio cristão, p. 20.



nasce na família e se desenvolve especialmente na presença dos filhos e é um bem comum tanto à sociedade e à Igreja.<sup>46</sup>

---

<sup>46</sup> GrS 10; AL 214.

## 2.5 A unidade e indissolubilidade do matrimônio

Neste ponto, trabalharemos os aspectos da unidade e da indissolubilidade que são também comumente chamados de essenciais ao matrimônio, dada a importância pela qual apresentamos no ponto anterior, de um consentimento pleno por parte do casal, onde a partir do “sim” dos noivos na livre promessa de exclusiva fidelidade e amor, de compartilharem uma inteira vida conjugal de dedicação de um para com outro, é o que nos possibilita falar da existência concreta do sacramento.

Ademais, tal vínculo conjugal que se fundamenta no sincero consentimento dos contraentes e, sobretudo, quando consumado na união de seus corpos, não pode ser desfeito por nenhuma autoridade humana em virtude da sacramentalidade do seu matrimônio, no qual os esposos estão vinculados um ao outro da maneira mais profundamente indissolúvel. Deste modo, esta pertença recíproca é a representação real, através do sinal sacramental, da mesma relação de Cristo com a Igreja.<sup>47</sup>

Para falarmos de unidade e indissolubilidade no matrimônio isto pressupõe a exclusividade monogâmica, até porque se não há esta clara compreensão desde a formação pré-matrimonial até o momento presente da celebração e quotidianamente construída na vida conjugal, se colocaria diante de nós a questão da validade e nulidade do sacramento e suas implicações canônicas e, ao mesmo tempo, as numerosas realidades pastorais nas quais se faz necessário analisar caso por caso: desde o perdão por um adultério no curso da vida matrimonial ou até mesmo uma triste e dolorosa separação se um dos cônjuges conscientemente ou não, procura viver uma poligamia por relacionamentos extraconjugais.

Somente a partir do desejo de exclusiva fidelidade mútua podemos falar de matrimônio como sacramento porque assim pressupõe a fé e a aceitação das características peculiares próprias do matrimônio, ou seja, a unidade e a indissolubilidade como consequência direta da fidelidade<sup>48</sup>. Sim, isto é parte de um longo processo de formação que deve alcançar homens e mulheres diante da relevância pública e eclesial com que dão o seu “sim”, porque deve haver uma séria responsabilidade para com quem se está prometendo fidelidade, de modo a não lhe causar traumas e garantir a estabilidade do vínculo.

---

<sup>47</sup> FC 13.

<sup>48</sup> KASPER, W., O evangelho da família, p. 41.

A unidade realiza-se em virtude do desígnio do próprio Deus, que os criou homem e mulher, dando-lhes o poder de unir para sempre aquelas dimensões naturais e complementares das suas pessoas a partir da mutua entrega que fazem de si. Já a indissolubilidade consiste no cumprimento da unidade que se perpetua no tempo de vida matrimonial até a morte de um dos cônjuges. Assim, podemos entender porque a partir da fidelidade no consentimento, estas duas dimensões são chamadas de essenciais, porque tão interligadas entre si constituem dois aspectos de uma mesma realidade.

Sim, a união do homem e da mulher no seu aspecto natural nasceu do desejo de Deus Criador e por isso mesmo mostra a dignidade da mesma e deve ter seu reconhecido valor. Todavia, neste ponto, não podemos somente mencionarmos o que seria o aspecto mais jurídico-positivo da validade de um matrimônio, devemos igualmente destacar que o matrimônio quando especialmente celebrado por dois batizados, é concomitantemente elevado pela graça propiciada por Cristo emergindo assim da dimensão meramente humana-criatural para dimensão soteriológica<sup>49</sup>.

Por ser expressão do autêntico amor sponsal de Cristo, tal comunhão humana é confirmada, purificada e aperfeiçoada pela comunhão em Jesus Cristo, concedida pela graça do sacramento do matrimônio.<sup>50</sup> Nesta mesma perspectiva de raciocínio os Papas Bento XVI e S. João Paulo II expuseram que a juridicidade essencial do matrimônio reside exatamente neste vínculo, que para o homem e a mulher representa uma exigência de justiça e de amor ao qual, para o seu bem e para o bem de todos, eles não se podem subtrair sem contradizer aquilo que o próprio Deus realizou neles,<sup>51</sup> por isso, a indissolubilidade do matrimônio não deriva do compromisso definitivo dos contraentes, é antes intrínseca à natureza do poderoso vínculo estabelecido pelo Criador.<sup>52</sup>

Tais propriedades na fidelidade do casal são fortalecidas por esta graça sponsal de Cristo, conferindo-lhes uma particular estabilidade e firmeza que faz especialmente aos batizados serem a imagem da união entre Cristo e a Igreja, corroborados e consagrados pelo sacramento, para os deveres e a dignidade de seu

---

<sup>49</sup> KASPER, W., Teologia do matrimônio cristão. p. 5.

<sup>50</sup> CIGC 1644.

<sup>51</sup> BENTO XVI, PP., Discurso de 27 de janeiro de 2007 por ocasião do ano judiciário do tribunal da rota romana.

<sup>52</sup> JOÃO PAULO II, PP., Audiência geral de 21 de novembro de 1979.

estado matrimonial<sup>53</sup> e somente sob esse prisma se compreende a verdadeira concepção cristã do matrimônio.

Assim, a unidade do matrimônio consiste no desejo de comunhão, e isto não significa fusão de um com o outro, como se qualquer individualidade fosse apagada, e sim, proximidade máxima em simultânea independência máxima.<sup>54</sup> Há certamente a questão das inclinações próprias da natureza humana de dominar e explorar o outro, inclusive naquilo que compete ao âmbito sexual. Eis o valor da graça do sacramento do matrimônio que robustece e aperfeiçoa o amor do casal, para que o desejo de se unir ao outro possa ser verificado por um *eros* que impele o ser humano no matrimônio, a uma ligação caracterizada pela unicidade e para sempre, deste modo, e somente assim, é que se realiza a finalidade íntima do matrimônio.<sup>55</sup>

Mortificar tais inclinações só tenderá a crescer e fortalecer o casal toda vez que enfrentar os desafios de uma existência não centrada em si mesmo, pois, assim o matrimônio está voltado para que o homem e a mulher nas suas aspirações mais profundas possam encontrar um amor que os une interiormente.<sup>56</sup> A exortação *Familiaris Consortio* já nos apresentava o real sentido de uma unidade indivisível da comunhão conjugal:

Esta comunhão conjugal radica-se na complementariedade natural que existe entre o homem e a mulher e alimenta-se mediante a vontade pessoal dos esposos de dividir, num projeto de vida integral, o que têm e o que são: por isso, tal comunhão é fruto e sinal de uma exigência profundamente humana. Mas, em Cristo, Deus assume esta exigência humana, confirma-a, purifica-a e eleva-a, conduzindo-a à perfeição com o sacramento do matrimônio.<sup>57</sup>

Uma vida no amor também não significa um estado paradisíaco de harmonia e ausência de conflitos, e, sim, a procura por soluções de conflito, de reinício no perdão, aceitação do ser diferente e de suportar certa estranheza permanente que se está sujeito pelas vicissitudes de todo sentimento humano:

A alegria matrimonial, que se pode viver mesmo no meio do sofrimento, implica aceitar que o matrimônio é uma combinação necessária de alegrias e fadigas, de

---

<sup>53</sup> GS 48.

<sup>54</sup> NOCKE, F. Doutrina específica dos sacramentos, p. 205-338.

<sup>55</sup> DCE 11.

<sup>56</sup> NOCKE, F. Doutrina específica dos sacramentos, p. 205-338.

<sup>57</sup> FC 19.

tensões e repouso, de sofrimentos e libertações, de satisfações e buscas, de aborrecimentos e prazeres, sempre no caminho da amizade que impele os esposos a cuidarem um do outro: prestam-se recíproca ajuda e serviço.<sup>58</sup>

O *eros* (a fascinação que uma pessoa exerce sobre a outra e o desejo de união) constituindo uma dimensão essencial do amor, não significa se apossar do outro e sim de doar-se e pertencer-se exclusivamente ao outro, de dar e receber o amor do outro como dom próprio da união matrimonial. Nesta unidade conjugal está o ápice da realidade matrimonial, o núcleo do “mistério” que acontece na relação do casal humano. Já não são dois, mas uma só carne e são chamados a crescer continuamente nesta comunhão mediante a fidelidade quotidiana à promessa matrimonial do recíproco dom total.<sup>59</sup>

O “sim” proferido pelo casal deve transmitir a certeza de que serão veículos de uma graça que lhes confere ser o sinal do mesmo amor esponsal que Cristo nutre pela Igreja. Por isso, ao expressarem publicamente pelas palavras e os gestos transformam-se numa linguagem que manifesta a fé, tornam-se em virtude da ação de Deus, ministros do sacramento, conscientes de que, no pacto conjugal, se manifesta e realiza o mistério.<sup>60</sup>

À luz da teologia matrimonial, a união do casal que tem sua origem na vontade do Criador e que se torna efetiva com a graça de Jesus Cristo conferida a partir da livre vontade dos contraentes e consumado pelos mesmos, torna-se em virtude do batismo deles, o vínculo do casal de maneira definitiva. Isto possibilita-os adquirir tamanha singularidade como uma realidade que não pode ser desfeita, algo que deriva do próprio significado sacramental do matrimônio, propriedade essencial do matrimônio cristão que é a indissolubilidade.<sup>61</sup>

Ao mesmo tempo, sinal de estabilidade não só para o casal, mas que se estende como estabilidade da família, sobretudo, pela presença de um amor construído e amadurecido que se mostra fecundo e que ao mesmo tempo possibilita crescimento entre ambos. Desta maneira cada um é impelido a fazer dom de si mesmo para gerar vida em favor de quem se ama e nesta recíproca entrega,

---

<sup>58</sup> AL 126.

<sup>59</sup> FC 19.

<sup>60</sup> AL 213.

<sup>61</sup> FLÓREZ, G., Matrimônio e família, p. 246; CIgC 1640.

manifesta-se o caráter esponsal do amor, porque a indissolubilidade do matrimônio deriva da essência de tal dom: dom da pessoa à pessoa.<sup>62</sup>

Noutro momento abordaremos algumas situações de uniões matrimoniais que aparentemente contradizem o significado do matrimônio e que, na prática, constituem um prejuízo tanto para os esposos como para os filhos. Eis um dos grandes desafios pastorais que reside em como conciliar esta doutrina com tal realidade.<sup>63</sup> Em síntese, a unidade e a indissolubilidade são conseqüências diretas da promessa de fidelidade exclusiva.

---

<sup>62</sup> GrS 11.

<sup>63</sup> FLÓREZ, G., Matrimônio e família, p.247

## 2.6 A Sexualidade do casal

A sexualidade é algo inerente na natureza humana e é próprio de toda pessoa ter a sua dimensão sexual. É algo que não lhe é acessório ou extrínseco, pelo contrário, a dimensão sexual da pessoa humana marca profundamente a maneira com a qual ela irá se relacionar com o outro e com o mundo, expressando-se naquilo que lhe compete de mais específico, tanto no campo biológico-antropológico, bem como, no espiritual. Por este motivo, a sexualidade não constitui uma determinação parcial, mas um dado fundamental do ser humano que deixa sua marca até mesmo em suas realizações espirituais mais sublimes.<sup>64</sup>

A sexualidade é algo que deve ser compreendido muito além daquilo que seria propriamente a faculdade de uso dos órgãos genitais do homem e da mulher, sobretudo, restringindo-a sobre o aspecto do ato conjugal exercido na relação humana. A sexualidade humana é mais do que isso, ela não está ao lado do nosso ser pessoa, mas pertence-lhe. Só quando a sexualidade se integra na pessoa, consegue dar um sentido a si mesma.<sup>65</sup>

No seu duplo gênero, significando que não foi criado como algo uno e simples, o homem e a mulher foram dados por Deus um ao outro, pois, estes devem completar-se e apoiar-se, comprazer-se e encontrar alegria um no outro, entretanto, sabendo que não são simplesmente iguais. Esta capacidade característica do ser humano enquanto pessoa, apesar de existir uma modulação distinta verificada entre os sexos desde a sua parte afetiva-cognitiva até outras realidades mais restritas à corporeidade, ambos participam de modo igual na capacidade de viver na verdade e no amor.

Apesar de somaticamente diferentes, isto é, de pertencer ao sexo masculino ou do sexo feminino, essa complementaridade é algo que os precede significando que esta “unidualidade” está apontada para completude no outro que, por sinal, comunga da mesma dignidade do ser e do agir. Neste ponto já nos dizia o Papa S. João Paulo II:

Ambos são, igualmente, pessoas. Esta sua constituição, com a dignidade específica que daí deriva, define desde “o princípio” as características do bem comum da

---

<sup>64</sup> KASPER, W., A teologia do matrimônio cristão, p. 19.

<sup>65</sup> BENTO XVI, PP., Audiência geral de 6 de junho de 2005.

humanidade, em todas as suas dimensões e âmbitos da vida. A este bem comum, ambos, o homem a mulher, dão o próprio contributo, graças ao qual se constata, nas próprias raízes da convivência humana, o caráter de comunhão e complementaridade.<sup>66</sup>

A reta ordenação da sexualidade não passa por inibição ou repressão, mas a partir de um autêntico humanismo que não faz do outro mero instrumento para se alcançar o simples prazer, mas se apoia especialmente na perspectiva de se amarem reciprocamente, de se complementarem e reconhecerem a dignidade de cada um, constituindo assim uma intersubjetividade para os ambos os sexos, como frutos próprios do progresso da cultura.

A biologia, por sua vez, não é suficiente para fazer conhecer e definir o ser humano, mas oferece os primeiros dados a respeito daquilo que o homem é, à luz do processo que determina sua geração e através dos elementos físicos que o constituem.<sup>67</sup> Todavia, a parte corporal do homem e da mulher tem, por conseguinte, por assim dizer, um caráter teológico, não é simplesmente corpo, e o que é biológico no homem não é só biológico, mas expressão e cumprimento da nossa humanidade.<sup>68</sup> Por isso, nossos corpos não podem ser considerados como meros cabides onde se “pendura” a alma e tocar no corpo do outro é tocar igualmente na sua pessoa.

Como dissemos anteriormente, a sexualidade não somente deve ser entendida pelo uso dos órgãos sexuais, no entanto, a genitalidade é também parte constitutiva da pessoa, especialmente na dimensão do casal que, quando extraída desse quadro, o uso da sexualidade perde seu genuíno significado humano por ter como viés a simples manipulação egoísta do corpo sem considerar à dignidade da própria pessoa humana.

A vida matrimonial deveria ser a ocasião oportuna e concomitantemente mais plena para a vivência daquele momento de profunda comunicação entre os dois sexos, do qual onde ambos orientam a sua sexualidade no contexto querido e definido por Deus, diferentemente do que se verifica em nossos dias por uma cultura que valoriza acima de tudo o prazer e onde a sexualidade nestes casos não passa de um instrumento-meio para se alcançar uma satisfação hedonista imediata e sem nenhum tipo de consideração e valor pela dignidade do outro.

---

<sup>66</sup> GrS 6.

<sup>67</sup> FLÓREZ, G., Matrimônio e família, p. 16.

<sup>68</sup> BENTO XVI, PP., Audiência geral de 6 de junho de 2005.



Por isso, há uma urgente necessidade de uma autêntica educação sexual, especialmente para com os jovens que se encontram mais imersos dentro dessa cultura que lhes diz que é necessário extrair todos os prazeres possíveis de sua corporalidade. Isso os leva a um entendimento de mundo a explorar, acarretando-lhes uma vida de comportamentos desregrados e desprovida de autocontrole porque não lhes foi ensinado os devidos valores das coisas e especialmente o respeito e cuidado pelas pessoas que não devem ser vistas como meios para se alcançar os fins que se deseja.

Neste ponto, falta-lhes inculcar as responsabilidades de seus atos, instruções que deveriam ser realizadas primariamente pelos pais, quando não por vezes também faltou-lhes uma formação nos retos valores. Assim, os jovens quando não percebem o exemplo dos próprios pais, muitas das vezes permanecem órfãos de caminhos seguros para percorrer, sem mestres nos quais confiar, órfãos de ideais que aqueçam o coração, órfãos de valores e de esperanças que os amparem diariamente.

O Papa Francisco, diga-se de passagem, tem exortado aos pais a não se “exilarem” da educação dos filhos, diferenciando-lhes aquilo que é justo e bom por ser um valor porque se apoia na verdade, ao contrário, daquilo que não passa de puro egoísmo e permissividade. Ele destaca que os jovens talvez estejam cercados de ídolos em abundância, mas lhes é roubado o coração, estimulados a sonhar divertimentos e prazeres:

Nos nossos dias, a honra da fidelidade à promessa da vida familiar parece muito enfraquecida. Por um lado, porque um direito mal compreendido de procurar a própria satisfação, a qualquer preço e em qualquer relação, é exaltado como um princípio inegociável de liberdade. Por outro, porque os vínculos da vida de relação e do compromisso pelo bem comum se confiam exclusivamente à constrição da lei... Nenhuma escola pode ensinar a verdade do amor, se a família não o fizer. Nenhuma lei pode impor a beleza e a herança deste tesouro da dignidade humana, se o vínculo pessoal entre amor e geração não for escrito na nossa carne.<sup>69</sup>

Estamos destacando que é importante o papel da família, sobretudo, a responsabilidade dos pais naquilo que compete a formação dos indivíduos abrangendo o seu todo, em especial a educação sexual. É importante ressaltar a necessidade de entender a sexualidade não como repressão e inibição como já dito

---

<sup>69</sup> FRANCISCO, PP., Audiência geral de 21 de outubro de 2015.

anteriormente, bem como, permissividade ou puritanismo, pois, igualmente não geram no indivíduo maturidade para os aspectos inerentes à sexualidade, no que tange a um frutuoso exercício da mesma.

Uma autêntica formação sexual visa o respeito da dignidade do outro, porque o reconhece como pessoa, seja ela do sexo masculino ou feminino. Por este motivo, alguém só será capaz de chegar a este ponto, se se autoperceber como único e valioso por si mesmo; se pôde aprender nas relações interpessoais, especialmente na família, a beleza da convivência entre as diferentes pessoas e acolher as particularidades de cada uma e fazer disso um aprendizado.

Por isso, enquanto modalidade de se relacionar e se abrir aos outros, a sexualidade tem como fim intrínseco o amor, mais precisamente o amor como doação e acolhimento, como dar e receber.<sup>70</sup> Desta forma, a vida conjugal e familiar, numa concepção formadora e de recepção das diferenças que se deveria adquirir na família, exige que os cônjuges se reconheçam sujeitos que têm direitos, mas também deveres para com a sociedade e a Igreja. A intimidade familiar não seja concebida como intimismo fechado em si mesmo, e sim, como capacidade de interiorizar as riquezas humanas e cristãs, ingênicas na vida matrimonial em vista de uma doação cada vez maior aos outros.<sup>71</sup>

Toda esta exposição sobre a sexualidade é importante em nossa época, porque cada vez mais, muitos não se percebem que estão despreparados para a realidade matrimonial e acabam muitas das vezes, não por maldade, mas em virtude da ausência de uma compreensão de que a sexualidade no matrimônio não está restrita a atividade sexual. Embora essa vivência tenha a sua devida e valiosa importância através da qual favorece a unidade do casal, deve estar precedida pelo carinho, proximidade e atenção com o cônjuge, para que isto sirva de construção para a intimidade conjugal e assim se chegar ao ato sexual propriamente.

Numa analogia, quando alguém procura construir um edifício, este com plena sensatez deveria realizá-lo a partir de um projeto e, partir disso, utilizando-se de materiais de qualidade e comprovadamente seguros e confiáveis, procura empregá-los com devida responsabilidade, e somente depois disso adentra no ambiente

---

<sup>70</sup> CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA. Sexualidade humana: verdade e significado: orientações educativas em família, n. 11.

<sup>71</sup> CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA. Preparação para o sacramento do matrimônio, n. 38.

construído porque durante o processo se respeitou as etapas da construção, isso é o que permite a credibilidade da construção. Por que na intimidade conjugal deveria ser diferente? É igualmente importante a formação da educação sexual com uma conjunta construção da intimidade conjugal.

É por meio da afetividade humana marcadamente ligada ao corpo que homem e mulher expressam-se mutuamente e, ao mesmo tempo o específico do masculino e do feminino. Podemos dizer que nesta compreensão reside o verdadeiro significado e finalidade da sexualidade, que se exprime na pertença do homem ao mundo corporal e biológico, tornando-se pessoal e verdadeiramente humana quando é integrada na relação de pessoa a pessoa, na doação mútua integral e temporalmente ilimitada do homem e da mulher.<sup>72</sup>

Encontramos na *Familiaris Consortio* uma ênfase dada a importância de se compreender os aspectos que levam os cônjuges a viverem uma autêntica sexualidade humana, especialmente aos jovens que se preparam ao matrimônio exortando-os sobre os perigos hodiernos, instâncias seculares que não valorizam a família e a dignidade humana:

Diante de uma cultura que “banaliza” em grande parte a sexualidade humana, porque a interpreta e a vive de maneira limitada e empobrecida coligando-a unicamente ao corpo e ao prazer egoístico, o serviço educativo dos pais deve dirigir-se com firmeza para uma cultura sexual que seja verdadeira e plenamente pessoal. A sexualidade, de fato, é uma riqueza de toda a pessoa - corpo, sentimento e alma - e manifesta o seu significado íntimo ao levar a pessoa ao dom de si no amor ... As mudanças verificadas no seio de quase todas as sociedades modernas exigem que não só a família, mas também a sociedade e a Igreja se empenhem no esforço de preparar adequadamente os jovens para as responsabilidades do seu futuro... Esta catequese renovada de todos os que se preparam para o matrimônio cristão é absolutamente necessária, para que o sacramento seja celebrado e vivido com retas disposições morais e espirituais. A formação religiosa dos jovens deverá ser integrada, no momento conveniente e segundo as várias exigências concretas, numa preparação para a vida a dois que, apresentando o matrimônio como uma relação interpessoal do homem e da mulher em contínuo desenvolvimento.<sup>73</sup>

Demonstrando estar na mesma perspectiva, a *Amoris Laetitia* recolhe o fundamento da sexualidade que tem sua base na união matrimonial do casal fortalecida por amor fecundo que possibilita aos cônjuges experimentarem a graça do sacramento e fazendo-os romper com qualquer tipo de egoísmo:

---

<sup>72</sup> ClgC 2337.

<sup>73</sup> FC 38; 66

Vivida de modo humano e santificada pelo sacramento, a união sexual é, por sua vez, caminho de crescimento na vida da graça para os esposos. É o “mistério nupcial”. O valor da união dos corpos está expresso nas palavras do consentimento, pelas quais se acolheram e doaram reciprocamente para partilhar a vida toda. Estas palavras conferem um significado à sexualidade, libertando-a de qualquer ambiguidade... A sexualidade “ordena-se para o amor conjugal do homem e da mulher”... Desde o início, o amor rejeita qualquer impulso para se fechar em si mesmo, e abre-se a uma fecundidade que o prolonga para além da sua própria existência.<sup>74</sup>

A Igreja tem o papel de se fazer próxima das realidades quotidianas das famílias e no que toca mais precisamente as circunstâncias enfrentadas pelos casais, para encaminhá-los para a profundidade do amor como algo deixado por Deus ao ser humano, sobretudo, no âmbito sponsal vivido no matrimônio.

Portanto, a sexualidade, não é qualquer coisa de puramente biológico, mas refere-se antes ao núcleo íntimo da pessoa. O uso da sexualidade como doação física tem a sua verdade e atinge o seu pleno significado quando é expressão da doação pessoal do homem e da mulher até à morte.<sup>75</sup> O amor humano abarca também o corpo e o corpo exprime também o amor espiritual.

O sacramento do matrimônio cristão é vocação, é o lugar de realização da sexualidade, lugar de experiência da fecundidade na doação, caminho de crescimento na vida cristã, para que a sexualidade esteja integrada num caminho de santidade, em virtude da graça de Deus que propicia assim um vínculo reforçado na sua indissolúvel unidade.

Por fim, a sexualidade versada sobre o plano da relação conjugal e realizada de forma plenamente humana, dentro de uma dimensão de amizade conjugal, ou seja, alicerçada no conhecimento e no dom sponsal recíproco no intuito de se edificar um “lar seguro” para a afetividade por parte de ambos, torna-se uma forma singular de expressar o verdadeiro sentido da realidade do ser humano e igualmente de sua sexualidade.

---

<sup>74</sup> AL 74; 80

<sup>75</sup> CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA. Sexualidade humana: verdade e significado: orientações educativas em família, n. 30.

## 2.7 A dimensão da fecundidade alargada

A fecundidade conjugal traduzida pelo nascimento de cada filho conduz o casal a uma nova estrada que os interpela a ir para além daquilo que já tinham realizado anteriormente, porque cada filho que nasce é continuamente o exercício de não se fechar em si mesmo, de não procurar somente os próprios interesses e colocar-se sempre numa dinâmica altruísta, de inserir-se e respeitar o tempo do outro e as suas respectivas limitações. Nesse sentido, não há situação mais propícia do que a maternidade e a paternidade, porque especialmente nesta vocação de gerar, se ama sem esperar nada em troca.

Sem dúvida, o dom recíproco do homem e da mulher não tem como único fim o nascimento dos filhos, mas é em si mesmo mútua comunhão de amor e de vida. Neste ponto, a fecundidade vai muito além das capacidades de reprodução humana e, portanto, a fecundidade do matrimônio não pode estar fundamentada unicamente em razões biológicas. Mas, se a natureza do amor supõe um despojamento de si mesmo, então um amor verdadeiro não pode pretender fechar-se em si mesmo; antes, deverá buscar uma realização, objetivação e incorporação em um terceiro comum a ambos.<sup>76</sup>

No matrimônio os esposos são chamados a esse cuidado recíproco onde ambos cuidam uns dos outros, especialmente os pais para com os filhos, mas isto engloba vários outros setores da pessoa humana: amadurecimento pessoal, aspecto psíquico, origem familiar, sentido de alteridade, só para citar alguns. Isto exigirá deste indivíduo o desempenhar de funções conjugais e, sobretudo, com o advento dos filhos uma preparação sólida, que comumente se pode chamar de paternidade-maternidade responsável.

Em muitos parágrafos o Papa João Paulo II sempre desejou exaltar a responsabilidade dos pais quando no ato de gerar uma nova vida, uma vez que nisto realiza-se igualmente o bem comum não somente dos cônjuges, mas ao mesmo tempo, o bem da família que concomitantemente é o bem da sociedade. Destacamos, por exemplo, na *Familiaris Consortio* quando diz exatamente que a fecundidade do casal, mesmo entendida no âmbito especificamente humano não é somente a procriação dos filhos e acrescenta que ela se enriquece e simultaneamente

---

<sup>76</sup> KASPER, W., A Teologia do matrimônio cristão, p. 21

alarga-se para além do casal por frutos na vida moral, espiritual e sobrenatural por parte dos pais aos filhos, e através deles para à Igreja e ao mundo.<sup>77</sup>

Neste tocante, o amor genuíno não manipula, não abandona, porque sabe que ao desistir de amar se está desistindo de si mesmo, desistindo de doar-se. São Paulo na primeira carta aos coríntios atenta-nos para as verdadeiras atitudes de um amor que se realiza a partir do outro, porque este tudo espera e sabe se reinventar diariamente nesta capacidade de partir sempre ao encontro do outro (1Cor13). Jesus antes já mencionava a derradeira realização a qual amor está ordenado que é gerar vida porque não há amor maior do que entregar-se a si mesmo para que o outro viva.

Os casais, por sua vez, quando abertos à vida, também são impelidos a este amor heroico que não busca os próprios interesses, por isso, o amor conjugal não se esgota no interior do próprio casal. Os cônjuges, enquanto se doam entre si, doam para além de si mesmos a realidade do filho, reflexo vivo do seu amor, sinal permanente da unidade conjugal e síntese viva e indissociável do ser pai e mãe.<sup>78</sup>

Nesta mesma linha de raciocínio o Papa Francisco exalta que uma família que se fecha em si mesma é uma contradição, uma mortificação da promessa que a fez nascer e a faz viver... a identidade da família é sempre uma promessa que se alarga e se estende a toda a família e também a toda humanidade.<sup>79</sup> O Papa Bento XVI noutra ocasião se referia desta forma ao mesmo tópico ao abordar o “sim” dos pais, dizia que eles quando geram ou adotam filhos, exalta-se a dimensão de crescimento sponsal e familiar manifestado na doação total de si:

O pai e a mãe deram-se um "sim" total diante de Deus, o qual constitui a base do sacramento que os une; do mesmo modo, para que a relação interna da família seja completa, é necessário que digam também um "sim" de aceitação aos seus filhos, aos que geraram ou adotaram e que têm a sua própria personalidade e caráter. Assim, eles irão crescendo num clima de aceitação e amor, e é de se desejar que ao alcançar uma maturidade suficiente queiram dar, por sua vez, um "sim" a quem lhes deu a vida.<sup>80</sup>

O matrimônio é lugar especial para a realização da fecundidade humana. Implica a responsabilidade mútua na transmissão do dom divino de gerar a vida e

---

<sup>77</sup> FC 28.

<sup>78</sup> AL 165.

<sup>79</sup> FRANCISCO, PP., Audiência geral de 21 de outubro de 2015.

<sup>80</sup> BENTO XVI, PP., Audiência geral de 09 de fevereiro de 2008.

oferecer um ambiente estável no qual a nova vida pode crescer e florescer. O matrimônio na Igreja, isto é, o sacramento do matrimônio, participa de modo especial no mistério do amor eterno de Deus porque é semelhança de um amor que dá origem a uma nova vida.<sup>81</sup>

Cada novo ser humano que vem ao mundo por meio de seus pais, mesmo que para alguns não tão conscientes desta dimensão, Deus por meio destes realiza algo que é próprio do ser divino gerador de vida, ou seja, segundo a ordem da criação, o amor conjugal entre um homem e uma mulher e a transmissão da vida estão ordenados reciprocamente (Gn1,27-28).<sup>82</sup>

A convivência conjugal prévia a todo filho deveria ser sempre momento oportuno de constantemente superar o outro na solicitude, na atenção e no amor. Por isso o genuíno amor esponsal carrega consigo toda uma potencialidade ilimitada de expandir-se, de alargar este sentimento de que o “eu” sempre seja precedido pelo “nós”.

É importante dizermos que isto de modo algum, é algo que extingue a individualidade de cada um dos cônjuges, muito pelo contrário. Portanto, o filho, como fruto do amor mútuo, não é um elemento acrescentado, de maneira externa e acidental, como se fosse um corpo estranho, ao amor compartilhado dos cônjuges; constitui, antes, sua realização e plenitude.<sup>83</sup>

Por isso, o ser pai e o ser mãe implica uma excelsa dignidade para os esposos porque Deus no seu sapientíssimo e libérrimo desígnio os chamou nessa singular “dupla unidade” humana a serem portadores de uma característica divina, que é a gerar vida dentro de si numa semelhante relação de pessoas. E mesmo que faltem os filhos, a fecundidade do casal não está exclusivamente ligada à procriação, mas atrelada ao acolhimento de alguém. A fecundidade no matrimônio deve ser vista como coparticipação na obra criadora de Deus.

Eis, o valor urgente dos casais também sem filhos em virtude de uma esterilidade, que por meio da adoção prestam um serviço social, porque um casal de esposos que experimenta o amor sabe-se chamado a sarar as feridas daqueles que são desprovidos de tudo. Eles não ficam à espera, mas saem de si mesmo à

---

<sup>81</sup> FRANCISCO, PP., Encontro com as autoridades, a sociedade civil e o corpo diplomático por ocasião do IX Encontro mundial das famílias na Irlanda em 25 de agosto de 2018.

<sup>82</sup> AL 81.

<sup>83</sup> KASPER, W., A Teologia do matrimônio cristão, p. 21

procura da solidariedade, estabelecendo uma cultura de encontro e gerando frutos de justiça.<sup>84</sup> Dentro das limitações humanas são colaboradores de Deus no serviço de gerar e acolher à vida<sup>85</sup>

---

<sup>84</sup> FC 14; AL 181-183.

<sup>85</sup> EV 43.



## 2.8 Fidelidade e Felicidade construídas no cotidiano

Neste último ponto que encerra nossa primeira parte do trabalho abordaremos uma das instâncias mais importantes para a manutenção de um relacionamento conjugal, mas buscaremos ir mais além do que a palavra a fidelidade implica no senso comum.

Desta forma, quando anteriormente discorremos sobre a fidelidade como condição inerente e ato primordial que nos possibilita falar da existência de um matrimônio válido, destacamos a capacidade de livremente expressar-se o próprio consentimento por uma escolha consciente pelo outro e assim prometer-lhe a segurança e garantia da liberdade e fidelidade por ambas as partes, bem como, o cumprimento no amar-se e respeitar-se todos os dias como pleno exercício desta liberdade.

Assim, há quem poderia dizer comumente que a fidelidade passa pelo fato de que determinada pessoa não venha se relacionar com outra além do seu próprio cônjuge. De fato, tal realidade de modo algum pode ser negligenciada ou esquecida e está correta, se temos em vista, um quadro conjugal de relação monogâmica. Porém, focar apenas neste aspecto consistiria numa visão limitada e pobre da noção de fidelidade conjugal a qual deve trazer consigo em primeiro lugar a ideia de liberdade

À primeira vista, para alguns poderia até soar contraditório tal dimensão, se para os mesmos está patente a compreensão de que a fidelidade consiste somente no fato de que determinada pessoa é posse exclusiva de outra e que todas as ações desta, passa pelo aval do cônjuge. Para isso, talvez seja necessário fazer uma distinção entre liberdade (confiança) e libertinagem (falta de bom senso), sendo a primeira ligada a responsabilidade conjugal, o respeito e o amor entre os cônjuges. Já a segunda se refere a uma permissividade desenfreada, na qual se busca numa atitude egoísta somente de satisfazer todo e qualquer desejo e, inclusive, tornar o outro simples objeto a manipular.

Em síntese, entramos no núcleo da verdade evangélica sobre a liberdade que não pode ser entendida como faculdade de fazer o que quer seja, significando dom de si. Mais: significa disciplina interior do dom.<sup>86</sup>Por isso, uma legítima promessa

---

<sup>86</sup> GrS 14.

de fidelidade proferida com plena liberdade é algo que se insere permanentemente na história dos seres humanos. Trata-se aqui de uma determinação ontológica de tipo intersubjetivo realizada na e pela liberdade, através da qual dois seres humanos em sua união e por causa dela encontram seu “estado” definitivo.<sup>87</sup>

É a partir disso que o Papa Francisco no último encontro mundial com as famílias na Irlanda, nos apresenta uma bela reflexão sobre a fidelidade conjugal expressa na liberdade e acima de tudo com amor, ou seja, é uma escolha de caráter definitivo, que se importa com o outro e que, por isso, não pode brincar com outro e não se pode deixar levar por mera atração física, assim, a fidelidade é o sim responsável de todos os dias de “casar novamente” com a mesma pessoa:

E existe a tentação de que aquele “por toda a vida” que direis um ao outro, se transforme e, com o tempo, morra. Se o amor não se faz crescer com o amor, dura pouco. Aquele “por toda a vida” é um compromisso que deve crescer com o amor, porque no amor não existe provisório. Caso contrário, é chamado entusiasmo, chama-se, não sei, encantamento, mas o “amor amor” é definitivo, é um “eu e tu”. Como se diz entre nós, é a “metade da laranja”: tu és a minha metade da laranja, eu sou a tua metade da laranja. O amor é assim: tudo por toda a vida.<sup>88</sup>

Ademais, junto à dimensão do amor encontramos um símbolo muito significativo que congrega tanto o elemento do amor, como o da liberdade: que é a aliança. Na história dos homens, a fidelidade de Deus nas suas promessas de que não abandona o seu povo eleito sempre se realizou por meio de alianças.

O fazer aliança é expressão do amor divino, porque toda aliança tem uma finalidade que é precisamente a liberdade de quem se ama. Israel encontrou durante toda sua história, mesmo em momentos de infidelidade, um Deus fiel às suas promessas à aliança para que Israel fosse livre.

Walter Kasper é muito preciso ao demonstrar a dimensão salvífica que os cônjuges alcançam em seu matrimônio, porque toda aliança celebrada por Deus e diante d’Ele, possui um caráter libertador e definitivo, onde para o casal humano a fidelidade em sua união assemelhar-se-á na fidelidade divina:

Esta aliança desejada por Deus entre o homem e a mulher é ao mesmo tempo imagem e, sobretudo, atualização da aliança definitiva que Deus concretizou com o ser humano, em Jesus Cristo, uma semelhança do amor e da fidelidade de Deus para

<sup>87</sup> KASPER, W., A teologia do matrimônio cristão, p. 25

<sup>88</sup> FRANCISCO, PP., Encontro com as autoridades, a sociedade civil e o corpo diplomático por ocasião do IX Encontro mundial das famílias na Irlanda em 25 de agosto de 2018.

com homem. Assim a realidade criatural do matrimônio entre cristãos constitui também uma realidade salvífica.<sup>89</sup>

Na nova e definitiva aliança realizada em Jesus Cristo na relação de amor com Deus Pai, a união matrimonial a qual homem e mulher realizam em virtude de uma graça específica, doada por Cristo na cruz, como já ressaltado, tal união é elevada à dignidade de sacramento. Tudo isso deve estar para além de uma visão meramente romântica sentimentalista, e é acima de tudo, um compromisso sério e responsável por parte do casal que manifesta diante de Deus e publicamente para a sociedade o seu sim, e deste símbolo tira todo o seu significado, no qual homem e mulher deveriam chegar à celebração com as devidas disposições para bem celebrá-lo.

O grande desafio pastoral é de apresentar este quadro e seu significado como uma proposta e não meramente um fardo para o casal, mas a partir de uma percepção de caminho para a felicidade a que o matrimônio está destinado, como bem para o casal e de toda família. É necessário que ambos enxerguem um valor e sentido nesta escolha que para sua validade deverá ser livre, consciente e, sobretudo, definitiva para o amor a que são chamados e se expresse numa fidelidade quotidiana nos pequenos gestos diários.

O matrimônio como instituição não é, por conseguinte, uma ingerência indevida da sociedade ou da autoridade, a imposição externa de uma forma na realidade mais privada que é a vida; ao contrário, é exigência intrínseca do pacto de amor conjugal e da profundidade da pessoa humana. Ao mesmo tempo, a felicidade conjugal não é apenas uma meta de realização a ser alcançada e sim um processo de construção contínua nas vicissitudes da vida quotidiana.<sup>90</sup>

Outro fenômeno visto é o de que muitos dos que ainda se casam, em certas circunstâncias vivem juntos, mas não “estão juntos”! Falta-lhes a conversa e parceria como disse o Papa Francisco recentemente que, para se resolver as suas problemáticas de relação, o homem e a mulher devem falar mais entre si, ouvir-se e conhecer-se mais, amar-se mais. Devem tratar-se com respeito e cooperar com amizade. Afirma o Papa que só com estas bases humanas, sustentadas pela graça de Deus, é possível programar a união matrimonial e familiar para a vida inteira.<sup>91</sup>

---

<sup>89</sup> KASPER, W., A teologia do matrimônio cristão, p. 5

<sup>90</sup> BENTO XVI, PP., Audiência geral de 27 de janeiro de 2007.

<sup>91</sup> FRANCISCO, PP., Audiência geral de 15 de abril de 2015.

O diálogo é a modalidade privilegiada e indispensável para a vida conjugal. O crescimento na capacidade de amar vai se construindo aos poucos quando se reserva o tempo de qualidade e favorece a luta contra uma cultura que promove aos cônjuges e à família no seu todo um individualismo que se constrói segundo os próprios desejos como recorda alguns trechos da exortação *Amoris Laetitia*, procurando fazer de cada membro da família uma espécie de “ilha”.<sup>92</sup>

Embora noutro ponto do documento há também uma ressalva igualmente importante sobre o ideal do matrimônio que não pode configurar-se apenas como uma doação generosa e sacrificada, onde cada um renuncia a qualquer necessidade pessoal e se preocupa apenas por fazer o bem ao outro, sem satisfação alguma. Por sua vez, o problema que parece ser mais recorrente em nossos dias é o extremo oposto onde há uma má idealização no que tange a liberdade de escolher, onde se projeta a vida visando só o melhor de si mesmo, mas fora de objetivos nobres e disciplina pessoal, gerando na verdade, uma incapacidade de se dar generosamente.<sup>93</sup>

Com efeito, nenhum de nós pertence exclusivamente a si mesmo, portanto, cada um está chamado a assumir no mais íntimo de si a própria responsabilidade pública de se reconhecer que não se é autossuficiente. Desta forma, quem deseja um amor verdadeiro também sabe receber do outro, é capaz de se aceitar como vulnerável e necessitado e não renuncia a receber com gratidão sincera e feliz, as expressões corporais do amor na carícia, no abraço, no beijo e na união sexual.<sup>94</sup>

Infelizmente, o que temos presenciado é uma procura pela felicidade muito subjetivada que procura atender aos anseios mais particulares, o que aos poucos vai minando a dinâmica conjugal. Talvez seja uma profunda incompreensão de que no matrimônio a divisão da vida com suas perdas e conquistas torna-se a equação necessária para o êxito da relação: o sucesso de cada um deveria ser entendido como sucesso dos dois pela mútua ajuda e companheirismo que se prestam um ao outro.

Certamente ninguém opta pelo matrimônio para ser infeliz, mas os mais otimistas casam-se para fazer o outro feliz. Como já dito, isto não é puro altruísmo, mas clara consciência que no matrimônio entra-se numa dimensão relacional, onde o cônjuge é alguém com quem sempre se deve estar em referência, ou seja, na

---

<sup>92</sup> AL 33; 136.

<sup>93</sup> AL 33.

<sup>94</sup> AL 157.

alegria e na tristeza... o que talvez seja o mais desafiador de toda realidade matrimonial: fazer da individualidade de cada um que permanece inalterada como sujeito, mas numa dinâmica a dois, de ouvir e acolher a pessoa do outro e assim os pronomes “meu” e “seu” cada vez mais dê lugar ao “nosso”.

Estamos conscientes de tudo que abordamos até o presente capítulo parecem-nos muitas vezes um quadro utópico, alguns poderiam até alegar de certo romantismo dado o nosso cenário atual de grandes dificuldades e incompreensões a partir das situações a que temos nos deparado sobre a situação dos casais nos dias de hoje, mas o nosso intuito despretensioso até aqui foi o de demonstrar, sobretudo, a beleza do sacramento do matrimônio e em tudo no que ele se baseia e o que lhe dá sentido.

Por isso, procuramos apresentar uma teologia sobre o matrimônio enquanto sacramento instituído pelo próprio Cristo e que está alicerçado nos princípios do consentimento que se expressa na promessa de fidelidade, de modo que cada cônjuge seja feliz pela escolha de compartilhar toda sua vida ao lado de outra pessoa.

Pela fecundidade na qual se abre pela geração à vida como sinal do amor esponsal e que não se restringe apenas ao casal no âmbito da procriação, mas igualmente na experiência fecunda quando todos os membros da família podem prestar um grande serviço para o bem da sociedade como lugar de crescimento pessoal e pela obtenção de bons valores humanos na convivência a partir de um estilo familiar, especialmente pelo exemplo conjugal dos próprios pais e por relações fraternas entre as pessoas, bem como, no acolhimento à vida nas situações onde ela se encontra fragilizada.

Apresentamos o matrimônio como obra querida de Deus na qual homem e mulher encontram uma justa correspondência naquilo que compete o específico de cada sexo e destinados a se complementarem no que tange a singular dignidade de pessoas humanas e a partir da sua união, por espelharem o amor que Deus na pessoa de Cristo se faz doação para quem se ama.

Por isso, a importância da formação pré-matrimonial ainda de maneira mais especial neste nosso tempo, dadas as inúmeras adversidades e os consequentes traumas que os casais e as famílias têm passado e concomitantemente afetando o anúncio do evangelho, porque nestes casos a Igreja precisa cuidar das feridas que

surtem no seio das famílias pelos problemas que muitas das vezes têm origem antes mesmo de sua formação.

Estes elementos nos preparam para um momento segundo no qual nos caberá abordar as últimas mudanças verificadas especialmente no século passado pelo concílio Vaticano II quando houve uma necessária mudança de perspectiva na compreensão da família no mundo atual e a preocupação da Igreja para com os casais e, sobretudo, o bem-estar e futuro da família.

Procuraremos assim recolher novas perspectivas entendidas pela Igreja como sujeito próprio que se autoevangeliza por preservar os valores cristãos e no desenvolvimento pessoal de cada membro, que por sua vez, será posteriormente capaz de propagar os mesmos valores em meio à sociedade. Ou seja, a nova compreensão do urgente papel da família como um agente ativo da evangelização que propicia à sociedade e à Igreja um testemunho do evangelho e do valor da família.

Vamos ao mesmo tempo apresentar a partir do Concílio Vaticano II o contributo de todos os pontífices desde o Papa Paulo VI até o Papa Francisco naquilo que cada um dentro do seu tempo se pronunciou a respeito do matrimônio e sobre a situação das famílias. Neste arco de tempo, se destacam a encíclicas *Humanae Vitae* de Paulo VI; as exortações *Familiaris Consortio* de João Paulo II e mais recentemente a *Amoris Laetitia* do Papa Francisco, estas por sua vez, elaboradas como frutos de sínodos dos bispos precisamente em atenção por parte de toda Igreja às situações das famílias no mundo cada vez mais secularizado.

Mas o que intencionamos destacar até este ponto foi o valor da instituição do matrimônio por Deus é de que não há mudança na doutrina da Igreja para este sacramento, não há ruptura entre as duas exortações, e sim de que a abordagem pastoral de cada uma delas está de acordo com sua respectiva época. Por isso, é necessária uma releitura da mais atual para compreender os desafios de hoje à luz dos desafios já encontrados no tempo do pós-concílio Vaticano II e abordados pelo sínodo de 1980 que deu origem a *Familiaris Consortio*.

As circunstâncias atuais exigem-nos abordagens contextuais, que se encarne nos problemas conjugais dos indivíduos e na busca de propiciar um cenário de maior compreensão do ser família e do significado da união matrimonial. Em virtude disso, trabalharemos mais adiante, de modo especial, com elementos da *Familiaris Consortio* e de *Amoris Laetitia* que nos possibilitem enxergar um

aspecto de continuidade entre as duas exortações, mesmo com um tempo de 35 anos de diferença onde o mundo mudou...

Em conclusão, apresentamos que a essência do matrimônio não mudou: porque a união no amor e entrega que pelo direito com que se doam esposo e esposa convergem a ponto de fazer com que devam um ao outro o amor o que espontaneamente desejam para si mesmos: ou seja, o amor como fruto do seu livre desejo o bem do outro e dos filhos; o que, de resto, é também exigência do amor em relação ao verdadeiro bem de si próprio.<sup>95</sup>

---

<sup>95</sup> BENTO XVI, PP., Audiência geral de 27 de Janeiro de 2007.

### 3 A atenção do Magistério com a família a partir do Concílio Vaticano II

Antes mesmo do Concílio Vaticano II (1962-1965) o matrimônio ao longo de toda história sempre esteve no horizonte de preocupação da Igreja, mesmo que em muitos momentos entendido mais como um contrato versado no seu aspecto jurídico-canônico, no entanto, é igualmente inegável o fato de que em muitas situações tinha-se em vista, o desejo de preservar tanto a noção sacramental do matrimônio na sua analogia da relação esponsal por meio da aliança indissolúvel entre Cristo e a Igreja, bem como, um viés moral que trazia consigo grandes preocupações no âmbito teológico e pastoral.

Na bula *Exsultate Deo* sobre a união com os armênios no concílio de Florença (1431 – 1445) presidido pelo futuro Papa Eugênio IV, tratou sobre várias questões teológicas, onde é reafirmada a doutrina dos sacramentos aludindo, por exemplo, a visão paulina para fundamentar a validade sacramental do matrimônio no símbolo da união de Cristo para com a Igreja. Nesta ocasião já se abordava questões sobre a eficácia do sacramento como: consentimento expresso de forma pública; os bens e os deveres próprios do matrimônio; a fidelidade conjugal e a indissolubilidade.<sup>96</sup>

Mais tarde no concílio de Trento no contexto da reforma protestante em meio aos questionamentos suscitados por Lutero sobre a doutrina dos sacramentos, os padres conciliares no decreto *Tametsi* expõem a doutrina e os cânones sobre o sacramento do matrimônio visando referências tanto da Sagrada Escritura e da Tradição da Igreja, e buscam fundamentar a dignidade do matrimônio como união natural do homem e da mulher que é elevado a sacramento por Cristo e, desta forma, refutar as exposições daqueles que se mostraram contrários à importância e validade do matrimônio.<sup>97</sup>

---

<sup>96</sup> DH1327: O sétimo é o sacramento do matrimônio, símbolo da união de Cristo e da Igreja, segundo as palavras do apóstolo: “este mistério é grande, digo em referência a Cristo e à Igreja [Ef 5, 32]. Causa eficiente do sacramento é, segundo a regra, o mútuo consentimento expresso em palavras e presencialmente. Atribui-se ao matrimônio um bem tríplice. O primeiro consiste em aceitar a prole e educa-la para o culto de Deus; o segundo, na fidelidade que um cônjuge deve observar em relação ao outro; terceiro, na indissolubilidade do matrimônio, porque esta significa a união indissolúvel de Cristo e da Igreja. De fato, se bem que, por motivo de fornicção, seja permitido a separação de cama, não é permitido, porém, contrair outro matrimônio, pois o vínculo do matrimônio legitimamente contraído é perpétuo.

<sup>97</sup> DH1799-1800: Ora, a graça que levou à perfeição aquele amor natural, confirmou a unidade indissolúvel e santificou os cônjuges, o próprio Cristo, que instituiu e levou à perfeição os veneráveis sacramentos a mereceu para nós por sua paixão. Ao que o Apóstolo Paulo acenou, dizendo: “Varões,



Já no século XIX, o Papa Leão XIII em 10 de fevereiro de 1880 publica em Roma uma encíclica sobre a família chamada *Arcanum Divinae Sapientiae*. O documento aborda os problemas pelos quais já passava a família por aquela época, tecendo uma forte crítica sobre o divórcio e se tornando uma referência para vários documentos posteriores da Igreja Católica sobre a Família.

Outro Papa que escreve sobre a família foi Pio XI que, em 31 de dezembro de 1930 promulga a *Casti Connubii*. Reafirma a santidade do matrimônio; expressa clara proibição por parte dos católicos pelo o uso de qualquer forma artificial de controle de natalidade e reitera a proibição do aborto. A encíclica enfatiza a santidade do matrimônio afirmando que é um bem em si e uma vocação através da qual a vida conjugal pode ser caminho de santidade tanto quanto o celibato. Afirma que o ato conjugal deve sempre estar aberto à vida e não deve ser manipulado o poder de gerar a vida deliberadamente.

A encíclica ratifica a posição do magistério da Igreja que se opõe ao adultério e ao divórcio. Aborda sobre a autoridade da doutrina da Igreja em questões de moral e advoga a cooperação entre o poder civil e a Igreja. Por sua posição fortemente oposta à contracepção mediante o controle de natalidade por meios artificiais, é uma espécie de preâmbulo, considerada até como documento de referência para a *Humanae vitae* de Paulo VI e que representam bem o ensino do Magistério da Igreja sobre a matéria.

No entanto, será o Concílio Vaticano II na década de 60 convocado pelo Papa João XXIII e concluído com Paulo VI em reunião com os padres conciliares quem se debruçará mais sobre a dimensão do papel da família no mundo do século XX em meio ao advento das ciências modernas, num cenário de intensa globalização e pós-guerras. Em meio a um ambiente paradoxal, quer ao nível interno quer ao nível externo da Igreja, muitos sentiam a necessidade de a Igreja encontrar uma nova postura para enfrentar o mundo moderno.

---

amai vossas esposas, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela” [Ef 5,25], acrescentando em seguida: “É grande este sacramento, eu o digo, porém, em Cristo e na Igreja” [Ef 5,32]. Como, portanto, o matrimônio na lei evangélica por meio de Cristo supera em graça os antigos casamentos, nossos Santos Padres, os Concílios e a tradição da Igreja universal sempre ensinaram que, com razão, deve ser contado entre os sacramentos da Nova Lei. Contra isso, homens ímpios deste século, delirando, não só opinaram depravadamente sobre este venerável sacramento, mas, conforme seu costume, introduzindo sob o pretexto do Evangelho a liberdade da carne, afirmaram, por escrito e por palavras, não sem grande dano dos fiéis cristãos, muitas coisas estranhas ao sentir da Igreja católica e ao costume aprovado desde os tempos dos Apóstolos.

Nas próximas páginas, nos deteremos sobre a mudança de perspectiva pastoral por parte da Igreja em decorrência das profundas transformações socioculturais, econômicas e da mídia que causaram forte influência, no que diz respeito, ao comportamento humano na forma de enxergar a própria inteligência; a ética e a moral; na sua forma de relações interpessoais, sobretudo, as relações conjugais e familiares.

O concílio destacou a importância do ser humano e das consequências de suas ações a nível social, procurando levar à compreensão da doutrina de que tudo ligado ao homem foi verdadeiramente assumido por Cristo, elevado e redimido por Ele em sua obra redentora, inclusive, a família e o matrimônio. A partir disso, houve por parte da Igreja uma necessidade de nova compreensão sobre o papel da família e de demonstrar a sacramentalidade do matrimônio.

A Igreja no Vaticano II nasce como que vontade e ação do Espírito Santo junto ao Papa João XXIII que pensava no concílio como um “novo Pentecostes”, uma oportunidade de nova experiência espiritual que reconstituiria a Igreja Católica não apenas como instituição, mas sim como um movimento de nova evangelização. A finalidade do concílio consistia em promover o incremento da fé católica e uma saudável renovação dos costumes do povo cristão, e adaptar a disciplina eclesial às condições do mundo moderno. Por outras palavras, o Concílio pretendia o *aggiornamento* (atualização e abertura) da Igreja.

Em seguida, procuraremos apresentar uma série de reflexões dos Papas que estão na esteira do Concílio Vaticano II. O primeiro deles é o Papa Paulo VI e a sua encíclica *Humanae Vitae* que se preocupou prioritariamente em promover maior esclarecimento sobre a dimensão sexual dos casais no âmbito da fecundidade, exortando de que se utilizassem dos métodos naturais para o controle da natalidade e de que se afastassem de meios artificiais para que não incorressem em graves faltas morais. Há ainda uma forte crítica no campo político aos governos por questões demográficas que colocam o aborto e o uso de métodos contraceptivos como solução para a regulação do número de filhos por parte dos casais e aos homens da ciência que não prestam um correto esclarecimento dos ritmos biológicos presentes na natureza humana para o controle da natalidade nos casais.

Já sobre o Papa João Paulo II abordaremos alguns pontos que buscam mostrar o apreço e zelo pastoral do pontífice polonês na proximidade com os casais e as famílias. Daremos destaque para alguns documentos, de modo especial, a exortação

pós-sinodal *Familiaris Consortio* que foi por mais de três décadas o documento referência para doutrina e pastoralidade da Igreja no tema de preparação ao sacramento do matrimônio e acompanhamento familiar. Na continuidade, apresentaremos uma exposição do pensamento do Papa Bento XVI sobre a família e a singularidade da dimensão do amor conjugal e, por fim, o Papa Francisco até o presente momento de seu ministério pontifício acerca da ênfase por seu desejo de discernimento pastoral na atual situação dos casais.

### 3.1

## Um novo olhar pastoral sobre o papel da família: *Gaudium et Spes*

O mundo contemporâneo apresentara-nos desde a época do concílio até os nossos dias, inúmeras contradições já expostas pelo próprio Vaticano II, pois, deparamo-nos como uma sociedade humana desejosa de autossuficiência, quando muitos almejam e procuram ser capazes de renunciar a Deus para assim viverem efetivamente conforme suas próprias orientações e escala de valores, pois, a então chamada cultura moderna destacara a autonomia humana.

Sim, os padres conciliares se preocuparam em apontar a diretriz pelo qual a Igreja precisava e deve sempre considerar no que tange a promoção da cultura, tendo-a como principal tarefa mesmo em meio aos problemas que atingem de maneira muito particular o gênero humano. Desta maneira, neste contexto cultural, a Igreja deveria procurar inserir o ser humano como protagonista de uma autêntica atividade cultural.<sup>98</sup>

Isso, porque ainda verificamos igualmente em tantas e tantas ocasiões, cenários de violências e guerras, situações de extrema miséria e, sobretudo, de vazio existencial e solidão, quando muitos vivem “complexos de culpa”, porque não conseguem abrir diálogo. Além disso, há uma cultura de indiferença social profundamente acentuada em nossos tempos, porque muitas vezes se está ao lado de alguém e não se encontra por parte da outra pessoa, o exercício da escuta.

O concílio, por sua vez, quis exaltar especialmente a condição do ser humano em relação a tudo que foi criado por Deus, sobretudo, destaca-o em sua excelsa dignidade de pessoa e por Cristo ter assumido a condição humana, recapitulando todas as esferas que realizam plenamente a vida do homem, ou seja, a família, a cultura, a história de sua comunidade (povo). Segundo o Vaticano II a Igreja em qualquer época, deve dar testemunho que todas as instâncias da vida desse homem devem ser interpretadas à luz da centralidade da cruz de Cristo e de seu mistério pascal, para que o homem possa realizar sua vocação no amor de Deus e em comunhão com Ele.

O *aggiornamento* ardentemente desejado pelo Papa João XXIII ao convocar o concílio e quando se chegou ao seu fim já com o Papa Paulo VI no encargo do

---

<sup>98</sup> GS 53-62.

ministério petrino, a atualização do agir missionário da Igreja tem na *Gaudium et Spes* o resultado de um documento longa e cuidadosamente elaborado e considerado em seu conjunto, onde a dimensão pastoral se apresenta como fruto de uma dolorosa e fecunda gestação, considerada por alguns autores, como ponto culminante da trajetória das seções conciliares porque procura mostrar que todas as realidades existentes no mundo devem estar a serviço do homem, como seu centro e termo.<sup>99</sup>

Na primeira parte da constituição pastoral há uma clara preocupação de que a Igreja não fique mais como mera espectadora da história, mas que atue mais concretamente nas situações e promova uma ajuda ainda mais efetiva ao gênero humano propiciando-lhe maior consciência de uma ética alicerçada em princípios humanos para se alcançar o resultado de uma ordem social e justa. Por sua vez, a segunda parte do documento além de abordar a questões que envolvem a família abrangendo situações como adultério, poligamia, aborto e questões demográficas, ao mesmo tempo, se interessa por cada ser humano em particular, sobretudo, os casos de graves injustiças sociais como fome e miséria.

Por isso, segundo a compreensão do concílio o papel o qual a Igreja deve desempenhar junto ao mundo consiste em proclamar o anúncio da pessoa de Jesus, Deus conosco, por ter se feito próximo a nós e de que somente n'Ele o homem pode ser vivificado na vida plena do Espírito Santo, de modo que todos caminhem em direção à perfeição final da história humana, que corresponde plenamente ao desígnio de amor redentor prometido por Cristo: 'recapitular todas as coisas em Cristo, tanto as do céu como as da terra' (Ef 1, 10).<sup>100</sup>

A transmissão do evangelho de Jesus por parte da Igreja é sua missão primordial para que seja possível a cada homem e mulher, uma formação integral de sua respectiva pessoa a partir do modelo e exemplo de Jesus Cristo como menciona o concílio: aquele que segue Cristo, o Homem perfeito, torna-se também ele mais homem".<sup>101</sup> Aqui, uma das compreensões a que se chegou, expressa na constituição *Gaudium et Spes* é que se tal "autonomia humana" antes mencionada leva a pensar que "as coisas criadas não dependem de Deus e, por sua vez, a pessoa

---

<sup>99</sup> SANTANA, L.F.R., O mistério pascal segundo à ótica da *Gaudium Et Spes*, p. 92-100.

<sup>100</sup> GS 45.

<sup>101</sup> GS 41.

humana as pode usufruir sem as relacionar com o Criador”, desta forma, surge um desequilíbrio profundo já que a criatura distante do Criador perde o seu sentido.<sup>102</sup>

Neste ponto, estão inseridos também o matrimônio e a família com sua devida relevância, seja desde a realidade sexualmente diferenciada do homem e da mulher, com suas profundas exigências de complementaridade, de doação definitiva e de exclusividade baseada na aliança dos cônjuges como íntima comunidade conjugal de vida e de amor. Assim, a família que nasce a partir do matrimônio não é senão sinal da relação de amor sponsal de Cristo com a Igreja, constituindo, desta maneira, a verdade da fé que ilumina o conhecimento humano para a realidade sobre o matrimônio.

Assim, se delinea já a partir do Vaticano II onde não somente a *Gaudium et Spes* recolhe tal dado, mas que está presente de igual maneira em outros documentos oriundos do concílio, é de que a Igreja está impelida a compartilhar as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias de todo ser humano por está unida com toda a família humana e ser parte da mesma, a qual sempre necessita da salvação de Cristo, homem novo.

Por isso o concílio se dirige a todos os homens para iluminar a problemática humana, porque a Igreja é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em direção ao reino de Deus, depositária da mensagem de salvação para comunica-la ao mundo inteiro. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história:

...testemunhando e expondo a fé do Povo de Deus por Cristo congregado, não pode manifestar mais eloquentemente a sua solidariedade, respeito e amor para com a inteira família humana, na qual está inserido, do que estabelecendo com ela diálogo sobre esses vários problemas, aportando a luz do Evangelho e pondo à disposição do gênero humano as energias salvadoras que a Igreja, conduzida pelo Espírito Santo, recebe do seu Fundador. Trata-se, com efeito, de salvar a pessoa do homem e de restaurar a sociedade humana.<sup>103</sup>

Ou seja, a todo momento não há um posicionamento alheio ao mundo externo, o movimento é de abertura e de encontro, de dialogar com esse homem contemporâneo e ir ao seu contexto com suas façanhas intelectuais, para leva-lo

---

<sup>102</sup> GS 36.

<sup>103</sup> GS 3.

simultaneamente ao conhecimento de que sua inteligência é querida e doada por Deus, a qual deve estar ao serviço do bem comum. Assim, a correta evangelização, portanto, é uma estrada de duas mãos, de intercâmbio entre a Igreja e as culturas contemporâneas. E na atividade pastoral não bastam apenas os princípios teológicos, mas também o auxílio de ciências humanas, como a psicologia e a sociologia, para conduzir os fiéis a uma vida de fé mais pura e adulta.<sup>104</sup>

Portanto, quer o Concílio, à luz de Cristo, imagem de Deus invisível e primogênito de toda a criação, dirigir-se a todos, para iluminar o mistério do homem e cooperar na solução das principais questões do nosso tempo. Somente Jesus Cristo, é a resposta e solução da problemática humana segundo o Vaticano II, de mostrar que ele (ser humano) é capaz de grandes realizações verificadas por seu domínio da técnica e evoluções no campo da ciência, e que por isso, está a esse modo, chamado a contribuir na criação de Deus.

Eis, o horizonte da perspectiva pastoral da Igreja elucidada pelo concílio, de que anunciar ao homem contemporâneo que a verdadeira liberdade humana passa uma ordem social e ética que respeite a dignidade humana, resultando num amor que respeita a natureza do homem; de aproximar-se do seu semelhante superando uma ética individualista por uma participativa e responsável atividade humana. Desta forma, a Igreja cumpre e continua a atividade do Verbo Encarnado ao ajudar o homem e toda a sociedade humana a desenvolver-se, superando as dores do pecado a dirigir-se a sua altíssima vocação de filhos de Deus.

Em síntese, reconhece-se a necessidade premente de buscar, acima de tudo, “o Reino de Deus e a sua justiça”, para que homens e mulheres reconheçam e recebam a mensagem de Cristo. Por isso, a Igreja deve se utilizar mais do remédio da misericórdia do que o da severidade, julgando satisfazer melhor às necessidades de hoje mostrando a validade da sua doutrina do que renovando condenações.<sup>105</sup>

Ao encerrar-se com a promulgação da constituição pastoral, o concílio parece tomar consciência do “único necessário” para a Igreja e cristãos: pregar, anunciar e celebrar o mistério pascal; nisso, aliás, consiste o cerne da missão apostólica, a Igreja gestada pelo Concílio Vaticano II é enviada aos homens de hoje, sobretudo aos pobres, aos que sofrem, aos que creem e aos que não creem, a fim de lhes

<sup>104</sup> LIMA, L.C., O bem do matrimônio e da família: na *Gaudium Et Spes* e hoje, p. 119-135.

<sup>105</sup> LOPES, G., *Gaudium et Spes*: texto e comentário, p. 8.

anunciar o Cristo em seu Mistério Pascal, o Unificador e recapitulador de todas as coisas.<sup>106</sup>

Cristo é a chave hermenêutica do novo agir missionário para o Concílio Vaticano II, tão bem destacado na *Gaudium et Spes* representando a passagem de uma Igreja mais voltada para si mesma a uma Igreja voltada para o mundo. Toda uma eclesiologia e pastoral-comunitária tem n'Ele o seu ponto de chegada, porque a encarnação de Cristo em vista da salvação do gênero humano irrompe a presença desse Reino que está ligado à sua pessoa, “Ele está no meio de nós”.

Nesse papel missionário da Igreja em acompanhar as alegrias e dores, os êxitos e os fracassos da sociedade moderna, está a família impelida a ter parte nesse processo de nova evangelização. Porque nela se congregam as diferentes gerações que se ajudam reciprocamente a alcançar uma sabedoria mais plena diante das exigências sociais cada vez mais desafiadoras, por isso, o concílio destaca a dignidade do matrimônio e entende a família como mais um “agente” ativo de levar o *querigma* do evangelho de Jesus Cristo.

O modelo de família apresentado pela Igreja continua sendo a instituição fundada sobre a união indissolúvel e exclusiva entre um homem e mulher, vista como fundamento da sociedade, escola da valorização humana e lugar da cultura do amor e respeito pela vida, como comunidade devendo ser protegida por parte de todos os cristãos, juntamente com todos que por ela tem grande estima, no auxílio do casal como cônjuges e na função de pais.<sup>107</sup>

O concílio exalta a dignidade do sacramento e o valor do ato matrimonial, na dimensão esponsal a que os nubentes se entregam e reciprocamente estão associados um ao outro de modo indissolúvel e abertos à vida, no entanto, o matrimônio não está instituído somente em ordem à procriação e concomitantemente guiados por sua consciência, pelo Evangelho e pelas orientações da Igreja são responsáveis por fazerem seu amor alcançar a maturidade e com o advento dos filhos possam ser estes educados convenientemente na fé.<sup>108</sup>

Ao mesmo tempo, o Vaticano II enfatiza na constituição *Gaudium et Spes*, a intrínseca relação que há entre o amor conjugal autêntico que se associa ao amor divino com que Cristo propicia ao casal por sua força e graça redentora. Assim,

---

<sup>106</sup> SANTANA, L.F.R., O mistério pascal segundo à ótica da *Gaudium Et Spes* 22, p. 92-100.

<sup>107</sup> GS 47.

<sup>108</sup> GS 49 e GS 50.



fortalecidos na missão de ser família, o matrimônio tem sua gênese no projeto originário e querido por Deus, fundado e dotado de leis próprias pelo Criador, tendo Deus como seu autor. A união pelo sacramento do matrimônio não coaduna com o divórcio e a poligamia porque os esposos devem se fortalecer na graça de Cristo para que levem uma vida santa, requer-se uma virtude notável em cultivar e robustecer o amor conjugal mediante a oração e do espírito de sacrifício.<sup>109</sup>

Porque anunciar o evangelho é a vocação primordial da Igreja, bem como, o matrimônio também é uma vocação a amar-se exclusivamente, por isso, a Igreja deve colaborar para que se anuncie a beleza do amor familiar. A tarefa primária da instituição familiar é o anúncio da beleza da vocação para o amor, que é também muito benéfica para a sociedade. A família, por isso, é colocada como fonte de vida para a pastoral da Igreja.<sup>110</sup>

Em conclusão, o Vaticano II marca uma virada de época da Igreja. Isto não significa de modo algum romper com o passado e, acima de tudo, com a sua doutrina. Descreve uma Igreja em marcha, confrontando-se consigo mesma, com os elementos que a compunham no seu interior, refletindo sobre a hierarquia, a liturgia, a centralidade da Sagrada Escritura, estendendo também este seu esforço de compreensão em evangelizar este mundo no qual se insere e ao qual tem a tarefa de levar o fermento vivo de Cristo.<sup>111</sup>

O Vaticano II desejava ser uma mudança de direção por parte da Igreja, uma Igreja que existe não para ser servida, mas para servir, acompanhando todo um processo cultural a nível universal, de globalização e de grandes descobertas, como pode ser verificado na primeira parte da *Gaudium et Spes*, proveniente da inteligência humana. Nisto, todos os cristãos em qualquer dimensão pessoal de vocação e estado de vida na Igreja tem parte nesse processo de nova evangelização, devem dialogar com aqueles que creem em Cristo (ecumenismo) e não creem (interreligioso) e por último com aqueles que não consideram e negam a Deus mais assertivamente (ateísmo), ou seja, dialogar com todos os homens independente de seu lugar de origem e formação pessoal.

No coração da Igreja emergiu um desejo de uma nova epifania de Cristo. Tratara-se de um mundo moderno que havia mudado radicalmente e deixara de

<sup>109</sup> LOPES, G., *Gaudium et Spes*: texto e comentário, p. 126.

<sup>110</sup> LIMA, L.C., O bem do matrimônio e da família: na *Gaudium Et Spes* e hoje, p. 119-135.

<sup>111</sup> BENTO XVI, PP., Pensamentos sobre o Concílio Vaticano II, p. 12-13.

caber nas coordenadas estreitas do eurocentrismo e, de certa forma, de todo o Ocidente, sobretudo, por uma nova visão econômica de mundo, por novas perspectivas política e cultural, até mesmo, espiritual. Renunciando a qualquer lógica de descontinuidade na abordagem dos temas, o concílio prefere e se mantém na hermenêutica da reforma, da novidade na continuidade, para permitir que a boa semente da fé, então semeada, continuasse a crescer e a desenvolver-se.

Em síntese, no Vaticano II a Igreja ao evangelizar a família, ambas se fundem no rosto amoroso de Deus, juntas evangelizam o mundo moderno e se tornam o modelo singular de unidade e fraternidade favorecendo e fortalecendo o diálogo sincero entre os seres humanos, haurindo do exemplo de Cristo e de sua mensagem, a força santificante para iluminar o mundo inteiro na transmissão da fé e dos valores humanos que são concomitantemente cristãos e por Ele e n'Ele reunir em um só espírito todos os homens.<sup>112</sup>

---

<sup>112</sup> GS 92.

## 3.2

### **A tentativa da construção de uma moral sexual matrimonial: *Humanae Vitae***

Ainda no decurso do concílio Vaticano II o Papa João XXIII falece e o Cardeal Montini é eleito Papa no conclave de 1963. Em muitos de seus documentos, se encontram expressões e verbos típicos para época e muito recorrente também nos documentos do concílio como: observações de normas; lei divina; aspectos lícitos e ilícitos, graves consequências morais, que geralmente estão acompanhados dos verbos promulgar; cumprir e garantir deveres e direitos. Tais colocações podem ser verificadas nas encíclicas *Populorum Progressio*, *Evangelii Nuntiandi* e também na *Humanae Vitae*.

Esta última, que é mais objeto de nosso estudo há a preocupação com profundas mudanças na esfera social-familiar que no século XX estavam a plena velocidade, onde a encíclica procura delinear uma nova perspectiva eclesial-pastoral visando atender aos casais e àqueles que trabalhavam direta e conjuntamente a eles, para que todos estivessem num contexto de melhor compreensão dos métodos de regulação da natalidade, sobretudo, pelo o uso de métodos naturais e que, desta forma, não estivessem em contrariedade com a lei divina natural e não incorressem em graves faltas morais.

Nos primeiros números da encíclica pode ser visto uma preocupação por parte do magistério e do então Papa Paulo VI com algumas esferas governamentais que claramente pudessem fomentar práticas que não corresponderia ao plano inscrito por Deus na natureza do homem e da mulher e, que por sua vez, afetaria diretamente a dinâmica conjugal dos casais e conseqüentemente a capacidade e abertura deles em gerar os filhos.

Além disso, as mudanças oriundas de rápido desenvolvimento demográfico em vista de uma hipotética falta de recursos naturais que colocasse em risco a sobrevivência dos povos, bem como, as novas e exigentes condições de trabalho e de habitação, somente estaria por favorecer tal e difícil quadro socioeconômico e assim fazer com que os casais convenientemente tivessem um menor número de filhos. Isto possibilitaria a certos governos a lançar mão de propor métodos

artificiais como meios mais eficazes para o controle e regulação reprodutora por parte dos casais.<sup>113</sup>

Outro incômodo que é mencionado na encíclica e que o Papa recolhe consiste num então cientificismo, que cada vez mais fortemente passara a reger o pensamento e as abordagens por parte dos homens da ciência e também daqueles que distante de uma perspectiva religiosa moral não enxergavam no matrimônio um caminho de santidade.

Eis que surge as primeiras indagações as quais a encíclica aborda sobre a nova situação que surgira naquele momento diante das adversas condições da vida hodierna que mexia com a harmonia das relações conjugais entre os esposos e para sua fidelidade mútua, por isso então pergunta-se: “não estaria indicada uma revisão das normas éticas vigentes até agora, sobretudo, se se tem em consideração que elas não podem ser observadas sem sacrifícios, por vezes heroicas”?

A reflexão se aprofunda ao elencar possíveis novas diretrizes que não ferisse a lógica da lei natural e a dimensão divina dos desígnios de Deus para a vida dos casais, por isso mesmo, chega-se a refletir sobre o dado sentido de responsabilidade mais desenvolvido do homem moderno, se não chegara para ele o momento de confiar à sua razão e à sua vontade, mais do que aos ritmos biológicos do seu organismo, e por fim, a tarefa de transmitir a vida.<sup>114</sup>

Obviamente, o documento em momento nenhum se afasta da perspectiva do cumprimento moral das normas as quais margeiam o matrimônio, onde logo em seguida é destacado o papel do magistério em salvaguardar tais elementos que promovem a manutenção da lei moral natural e, por fim, enfatizar que a Igreja é tutora desta lei e desta maneira, promovera a observância da mesma desde a época apostólica em vista da salvação dos homens.

No ponto subsequente, a encíclica expõe os princípios doutrinários os quais constituem parte do matrimônio e conseqüentemente, naquilo que implica o cumprimento dos deveres conjugais, por exemplo, o desejo de abertura à vida. Neste tópico, o documento já destacara as características do amor conjugal e da paternidade responsável retomando algumas abordagens apresentadas pela constituição pastoral do concílio Vaticano II *Gaudium et Spes*. Mais adiante faz-se

---

<sup>113</sup> HV 3.

<sup>114</sup> HV 3.

alusão a dimensão sacramental do matrimônio, exaltando-o quando este realizar-se-á entre dois batizados, no qual a união é revestida de dignidade por ser sinal da presença da graça de Cristo em representar a união do Senhor com a Igreja.

A partir disso, elenca as características desse amor conjugal a que estão vocacionados o homem e a mulher: é um amor plenamente humano que opta livremente pelo outro e que ajuda o cônjuge a crescer e simultaneamente cresce com este; um amor total porque mutuamente são capazes de compartilharem todas as coisas sem reservas indevidas; fiel e exclusivo até a morte apesar de toda dificuldade de realiza-lo, que por sua vez, é nobre e meritório; e por fim, que é este um amor fecundo por não se esgotar na comunhão entre os cônjuges, mas que está destinado a continuar-se, suscitando novas vidas com o advento dos filhos, dom mais excelente do matrimônio e enorme bem para os pais.<sup>115</sup>

Ademais, o Papa destacara aquilo em que consiste a ideia de paternidade responsável sem perder de vista o caráter de respeito pela lei moral no âmbito do matrimônio, os quais o homem e a mulher estão inseridos no cumprimento do desígnio de Deus Criador, sinalizando que lhes é permitido em relação às condições socioeconômicas, físicas e psicológicas em meio a graves motivos chegar a uma decisão ponderada de assim evitar por tempo indeterminado a geração dos filhos, mas sempre tendo no horizonte a formação de uma família numerosa:

Paternidade responsável comporta ainda, e principalmente, uma relação mais profunda com a ordem moral objetiva, estabelecida por Deus... O exercício responsável da paternidade implica, portanto, que os cônjuges, reconheçam plenamente os próprios deveres, para com Deus, para consigo próprios, para com a família e para com a sociedade, numa justa hierarquia de valores... Na missão de transmitir a vida, eles não são, portanto, livres para procederem a seu próprio bel-prazer, como se pudessem determinar, de maneira absolutamente autônoma, as vias honestas a seguir, mas devem, sim, conformar o seu agir com a intenção criadora de Deus, expressa na própria natureza do matrimônio e dos seus atos e manifestada pelo ensino constante da Igreja.<sup>116</sup>

Ainda no tópico dos aspectos doutrinários, a encíclica deixara manifesta a importância pelo respeito a natureza e a finalidade do matrimônio, de modo, a salvaguardar a união pelo cumprimento dos deveres conjugais, especialmente pela prática da casta intimidade sexual que, mesmo em casos de infecundidade, exprime

---

<sup>115</sup> GS50 e HV9.

<sup>116</sup> GS51 e HV10.

e consolida tal união. Neste ponto, houve claro destaque aos dois aspectos inseparáveis do matrimônio quando tratou da dimensão unitiva e procriativa:

...pela sua estrutura íntima, o ato conjugal, ao mesmo tempo que une profundamente os esposos, torna-os aptos para a geração de novas vidas, segundo leis inscritas no próprio ser do homem e da mulher. Salvaguardando estes dois aspectos essenciais, unitivo e procriador, o ato conjugal conserva integralmente o sentido de amor mútuo e verdadeiro e a sua ordenação para a altíssima vocação do homem para a paternidade. Nós pensamos que os homens do nosso tempo estão particularmente em condições de apreender o caráter profundamente razoável e humano deste princípio fundamental.<sup>117</sup>

No fim da segunda parte do documento, o Papa Paulo VI discorreu sobre as vias ilícitas para a regulação dos nascimentos e fez clara menção que o aborto não é justificável nem mesmo por razões terapêuticas e novamente destacara que só é lícito aos casais procurar terapias com finalidade de curar doenças e que somente regulassem a intimidade sexual utilizando-se dos períodos de infecundidade como método para não gerar filhos, desta forma, além de exercerem plena autonomia de sua inteligência pelo conhecimento dos ritmos biológicos do ser humano, mantinham-se fiéis aos desígnios e a lei moral instituída por Deus criador.

O Papa conclui este ponto da encíclica retomando os perigos e suas graves consequências pelo uso dos métodos contraceptivos destacando que tais métodos abririam caminho à infidelidade conjugal e a degradação da moralidade, o desrespeito pela mulher por parte do homem sem considerar o equilíbrio físico e psicológico e torna-la mero instrumento para o prazer egoísta.

Terminando a reflexão fez nova alusão as instâncias governamentais deixando claro que a Igreja sempre se preocupara com os casais e a dignidade da pessoa humana resguardada pela lei natural e que a Igreja à semelhança de Cristo seria um objeto de contradição em torno deste cenário: “pense-se ainda seriamente na arma perigosa que se viria a pôr nas mãos de autoridades públicas, pouco preocupadas com exigências morais. Quem poderia reprovar a um governo o fato de ele aplicar à solução dos problemas da coletividade aquilo que viesse a ser reconhecido como lícito aos cônjuges para a solução familiar?”<sup>118</sup>

Assim a encíclica nas suas considerações finais abordava as diretivas pastorais propondo como doutrina da Igreja a observância da lei divina, ao mesmo

---

<sup>117</sup> HV 12.

<sup>118</sup> HV 17.

tempo, exortando aos casais o domínio de si mesmo como esforço contínuo para alcançar o verdadeiro amor conjugal e a responsabilidade de cada um dos cônjuges na construção de um ambiente familiar sadio e proveitoso tanto para o casal e para seus filhos, possibilitando o assim chamado apostolado nos lares, a partir da experiência quotidiana e pudessem assim ajudar a outros casais que se encontrassem em dificuldades.

No fim do documento, o Papa fizera um forte apelo aos homens da ciência, especialmente aos médicos e sanitaristas católicos que promovessem a partir de suas atribuições profissionais e conhecimentos acadêmicos uma visão conforme a lei natural divina e, em virtude da procura dos casais, lhes pudessem oferecer uma reta compreensão dos controles de regulação da natalidade.

Por último, apelara aos pastores de alma e dentro de suas competências eclesiais e pastorais um maior acolhimento às situações dos casais no que diz respeito a dimensão sexual e procriativa, orientando-os com paciência, bondade e estimulando-os à prática da oração familiar do qual o Senhor foi o grande exemplo e que pudessem receber dos próprios sacerdotes e bispos uma palavra de conforto e que neles encontrassem o reflexo do amor de Jesus. Assim, e de modo incansável, trabalhassem nos setores social, econômico e cultural em vista de melhorias aos mesmos, e que a sociedade humana por causa da fidelidade aos desígnios divinos, especialmente, por parte das famílias e através da constante graça divina, gerasse uma vida social mais fraterna e pacífica.

Até o momento destacamos os muitos elementos que compõem a encíclica *Humanae Vitae* e dada a sua relevância por tratar de um tema que só ganhava destaque pelo forte cientificismo do século XX em torno da regulação da natalidade dos casais, mas é importante dizer que noutros momentos de seu pontificado, podemos encontrar o Papa Paulo VI em alguns discursos pontuais reportando-se a encíclica, bem como, demonstrando o seu apreço pela especial situação dos casais e zelo com o sacramento do matrimônio.

Por exemplo, em outras duas ocasiões falando aos casais do movimento equipe de nossa Senhora nos anos de 1970 e 1976 o Papa enfatizava que a Igreja jamais deixou de estimar a união do casal humano e de que a Igreja necessita da força interior e espiritual dos casais e do amor que pode brotar no íntimo da família. Em tais ocasiões deixou também transparecer sua preocupação e da Igreja com a crescente indústria pornográfica que cada vez mais se inseria nos ambientais de

público infanto-juvenil e o conseqüente problema da promoção de uma educação envolta num clima erótico que trariam efeitos nefastos aos jovens e assim levando-os a uma incompreensão dos impulsos sexuais e ao mesmo tempo, algo que não lhes favoreceriam numa completa maturidade afetiva e sexual.

Em tais discursos falara da fecundidade do lar, do mistério da paternidade e o dever da hospitalidade que pode ser verificado na família, onde tal exercício só possibilita o crescimento afetivo e espiritual desta célula da sociedade, no qual os filhos são os herdeiros e, a partir disso, os pais lhes comunicam não somente o amor, mas a fé a respeito do amor de Deus e a sua predileção pela humanidade, onde cada membro desta imensa família humana é chamado a ser reflexo dessa expressão divina.

Assim, a Igreja é a primeira instância na qual deve sempre apoiar a espiritualidade entre os casais devendo ser ela a grande promotora desse amor conjugal entre o homem e a mulher, que retira forças da graça de Cristo na luta contra as mazelas humanas:

Muitas vezes a Igreja pareceu, sem razão, suspeitar do amor humano. Também vos queremos dizer hoje claramente: não, Deus não é inimigo das grandes realidades humanas e a Igreja não desconhece os valores quotidianamente adquiridos por milhões de lares. Pelo contrário, a boa-nova trazida por Cristo Salvador é uma boa-nova para o amor humano, também ele excelente nas suas origens — “Deus, vendo toda a Sua obra, considerou-a muito boa” (*Gn* 1,31) —, também ele corrompido pelo pecado, também foi ele remido ao ponto de se tornar, pela graça, meio de santidade”... Por outras palavras, a caridade conjugal, forte e rica, tende para essa comunhão íntima. Realidade interior e espiritual, ela transforma a comunidade de vida dos esposos naquilo “que bem pode chamar-se Igreja doméstica” (*LG* 11).<sup>119</sup>

Em nenhum momento, Paulo VI esconde suas preocupações, mas exorta de que a vida matrimonial tem suas provações que aparecem pelo caminho, e pede aos casais para lutarem contra as atitudes de um mundo paganizado e egoísta que só procura seus próprios interesses e que não percam a coragem porque Deus é Pai cheio de ternura e bondade, de solicitude e amor para com seus filhos. Noutra oportunidade falando para os casais mais uma vez fizera uma afirmação que para nós até hoje parece-nos muito atual:

---

<sup>119</sup> PAULO VI, PP., Discurso aos casais do movimento equipes de Nossa Senhora em 04 de maio de 1970.



O casamento - não vamos parar de lembrar - é uma comunhão baseada no amor e tornada estável e definitiva por uma aliança e compromisso irrevogáveis. O verdadeiro amor é, portanto, o elemento mais importante desta comunhão: o que é dom, renúncia, serviço, transcendência. Mas essa comunhão outrora selada não está mais à mercê dos altos e baixos de uma vontade humana subjetiva, mutável e instável. Vai além das alternâncias de paixão, arbitrariedade dos cônjuges. É por isso que o casamento não pode ser entregue às vicissitudes do sentimento, por mais nobres que sejam, mas, como tal, sujeitas a variações, a enfraquecimento, a desvios, a definhamento. Queremos reafirmar novamente essa doutrina tradicional já lembrada pela Constituição pastoral "*Gaudium et Spes*" contra o argumento falacioso de que o casamento termina quando o amor se extingue.<sup>120</sup>

O Papa destacava que quando, de fato, os esposos se esforçam, paciente e humildemente, sem se deixarem desencorajar pelos contratempos, por viver verdadeiramente as exigências profundas de um amor santificado, que as regras morais lhes fazem recordar, então estas leis deixarão de ser rejeitadas como obstáculos, mas serão reconhecidas como um valioso auxílio. Apesar de trazer consigo estes elementos de cumprimento com a lei divina natural retoma a ideia da família como lugar de apostolado para os casais tendo os respectivos lares como ponto de encontro e oportunidade para testemunhar a boa nova de Cristo, sendo como o núcleo de uma célula que, sem dúvida, pequena diante de todo organismo eclesial, mas considerada igualmente fundamental para a evangelização. Neste encontro, encerra o seu discurso dizendo que as atividades dos casais e da família, são de fato, um testemunho para o mundo e uma espécie de nova primavera para a Igreja:

Inquieto e febril, o nosso mundo oscila entre o medo e a esperança, e numerosos jovens entram vacilantes no caminho que se abre diante deles. Que isto constitua para vós um estímulo e um apelo. Com a força de Cristo, vós podeis e, portanto, deveis realizar grandes coisas. Meditai a sua palavra, recebei a sua graça na oração e nos sacramentos da Penitência e da Eucaristia, confortai-vos uns aos outros, testemunhando com simplicidade e discrição a vossa alegria. Um homem e uma mulher que se amam, um sorriso de criança, a paz de um lar: oração sem palavras, mas tão extraordinariamente persuasiva, onde todos os homens podem já pressentir, por transparência, o reflexo de um outro amor e a sua chamada infinita... Casais atribulados, casais felizes, casais fiéis, vós preparais para a Igreja e para o mundo uma nova primavera, cujos primeiros rebentos nos fazem estremecer de alegria. Ao ver-vos e ao pensarmos nos milhões de casais cristãos espalhados por todo o mundo, invade-nos uma esperança irreprimível...<sup>121</sup>

<sup>120</sup> PAULO VI, PP., Discurso aos casais do movimento equipes de Nossa Senhora em 22 de setembro de 1976.

<sup>121</sup> PAULO VI, PP., Discurso aos casais do movimento equipes de Nossa Senhora em 04 de maio de 1970.

Até este ponto, pudemos perpassar por alguns momentos sobre o panorama do pontificado de Paulo VI e o seu contributo no tema sobre a conjugalidade dos casais, especialmente no tocante a regulação da natalidade por métodos que segundo a perspectiva primeira de então, fossem sempre lícitos perante a lei natural, para desta maneira, se respeitasse e toda dimensão sexual do casal estivesse conforme os desígnios de Deus em atenção a própria dignidade da pessoa, através da percepção de que a biologia humana tem seus mecanismos próprios de regulação.

Para os cristãos, esse compromisso é feito diante de Deus e da Igreja. O relacionamento interpessoal dos cônjuges torna-se um sacramento por uma presença ativa e determinante do próprio Cristo, servindo-se mutuamente e concomitantemente à Igreja. Este é o esplendor do casamento cristão. Assim entendida essa comunhão interpessoal que é também eclesial, ampliada pelo nascimento dos filhos, é uma marca do amor e da bondade de Deus. Todo casal cristão e todo lar de cristãos testemunha, por sua própria existência, que Deus é amor e que deseja o bem da humanidade. A cruz certamente não está ausente desta comunhão, como também não está ausente de nenhuma manifestação de amor, é uma necessidade de proclamar isto em nosso tempo, a família junto da Igreja.<sup>122</sup>

---

<sup>122</sup> PAULO VI, PP. Discurso aos casais do movimento equipes de Nossa Senhora de 22 de Setembro de 1976.

### 3.3

#### **O primeiro processo sinodal sobre a família: antecedentes, marcos e a recepção da *Familiaris Consortio***

Talvez um dos pontificados que podemos considerar mais frutuosos no campo do matrimônio e da família, está certamente o do Papa São João Paulo II. Esteve o Papa polonês por inúmeras vezes escrevendo e se pronunciando a respeito do relacionamento do homem e da mulher querendo mostrar para os próprios casais e para toda a Igreja, que a união do casal humano é algo altamente querido e amado por Deus, e que estão voltados um para outro de tal forma de que não há relacionamento interpessoal mais importante que este para a humanidade.

Todos os aspectos que envolvem a vida matrimonial estiveram no horizonte desse jovem cardeal, eleito Papa aos 58 anos e que teve presença atuante também no Concílio Vaticano II. Considerando o homem desde sua esfera existencial para compreender sua moralidade, procurou tratar dos problemas que na segunda metade do século XX passara a circundar e trazer graves crises aos casamentos e na vida familiar, situações que se referiam ao amor conjugal; a manutenção da família; a castidade nos casais; a procriação responsável e a inviolabilidade do dom da vida; o papel da mulher na família e na sociedade.

No magistério oficial há uma centena de audiências proferidas em torno de quatro anos na década de 1980 que constituem a assim chamada teologia do corpo abordando alguns aspectos psicossomáticos do homem: a unidualidade da relação entre homem e mulher, o significado biológico, espiritual e profético do corpo humano, a beleza do celibato e a natureza e missão do casal no projeto de família corroborado por Deus.

Além disso, podemos encontrar como legado do pontificado de São João Paulo II uma série de cartas encíclicas e exortações apostólicas, por exemplo: *Familiaris Consortio* sobre a função da família no mundo de hoje, Carta as famílias *Gratissimam Sane*, Carta às mulheres, Carta apostólica *Mulieris Dignitatem* sobre a dignidade e vocação da mulher, a encíclica *Evangelium Vitae* sobre a inviolabilidade da vida humana e outros documentos de menor abrangência e catequese ao longo de quase 30 anos.

A exortação pós-sinodal *Familiaris Consortio* é certamente a mais destacável e conhecido documento de seu pontificado sobre a família, fruto de um sínodo

ocorrido em Roma no ano de 1980, que está na esteira de outros dois sínodos anteriores como resultado do espírito do Concílio Vaticano II e na ocasião o tema escolhido para o sínodo foi: “a missão da família cristã no mundo contemporâneo”.

Na época o tema sobre a família foi escolhido pela grande maioria das Conferências Episcopais acolhido pelo Papa Paulo VI e definitivamente fixado pelo Papa João Paulo I. Ao assumir o pontificado, João Paulo II aprovou-o e deu-lhe a formulação final. No sínodo de 1974 se destacou que a família é o lugar natural e privilegiado de evangelização, por sua vez, em 1977 foi discutido que a família é o lugar da primeira catequese. Considerada até então como questão muito atual, em muitos lugares a família estava no centro das preocupações, bem como, de toda Igreja universal, por isso, que a quinta assembleia geral do sínodo dos bispos foi uma continuação natural dos dois precedentes:

A família cristã, de fato, é a primeira comunidade chamada a anunciar o Evangelho à pessoa humana em crescimento e a levá-la, mediante a catequese e a educação progressiva, à plenitude da maturidade humana e cristã... Os Padres sinodais, como conclusão da última Assembleia, apresentaram-me um amplo elenco de propostas, que recolhem frutos das reflexões desenvolvidas no curso de jornadas de intenso trabalho, e pediram-me com voto unânime que me tornasse intérprete diante da humanidade, da viva solicitude da Igreja pela família e oferecesse orientações para um renovado empenho pastoral nesse setor fundamental da vida humana e eclesial.<sup>123</sup>

A escolha por um tema tão vital e complexo constituiu em si um sinal de que a Igreja estava aprofundando sua consciência do papel pastoral da família na vida eclesial, no sentido de que a família cristã se tornava cada vez mais, ao passar de objeto, para o verdadeiro sujeito da atividade pastoral. Mas isso devia significar que a família cristã vivendo os valores totalmente cristãos, que são, ao mesmo tempo, autenticamente humanos e realizando assim sua missão e seus deveres, a reflexão do Sínodo dos Bispos versara precisamente sobre estes valores e sobre esta missão, tal importância, por isso, está desenvolvida pelo Papa São João Paulo II na *Familiaris Consortio*.

Desta maneira, a exortação trata em sua primeira parte da situação da família no mundo e as necessidades e problemas enfrentados por ela, requerendo por parte da Igreja junto aos casais um sóbrio discernimento evangélico em seguir a Cristo para se alcançar a verdade, que nem sempre coincide com a opinião da maioria, por

---

<sup>123</sup> FC 2.

isso, escuta a sua própria consciência e não o poder externo, defendendo em primeiro lugar a consciência dos fiéis e mediante uma “enculturação” que se encaminha para a reconstituição plena da aliança com a sabedoria de Deus que é o próprio Cristo. Afirma o Papa: “o sínodo em primeiro lugar e em profundidade, considerou justamente o projeto originário de Deus acerca do matrimônio e da família: quis ‘retornar ao princípio’ em obséquio ao ensinamento de Cristo” (Mt 19, 4ss).<sup>124</sup>

Num segundo momento do documento, o Santo Padre enfatiza que está o matrimônio e a família no desígnio de Deus, e Cristo é quem revela a verdade originária do matrimônio, a verdade do “princípio” e, libertando o homem da dureza do seu coração, no dom do amor que Ele, Verbo de Deus, faz na cruz por sua esposa, neste sacrifício descobre-se o desígnio que Deus imprimiu na humanidade do homem e da mulher, desde a sua criação para vivência de um amor esponsal. Na sequência, menciona a intrínseca relação que há entre família e Igreja, sobretudo, na comunhão entre as pessoas à medida em que a família nascida do sacramento do matrimônio no seio da Igreja, gera e introduz uma nova pessoa na comunidade humana através da educação, também pela regeneração do batismo e educação na fé, se insere igualmente um novo membro na família de Deus que é a Igreja.<sup>125</sup>

Na terceira parte da exortação se aborda os deveres da família cristã: a formação de uma comunidade de pessoas; o serviço à vida; a participação no desenvolvimento da sociedade e, por fim, a participação na vida e na missão da Igreja. Nestes quatro tópicos destaca-se o papel que cada membro da família pode desempenhar; há uma ênfase na responsabilidade dos cônjuges como pais em respeitar as crianças e promover o valor da transmissão da vida; de educar os filhos com valores essenciais da vida humana e com a devida liberdade diante dos bens materiais num estilo de vida simples, mostrando-lhes que a pessoa humana vale mais pelo que é do que pelo que tem.

Num determinado ponto, realça a certeza de que os esposos assistidos pela graça sacramental do matrimônio tornam-se cada vez mais aptos na sua missão educativa, ao confiarem nesta força santificante desenvolvendo eles mesmos um ministério que lhes é próprio, porque se veem impelidos de responsabilidade diante

---

<sup>124</sup> FC 10.

<sup>125</sup> FC 13 e FC 16.

de Deus no seio da Igreja iniciando os filhos nos primeiros elementos da fé, fazendo-os crescer espiritualmente e edificando a Igreja com seus próprios filhos:

Também o Sínodo, retomando e desenvolvendo as linhas conciliares, apresentou a missão educativa da família cristã como um verdadeiro ministério, através do qual é transmitido e irradiado o Evangelho, ao ponto de a mesma vida da família se tornar itinerário de fé e, em certo modo, iniciação cristã e escola para seguir a Cristo.... Pela força do ministério da educação os pais, mediante o testemunho de vida, são os primeiros arautos do Evangelho junto dos filhos. Ainda mais: rezando com os filhos, dedicando-se com eles à leitura da Palavra de Deus e inserindo-os no íntimo do Corpo - eucarístico e eclesial - de Cristo mediante a iniciação cristã, tornam-se plenamente pais, progenitores não só da vida carnal, mas também daquela que, mediante a renovação do Espírito, brota da Cruz e da ressurreição de Cristo.<sup>126</sup>

No último ponto desta terceira parte e central da exortação, o Papa delinea que o desenvolvimento da sociedade depende em muito da família, porque ela é célula primeira e vital mediante a experiência de sociabilidade fraterna e comunitária que se adquire em âmbito familiar. Neste sentido, a família possui além da sua importância eclesial, mas igualmente uma função social e política que não pode fechar-se exclusivamente na obra procriativa e educativa, ainda que nessa encontre a primeira e insubstituível forma de expressão, assim exorta o Papa:

As famílias, quer cada uma por si quer associadas, podem e devem, portanto, dedicar-se a várias obras de serviço social, especialmente em prol dos pobres, e de qualquer modo de todas aquelas pessoas e situações que a organização previdencial e assistencial das autoridades públicas não consegue atingir.<sup>127</sup>

São João Paulo II conclui a terceira parte do documento afirmando que a família é chamada a oferecer o seu testemunho de dedicação generosa e desinteressada pelos problemas sociais, mediante a “opção preferencial” pelos pobres e marginalizados no seguimento de caminho do Senhor, pois o sacramento os habilita como cônjuges e pais na sua vocação de leigos em favor do Reino Deus, segundo o Papa, isto é uma graça e responsabilidade da família cristã e que através de uma comunhão espiritual entre todas as famílias cristãs radicadas na fé e na esperança, vivificadas pela caridade, difundem e desenvolvem a justiça, reconciliação, fraternidade e paz entre os homens.<sup>128</sup>

---

<sup>126</sup> FC 39.

<sup>127</sup> FC 44.

<sup>128</sup> FC 47 e FC 48.

A quarta e última parte que encerra a exortação se detém sobre a pastoral familiar considerando as suas estruturas a nível eclesial e paroquial e seus responsáveis desde os bispos, presbíteros, leigos e comunicadores sociais. Aborda com coragem as circunstâncias particulares em torno dos matrimônios mistos e das situações consideradas irregulares como as uniões livres por parte daqueles que só se casaram na instância civil, e também, daqueles divorciados e recasados que contraíam ou não uma nova união. À época a diretriz pastoral consistia na procura de fazer os casais compreenderem a importância de regularizar a situação em que se encontravam perante à Igreja, abordagem que hoje talvez já não seja mais suficiente dadas as circunstâncias de nossos dias onde muitos não veem ou não consideram relevante cancelar a própria união na Igreja quando muitas vezes não se sentem pertencentes e nem acolhidos por ela.

Mas é importante destacar que apesar do zelo pastoral numa ênfase para a regularização canônica da união destes casais, não faltou de certa maneira, uma solicitude a qual nunca pode faltar e a ninguém compete excluir quem quer que seja da Igreja, pelo contrário, todos devem se sentir acolhidos e parte dela e o Santo Padre exortando a todos, em especial, aos pastores de alma, para que possam discernir bem as diferentes situações dentre as pessoas que se esforçam por manter o matrimônio e foram abandonadas e de outros que romperam um matrimônio canonicamente válido e diversas outras ocasiões:

Juntamente com o Sínodo exorto vivamente os pastores e a inteira comunidade dos fiéis a ajudar os divorciados, promovendo com caridade solícita que eles não se considerem separados da Igreja, podendo, e melhor devendo, enquanto batizados, participar da sua vida. Sejam exortados a ouvir a Palavra de Deus, a frequentar o Sacrifício da Missa, a perseverar na oração, a incrementar as obras de caridade e as iniciativas da comunidade em favor da justiça, a educar os filhos na fé cristã, a cultivar o espírito e as obras de penitência para assim implorarem, dia a dia, a graça de Deus. Reze por eles a Igreja, encoraje-os, mostre-se mãe misericordiosa e sustente-os na fé e na esperança.<sup>129</sup>

Em síntese, o Papa João Paulo II finaliza a *Familiaris Consortio*, afirmando que o futuro da humanidade passa pela família porque nela podemos aprender a amar, a estimar retos valores humanos, de que todos os cristãos e homens de boa vontade em qualquer circunstância preserve a beleza da família. Afirma ele que a Igreja conhece o caminho pelo qual a família pode chegar ao coração da sua verdade

---

<sup>129</sup> FC 84.

profunda, que se dá por meio da escola de Cristo, através da linguagem da cruz podendo a família atingir a plenitude do seu ser e a perfeição do amor.

Foi a *Familiaris Consortio* o documento que norteou o horizonte pastoral da Igreja por cerca de 35 anos e a doutrina contida nela continua válida, porém, as suas diretrizes pastorais parecem hoje já não mais iluminar os novos desafios que enfrenta a família nesta primeira metade do século XXI, por isso, a *Amoris Laetitia* é uma nova compreensão de abordagem pastoral no apresentar o significado de ser família e por onde caminha o matrimônio. Por isso, afirmamos não haver uma ruptura entre as duas exortações apesar do arco de tempo que as separam, se está mais na linha de continuidade e atualização pastoral.

Já a carta às famílias *Gratissimam Sane* por ocasião da proclamação do ano da família em 1994, é uma vez mais, a tentativa de trazer a família para maior protagonismo no meio social para promover a evangelização. Já que todo homem sai da sua família de origem, mesmo quando opta por ficar sozinho e não constrói uma nova família, seu horizonte existencial permanece sobre aquela fundamental comunidade da qual provém, é sua primeira expressão da natureza social de homem e nela está radicada toda a rede das suas relações sociais, desde as mais imediatas e próximas até as mais distantes.

Desta maneira, começa o documento fazendo uma espécie de antropologia teológica da aliança conjugal na qual o casal está vocacionado por Deus a celebrar, colaboradores na construção de uma civilização do amor através da união entre os dois, é especialmente na família que está a genealogia da pessoa chamada à existência para consumir sua vida na “verdade e no amor” de Cristo.

Neste ponto, o papa parece querer incutir no leitor o valor de cada pessoa humana e a dignidade do seu ser que é criada a imagem e semelhança de Deus e não de seus pais biológicos, estes, na verdade, são cooperadores de Deus no ato humano de gerar, tem-se a continuidade da criação por lhes transmitir a imagem e semelhança divina, ou seja, o Santo Padre quer demonstrar uma dimensão cósmica no ser humano aberta a preencher-se somente em Deus:

Deus entrega o homem a si mesmo, confiando-o contemporaneamente à família e à sociedade, como sua tarefa. Os pais, diante de um novo ser humano, têm, ou deveriam ter, plena consciência do fato que Deus “quer” este homem “por si mesmo”... Mas no desígnio de Deus, a vocação da pessoa ultrapassa os confins do



tempo. Vai ao encontro da vontade do Pai, revelada no Verbo encarnado: Deus quer oferecer ao homem a participação na sua própria vida divina.<sup>130</sup>

Assim, cada novo ser humano desde a concepção está destinado depois a exprimir em plenitude mediante a sua humanidade a “encontrar-se como pessoa” através dos dons que Deus lhe confiar para a construção de um mundo melhor e realização última de sua vocação maior de viver na eternidade, eis o papel da família como ponto de partida para a grande aventura da vida como afirma o Papa.

Por isso, para o Papa João Paulo II a família permanece uma instituição social que não se pode nem se deve substituir, santuário da vida, patrimônio da humanidade pelos diversos grupos e das múltiplas estruturas sociais, porque o indivíduo que cresce em âmbito familiar é o mesmo sujeito que será o futuro cidadão do Estado, para além disso, valioso por si mesmo.

Noutro ponto mais adiante, o papa fala da civilização do amor onde cada indivíduo possui uma dimensão política em sua existência, chamado a dar um contributo para o meio social em que vive, capaz de torna-lo porque não dizer mais humano, mais fraterno. Porque criado à imagem e semelhança de Deus, recebeu o mundo das mãos do Criador com o compromisso de o plasmar à própria imagem e semelhança. A família é uma das “plataformas de campanha” para a concretização da civilização do amor, é o seu centro e o seu coração, por meio da cultura em fazer-se dom de si mesmo, já que civilização e cultura têm a mesma etimologia.

Todavia, não existe verdadeiro amor sem a consciência de que Deus é amor. Não se chega a compreender por onde passa a vocação do dom de si, se não se verifica a compreensão do conceito de ser pessoa, de ser humano. Porque sem esta consciência, muito dificilmente pode haver civilização do amor se não há o claro entendimento de comunhão de pessoas que se fazem dom de si mesmo aprendido majoritariamente em família.

Ao contrário, assinala o Papa, que entra em cena outro tipo de cultura, a civilização do desfrute por uma espécie de utilitarismo, uma civilização “das coisas” onde as pessoas se usam como se usam as coisas, levando a todos a uma grave crise dos conceitos de pessoa, de amor e da família, é antes de tudo, uma anticivilização:

---

<sup>130</sup> GrS 9.

Devido, a tais perigos, as famílias cessam de testemunhar a favor da civilização do amor e podem até mesmo tornar-se a sua negação, uma espécie de contratestemunho. Uma família desfeita pode, por sua vez, reforçar uma específica forma de “anticivilização”, destruindo o amor nos vários âmbitos em que se exprime, com inevitáveis repercussões sobre o conjunto da vida social.<sup>131</sup>

Neste contexto, o cônjuge torna-se objeto, os filhos obstáculos aos pais, tem-se uma aparência de instituição familiar, mas na verdade, há total falta de liberdade e predomínio do desrespeito entre os seus membros. Superando o contratestemunho da anticivilização a família como célula da sociedade precisa de Cristo para que tal organismo vivo não esteja exposto às ameaças de intempéries provenientes tanto do meio interno quanto do externo, sofrendo por consequência de profundo desenraizamento cultural.

Para o Papa João Paulo II somente se a verdade acerca da liberdade e da comunhão das pessoas no matrimônio e na família, só se desenvolverá de forma efetiva para a edificação da civilização do amor quando todos os seus membros se comprazerem na “verdade da pessoa de Cristo”, por procurarem n’Ele o seu alicerce estável através de uma justa visão do homem e de quanto se decide à plena realização da sua humanidade.<sup>132</sup>

E conclui expressando-nos o cuidado com o chamado “amor livre” que seduz o homem tornando-o refém dos próprios instintos na busca de prazer. Em contrapartida, exorta ao amor paciente, benigno e desinteressado como São Paulo nos apresenta na carta aos coríntios.

Por fim, a família é uma Igreja doméstica, sendo ela o mais pequeno núcleo social fundamental para a manutenção do tecido social, pois é onde se aprende a respeitar as leis do Estado e a observância de valores religiosos e morais. Aqui, tanto a mulher mesmo com suas novas atribuições da vida moderna e laboral, tem além da maternidade, junto com o homem, o dever de promover uma educação integral aos filhos.

Como último documento de nossa caminhada no pontificado de João Paulo II está a encíclica *Evangelium vitae* cuja tema central compreende a família como o ventre da vida humana. Por isso, desde o princípio o casal humano foi abençoado por Deus para formar uma comunidade de amor e de vida, à qual está confiada a

---

<sup>131</sup> GrS 13.

<sup>132</sup> GrS 14.

missão da procriação. Desta forma, os casais, especialmente os cristãos, ao celebrarem o sacramento do Matrimônio, tornam-se disponíveis para honrar esta benção, com a graça de Cristo, por toda a vida.

Ademais, nesta carta encíclica, o Papa quer trazer em destaque a beleza, a dignidade e inviolabilidade da vida humana, que não pode ser manipulada, violentada e exterminada como se observa em nossos tempos por uma escalada desenfreada de guerras e violências decorrentes de interesses econômicos e políticos. O fato de Cristo ter assumido a vida humana, a faz obter um valor singular, trata-se da boa nova de Deus que deve ser corajosa e fielmente anunciada aos homens de todos os tempos e culturas, amorosamente já acolhida pela Igreja como parte de seu anúncio de que o evangelho da vida está no centro da mensagem de Jesus.<sup>133</sup>

O homem vivo constitui o primeiro e fundamental caminho da Igreja, fonte de esperança invencível e de alegria verdadeira para cada momento da história, assim o Evangelho do amor de Deus pelo homem, o Evangelho da dignidade da pessoa e o Evangelho da vida são um único e indivisível Evangelho.<sup>134</sup>

O Papa nos relembra que às antigas e dolorosas chagas da miséria, da fome, das epidemias, da violência e dos conflitos armados, vêm se juntar com outras modalidades múltiplas e inéditas dimensões de inquietantes ameaças à vida das pessoas e dos povos, especialmente as mais indefesas. Classifica-as de dramáticas e absurdas, lamenta que sejam vistas como se fosse um valor, um direito conquistado em nome de uma pseudo liberdade. Tal preocupação já havia sido abordada à época pelo Concílio Vaticano II:

À distância de trinta anos e fazendo minhas as palavras da Assembleia Conciliar, uma vez mais e com idêntica força os deploro em nome da Igreja inteira, com a certeza de interpretar o sentimento autêntico de toda a consciência reta: Tudo quanto se opõe à vida, como seja toda a espécie de homicídio, genocídio, aborto, eutanásia e suicídio voluntário; tudo o que viola a integridade da pessoa humana, como as mutilações, os tormentos corporais e mentais e as tentativas para violentar as próprias consciências; tudo quanto ofende a dignidade da pessoa humana, como as condições de vida infra-humanas, as prisões arbitrárias, as deportações, a escravidão, a prostituição, o comércio de mulheres e jovens; e também as condições degradantes de trabalho, em que os operários são tratados como meros instrumentos de lucro e não como pessoas livres e responsáveis. Todas estas coisas e outras semelhantes são infamantes; ao mesmo tempo que corrompem a civilização humana, desonram mais

---

<sup>133</sup> EV 1.

<sup>134</sup> EV 2.

aqueles que assim procedem, do que os que padecem injustamente; e ofendem gravemente a honra devida ao Criador.<sup>135</sup>

Assim, no primeiro capítulo, sobre as atuais ameaças à vida humana, está em consonância com o livro do Gênesis, mostrando o caminho de iniquidade que se está a percorrer pela inversão dos valores, sem a capacidade de discernir o bem do mal, fazendo com que o homem se transforme de um ser do bem à criminosamente homicida, de uma cultura da vida para uma cultura da morte.<sup>136</sup>

O segundo capítulo trata da mensagem cristã sobre a vida, e tem por base a mensagem de Cristo, Verbo da vida. Procura apresentar os fundamentos da inviolabilidade da vida e mais do que mostrar os aspectos que afligem a sociedade, apresenta-nos o valor incalculável de sua dignidade. O terceiro capítulo, a lei santa de Deus pelo “não matarás”, enfatiza-nos que a vida é sagrada e inviolável e, por isso, deve ser defendida, valorizada, respeitada e amada.<sup>137</sup> No quarto e último capítulo, exorta que é imprescindível instaurar uma nova cultura da vida humana e que o dom da vida deve ser celebrado.<sup>138</sup>

Após passarmos por três documentos de grande relevância concluímos o que seria um esboço do pensamento do Papa João Paulo II que toca ao tema da família e do matrimônio. Certamente não nos faltaria mais assunto, mas desta maneira, tal visão já seria demasiadamente extensa e nem sempre tão fidedigna com toda uma trajetória não só cronológica, bem como, teológica. Assim procuramos realizar um olhar panorâmico sobre suas perspectivas para a temática que estão nos documentos apresentados, pois, em nenhum momento nossa proposta foi intencionar abarcar todo um pontificado de 27 anos.

---

<sup>135</sup> EV 3.

<sup>136</sup> EV 21.

<sup>137</sup> EV 52.

<sup>138</sup> EV 79.

### 3.4

#### **O pontificado de Bento XVI sobre a família: entre confirmação do primeiro sínodo e mudanças pastorais**

O pontificado do Papa Ratzinger não nos reserva um documento que se dedique exclusivamente ao tema dos casais e da família, mas isto não significa que Bento XVI tenha sido um Papa alheio às questões mais prementes e importantes pelas quais homem e mulher enfrentam em suas relações afetivas e conjugais, muito menos, de que a eles não se deva dirigir exortações sobre a vida matrimonial e, sobretudo, naquilo que compete ao *múnus* eclesial, ter uma certa proximidade nas realidades quotidianas dos mesmos, para que estejam devidamente preparados e conscientes para a celebração e vivência do sacramento.

Assim, como alguns de seus predecessores, em certas ocasiões dedicou-se nalgumas audiências e viagens apostólicas, de abordar aspectos que reforçam a beleza e dignidade do matrimônio, enfatizando que do encontro entre o homem e a mulher na vocação mútua de transformarem suas vidas numa só dinâmica existencial mediante a graça de Cristo, são eles conduzidos à verdade, possibilitando-os conhecer e alcançar o esplendor do amor humano, que é dom do próprio Deus ofertado a eles, para que o reconheçam como a fonte de seu respectivo amor sponsal e colher os frutos de uma autêntica caridade humana.

Bento XVI em sua primeira encíclica *Deus Caritas Est* teve como ponto central a perspectiva do amor fazendo-nos refletir de que o amor humano sempre está apontado para o encontro com o outro, que o cristianismo é este princípio de alteridade e não um egocentrismo, porque parte da premissa que ser cristão é assemelhar-se ao Cristo, pois, Ele é o exemplo e o modelo de caridade, porque é precisamente Deus quem nos ama primeiro.

A este propósito, esta encíclica chega-nos ao conhecimento em pleno natal do Senhor sendo publicada no dia 25 de dezembro de 2005, talvez para maior ênfase, de que na encarnação do Filho de Deus no seio da Virgem Maria, o amor de Deus concretiza-se em meio a nós, é um amor que nos impele à procura de se realizar no outro, de se realizar plenamente n'Ele. A partir disso, esta capacidade humana precisa ser irrigada naquele oceano de amor do qual promana porque senão torna-se incompreensível, sendo necessário orientá-lo para que cada vez mais seja genuíno e verdadeiro.

Neste ponto, o Papa alemão partindo de um viés filosófico-antropológico afirma que a palavra “amor” em nossos dias tem encontrado um problema de linguagem por uma utilização constante e abusiva, por aplicarmos seu uso nas mais variadas situações e, assim, tomando significados muito diferentes. Todavia, destaca que o amor entre o homem e a mulher, mesmo com toda uma gama de significados, no qual concorrem indivisivelmente corpo e alma, abre-se assim para o ser humano uma promessa de felicidade que parece irresistível, sobressai um arquétipo de amor por excelência, de tal modo, que à primeira vista todos os demais tipos se ofuscam quando comparados a este em particular vivido entre o casal humano, o amor *eros*.<sup>139</sup>

Magistralmente Bento XVI traça-nos um breve panorama dessa gama de significados sobre o amor, partindo das perspectivas grega pré-cristã e judaica contida no AT, escrevendo-nos aquilo que se refere as instâncias de um amor *eros*, *ágape* e *philia*. No âmbito da primeira cultura o *eros* é entendido como estado de inebriamento que faz o ser humano alcançar a mais alta beatitude subjugando a razão, assim arrancando o homem dessa existência. Tal entendimento replicado em outras culturas na verdade consistia propriamente numa espécie de prostituição sagrada verificada nos cultos de fertilidade.

Já o AT pela fé do povo judeu num Deus único por seu monoteísmo radical, não rejeita o *eros* enquanto tal, mas não aceita sua subversão devastadora, porque a sua falsa divinização, priva-o da sua dignidade, desumaniza o ser humano, porque no caso das prostitutas nos templos, elas servem apenas como instrumentos para suscitar a “loucura divina”, pois, na realidade, não são deusas, mas pessoas humanas de quem se abusa.

Neste ponto, direciona-nos que este *eros* precisa de ascese e purificação para que não se torne puro sexo, e concomitantemente o ser humano e a sua sexualidade em si mesma, não passe a uma simples mercadoria o que acaba por não valorizar a dimensão corporal da pessoa humana. Diga-se de passagem, algo muito atual em nossos dias, verificado por uma verdadeira degradação do corpo e da sexualidade, ou seja, desconsiderando aquilo que nos constitui e que é parte de nosso ser, diminuindo o nosso sentido de liberdade e existência que, no fim das contas, relega tudo que é corporal ao âmbito meramente biológico, como acessório e secundário.

---

<sup>139</sup> DCE 2.

Em seguida, encaminha-nos dentro de um cenário o qual nos inseriu para o que podemos dizer de uma espécie de conceito-chave, para o ponto central de sua mensagem sobre o amor esponsal e de toda capacidade humana em amar, na qual se realiza efetiva e verdadeiramente à medida do amor divino. Segundo o Papa Bento XVI este *eros* existente e constituinte da pessoa humana precisa de ser disciplinado e purificado, por meio de renúncias na busca de obter um sincero amadurecimento e fazendo-se orientar para o encontro com o verdadeiro amor que é muito mais do que mero êxtase de poucos segundos:

Fica assim claro que o *eros* necessita de disciplina, de purificação para dar ao homem, não o prazer de um instante, mas uma certa amostra do vértice da existência, daquela beatitude para que tende todo o nosso ser... Dois dados resultam claramente desta rápida visão sobre a concepção do *eros* na história e na atualidade. O primeiro é que entre o amor e o Divino existe qualquer relação: o amor promete infinito, eternidade — uma realidade maior e totalmente diferente do dia-a-dia da nossa existência. E o segundo é que o caminho para tal meta não consiste em deixar-se simplesmente subjugar pelo instinto. São necessárias purificações e amadurecimentos, que passam também pela estrada da renúncia. Isto não é rejeição do *eros*, não é o seu “envenenamento”, mas a cura em ordem à sua verdadeira grandeza.<sup>140</sup>

Somente através de mortificação e ascese se pode evitar que o *eros* se degrade em puro sexo, e como tal, o casal humano no âmbito do matrimônio possa ser capaz de se realizar, porque há um desejo de vincular-se, de completar-se naquilo que lhe falta e chegar a um amor total, definitivo, de comunhão, ou seja, um amor que é *ágape* que consiste em não mais buscar-se a si próprio, não é mais aquela procura de felicidade por imersão num inebriamento, torna-se por assim dizer, um amor livre para doar-se e que é capaz de ir ao sacrifício em prol do outro. É importante ressaltar que neste horizonte onde se realiza essa dimensão própria e natural do casal humano, que como já mencionado acima, abarca a totalidade ontológica do indivíduo, isto é, sua parte espiritual e corporal.

Assim, para que a pessoa humana não se veja imersa numa profunda incompreensão do seu próprio ser, pois, aquilo que é corpóreo almeja incessante contentamento, percebe-se desejosa de realização e felicidade plena que o *eros* não é capaz de proporcionar por meio da matéria. Tal amor precisa de ser edificado, precisa mudar a sua forma e ser lapidado. Entretanto, o indivíduo percebendo-se, deveria saber como tal que não pode prescindir da matéria, seja com suas

---

<sup>140</sup> DCE 5.

potencialidades e consequentes virtudes, bem como, com suas inclinações, porque não há verdadeira humanidade se se deseja estar em contínua oblação, porque isto não permitiria a justa correspondência que deve haver no ser humano entre corpóreo e espiritual, entre *eros* e *ágape*, homem e mulher.

Aqui, sintetiza-nos que embora distintos um do outro, ambos devem à sua medida obter em Cristo a força necessária para se edificarem até o ponto de justa unidade, pois, Ele aperfeiçoou o amor esponsal, purificando o *eros* e expressando a perfeição do *ágape*:

Na realidade, *eros* e *agape*— amor ascendente e amor descendente — nunca se deixam separar completamente um do outro. Quanto mais os dois encontrarem a justa unidade, embora em distintas dimensões, na única realidade do amor, tanto mais se realiza a verdadeira natureza do amor em geral. Embora o *eros* seja inicialmente sobretudo ambicioso, ascendente — fascinação pela grande promessa de felicidade — depois, à medida que se aproxima do outro, far-se-á cada vez menos perguntas sobre si próprio, procurará sempre mais a felicidade do outro, preocupar-se-á cada vez mais dele, doar-se-á e desejará “existir para” o outro. Assim se insere nele o momento da *agape*; caso contrário, o *eros* decai e perde mesmo a sua própria natureza. Por outro lado, o homem também não pode viver exclusivamente no amor oblato, descendente. Não pode limitar-se sempre a dar, deve também receber. Quem quer dar amor, deve ele mesmo recebê-lo em dom. Certamente, o homem pode — como nos diz o Senhor — tornar-se uma fonte donde correm rios de água viva (cf. Jo7, 37-38); mas, para se tornar semelhante fonte, deve ele mesmo beber incessantemente da fonte primeira e originária que é Jesus Cristo, de cujo coração trespassado brota o amor de Deus (cf. Jo19, 34).<sup>141</sup>

No ano de 2009 já falando sobre o desenvolvimento humano integral, o Papa publicara a encíclica *Caritas in Veritate*, a terceira de seu pontificado tratando especialmente sobre as diversas questões sociais que se aprofundam neste nosso novo século, demonstrando-nos que a raiz de tais problemas é sempre de origem antropológica, já que é o próprio ser humano quem desenvolve e detém as técnicas que são colocadas à serviço de manipulação da vida humana, a qual não favorece uma sábia ética e reto humanismo, porque explorando-a não se favorece a valorização da mesma.

Relembra-nos igualmente as muitas situações de descaso com a dignidade humana, encontrada por parte das sociedades ricas dos países desenvolvidos e suas instâncias governamentais, há uma posição de total indiferença para com as ocasiões de extrema pobreza que, por sua vez, se preocupam com coisas periféricas

---

<sup>141</sup> DCE 7.



e ao mesmo tempo, coniventes com enormes injustiças sociais e econômicas não se importam com os pobres do mundo que estão a bater às portas da opulência, enquanto o mundo rico corre o risco de deixar ouvir tais apelos à sua porta por causa de uma consciência já incapaz de reconhecer o humano.<sup>142</sup>

Noutro ponto da mesma encíclica aborda o tema do respeito pela vida como ponto central do verdadeiro desenvolvimento humano, pois, uma sociedade que começa a negar e a suprimir a vida, acaba por deixar de encontrar as motivações e energias necessárias para trabalhar ao serviço do verdadeiro bem do homem. Alerta-nos sobre a necessidade de alargarmos os conceitos de pobreza e subdesenvolvimento, porque seja em países ricos ou pobres, o direito à vida muitas vezes é negado.

Neste sentido, o amor (*caritas*) é uma força extraordinária, que impele as pessoas a comprometerem-se, com coragem e generosidade, no campo da justiça e da paz. É uma força que tem a sua origem em Deus, Amor eterno e Verdade absoluta que encontra em Cristo o autêntico promotor da caridade humana, a qual todo ser humano é impelido por essa força e testemunho do próprio Jesus para realiza-la. Todos os homens sentem o impulso interior para amar de maneira autêntica: amor e verdade nunca desaparecem de todo neles, porque é a vocação colocada por Deus no coração e na mente de cada homem. Em Cristo, a caridade na verdade torna-se o Rosto da sua Pessoa, uma vocação a nós dirigida para amarmos os nossos irmãos na verdade do seu projeto.<sup>143</sup>

Destaca-nos o absolutismo da técnica como aquilo que dita as tendências intelectuais e esta acaba por se impor à serviço de uma cultura de morte, que atenta contra a vida humana desde a concepção como nos casos de aborto, e também até nos seus últimos estágios, por exemplo, a eutanásia. Aqui, vai ao encontro de seus predecessores no ministério petrino quando novamente cita que algumas organizações não governamentais que trabalham ativamente pela difusão do aborto promovendo nos países pobres a adoção da prática da esterilização, aproveitando-se do desconhecimento por parte das mulheres.

Enfatiza igualmente fundada suspeita de que às vezes as próprias ajudas ao desenvolvimento sejam associadas com determinadas políticas de saúde que

---

<sup>142</sup> CiV 7.

<sup>143</sup> CiV 1.

realmente implicam a imposição de um forte controle dos nascimentos e de legislações que preveem a eutanásia e pressões de grupos nacionais e internacionais que reivindicam o seu reconhecimento jurídico.

A preocupação por parte de Bento XVI pelo desrespeito à vida é a perda da sensibilidade pessoal e social ao acolhimento de uma nova vida, leva a um definhar também de outras formas de acolhimento úteis à vida social, consequência de políticas que desejam impor um controle demográfico como solução da pobreza:

Nos países economicamente mais desenvolvidos, são muito difusas as legislações contrárias à vida, condicionando já o costume e a práxis e contribuindo para divulgar uma mentalidade antinatalista que muitas vezes se procura transmitir a outros Estados como se fosse um progresso cultural... O acolhimento da vida revigora as energias morais e torna-nos capazes de ajuda recíproca. Os povos ricos, cultivando a abertura à vida, podem compreender melhor as necessidades dos países pobres, evitar o emprego de enormes recursos econômicos e intelectuais para satisfazer desejos egoístas dos próprios cidadãos e promover, ao invés, ações virtuosas na perspectiva de uma produção moralmente sadia e solidária, no respeito do direito fundamental de cada povo e de cada pessoa à vida.<sup>144</sup>

Nesta perspectiva, os governos deveriam se orientar a instaurar políticas que promovam a centralidade e a integridade da família, fundada no matrimônio entre um homem e uma mulher, célula primeira e vital da sociedade, preocupando-se também com os seus problemas econômicos e fiscais, no respeito da sua natureza relacional. Trata-se de um aspecto muito importante do verdadeiro desenvolvimento, porque diz respeito aos valores irrenunciáveis da vida e da família. Deste modo, torna-se uma necessidade social, e mesmo econômica, continuar a propor às novas gerações a beleza da família e do matrimônio, a correspondência de tais instituições às exigências mais profundas do coração e da dignidade da pessoa.

Ademais, o Estado deve prestar a devida atenção a uma procriação responsável, que constitui, para além do mais, uma real contribuição para o desenvolvimento integral, onde tal responsabilidade impede que se considere a sexualidade como uma simples fonte de prazer ou que seja regulada com políticas de planificação forçada dos nascimentos, para que como já dito anteriormente o sexo não se torne mais um produto no qual se pode obter, onde no fim das contas, acarreta numa visão materialista da sexualidade humana e ao mesmo tempo,

---

<sup>144</sup> CiV 28.

ocasião de violência e exploração. Pelo contrário, o Estado deve garantir o direito aos pais de uma formação educativa para que a abertura moralmente responsável à vida seja uma riqueza social e econômica.<sup>145</sup>

Um último ponto de extrema importância e que posteriormente seria totalmente aprofundado por Papa Francisco na *Laudato Si'* sobre uma ecologia integral, Bento XVI brevemente acena na *Caritas in Veritate*, pois, onde se deseja preservar a natureza não basta intervir com incentivos ou penalizações econômicas, apesar de serem instrumentos importantes, mas o problema decisivo para uma ecologia é a solidez moral da sociedade em geral. As modalidades com que o homem trata o ambiente influem sobre as modalidades com que se trata a si mesmo, e vice-versa. Isto chama a sociedade atual a uma séria revisão do seu estilo de vida que, em muitas partes do mundo, pende para o hedonismo e o consumismo, sem olhar aos danos que daí derivam.

Toda a lesão da solidariedade e da amizade cívica provoca também danos ambientais, assim como a degradação ambiental por sua vez gera insatisfação nas relações sociais. A natureza, especialmente no nosso tempo, está tão integrada nas dinâmicas sociais e culturais que quase já não constitui uma variável independente. Por isso, há uma necessária real mudança de mentalidade que nos induza a adotar novos estilos de vida.<sup>146</sup>

Bento XVI enfatiza uma espécie de ecologia do homem, entendida no justo sentido. A degradação da natureza está estreitamente ligada à cultura que molda a convivência humana: quando a ecologia humana é respeitada dentro da sociedade, beneficia também a ecologia ambiental. Aponta uma diretriz de responsabilidade que compete à Igreja e cada homem e mulher nesta imensa família humana, que é a defender a Criação que vai desde a terra, a água, o ar e toda pessoa humana para que essa ecologia humana e ambiental não seja destruída:

A Igreja sente o seu peso de responsabilidade pela criação e deve fazer valer esta responsabilidade também em público... Se não é respeitado o direito à vida e à morte natural, se se tornam artificiais a concepção, a gestação e o nascimento do homem, se são sacrificados embriões humanos na pesquisa, a consciência comum acaba por perder o conceito de ecologia humana e, com ele, o de ecologia ambiental. É uma contradição pedir às novas gerações o respeito do ambiente natural, quando a educação e as leis não as ajudam a respeitar-se a si mesmas. O livro da natureza é uno e indivisível, tanto sobre a vertente do ambiente como sobre a vertente da vida,

---

<sup>145</sup> CiV 44.

<sup>146</sup> CiV 51.

da sexualidade, do matrimônio, da família, das relações sociais, numa palavra, do desenvolvimento humano integral. Os deveres que temos para com o ambiente estão ligados com os deveres que temos para com a pessoa considerada em si mesma e em relação com os outros; não se podem exigir uns e espezinhar os outros. Esta é uma grave antinomia da mentalidade e do costume atual, que avilta a pessoa, transtorna o ambiente e prejudica a sociedade.<sup>147</sup>

Além das encíclicas *Deus Caritas Est* e *Caritas in Veritate* ao longo dos oito anos de pontificado, o Papa Bento XVI em inúmeras ocasiões se manifestou a respeito sobre os fundamentos teológicos do matrimônio em seus aspectos de unidade e indissolubilidade; sobre a graça sacramental; a importância dos filhos e o valor da sadia convivência entre as gerações; o matrimônio como dom da criação de Deus; a missão da família que surge na união do casal humano como célula da sociedade e do papel evangelizador da família em meio a um mundo secularizado, subjetivista e profundamente marcado por um relativismo que somente descontrói todos os valores familiares transformando a nossa sociedade humana numa sociedade menos fraterna.

Por isso, na esteira de seus predecessores o Papa alemão sempre esteve preocupado com a família e, sobretudo, enxergando-a como um sujeito evangelizador, daquele agente missionário da Igreja que leva ao mundo o amor esponsal de Cristo realidade na qual possibilita os parâmetros para o verdadeiro amor humano. Preocupado com o aviltamento do amor humano, tal cenário faz suprimir a autêntica capacidade de amar, revelando-se em nosso tempo, a arma mais apropriada e mais eficaz para afastar Deus do homem, para afastar Deus do olhar e do coração do homem. Com o argumento de que é necessário se experimentar todas as potencialidades da natureza do homem para construir um suposto mundo melhor e uma suposta humanidade mais feliz; esta vontade de “libertar-se” e explorar a própria humanidade em sua dimensão corporal, ao contrário, acaba por diluir o desígnio do Criador e também reduzindo a verdade da nossa natureza a um conjunto de funções, das quais só queremos dispor ao nosso bel-prazer.<sup>148</sup>

O papa emérito sempre trouxe à tona a importância do papel social e eclesial que o casal e toda família em conjunto com o papel missionário e evangelizador da Igreja pode, por sua vez, em virtude da boa formação das pessoas na fé com o

---

<sup>147</sup> CiV 51.

<sup>148</sup> BENTO XVI, PP., Discurso de abertura do congresso eclesial diocesano na basílica de São João de Latrão em 06 de junho de 2005.

acompanhamento da Igreja, esta mesma família poderá promover os autênticos valores humanos para daí se superar o relativismo que marca os nossos tempos, por isso, a evangelização da família ganha uma prioridade pastoral, ainda mais, por causa das mudanças que desagregaram numerosas famílias viabilizando maior risco de afetar a coesão da mesma sociedade:

É importante, a todos os níveis da vida diocesana e social, encorajar os católicos a preservar e a promover os valores fundamentais da família. Neste espírito, é necessário prestar atenção à preparação humana e espiritual dos casais e ao acompanhamento pastoral das famílias, recordando a eminente dignidade do matrimônio cristão, único e indissolúvel, e propondo uma espiritualidade conjugal sólida para que as famílias cresçam em santidade.<sup>149</sup>

A família e a Igreja, em concreto, as paróquias e as outras formas de comunidade eclesial, estão chamadas à colaboração mais estreita naquela tarefa fundamental que é constituída, inseparavelmente, pela transmissão da fé a partir da formação das pessoas através de uma convivência fraterna e ajuda nas suas necessidades físicas e espirituais. Segundo Bento XVI, a oração, a amizade pessoal com Cristo e a contemplação n'Ele do rosto do Pai está, por isso, na base da formação da pessoa cristã e da transmissão da fé como parte do nosso compromisso missionário, em particular, para uma pastoral familiar:

Sabemos bem que para uma autêntica obra educativa não é suficiente uma teoria justa ou uma doutrina a ser comunicada. Há necessidade de algo muito maior e humano, daquela proximidade, quotidianamente vivida, que é própria do amor e que encontra o seu espaço mais propício na comunidade familiar, e depois também numa paróquia, movimento ou associação eclesial, em que se encontrem pessoas que se ocupam dos irmãos, em particular das crianças, mas também dos adultos, dos idosos, dos doentes, das próprias famílias, porque, em Cristo, os amam.<sup>150</sup>

O profundo relativismo verificado em nossos dias e sempre citado com preocupação pelo Papa por tê-lo destacado em tantas ocasiões, faz da família um instrumento primordial na superação desse fenômeno que se difunde em todo tecido social e que corrompe igualmente a família. Por isso exorta a todos, ou seja, família e Igreja a juntos unirem suas energias num testemunho cristão do amor ao próximo

<sup>149</sup> BENTO XVI, PP., Discurso aos participantes no encontro de presidentes das comissões episcopais para a família e a vida da América Latina em 03 de dezembro de 2005.

<sup>150</sup> BENTO XVI, PP., Discurso de abertura do congresso eclesial diocesano na basílica de São João de Latrão em 06 de junho de 2005.

e respeito à dignidade humana em correspondência ao evangelho de Cristo que é o evangelho da família. Assim, o trabalho quotidiano na formação para a fé das novas gerações, em estreita ligação com os sacramentos da iniciação cristã, como também pela preparação para o matrimônio e para o acompanhamento das famílias no seu caminho, com frequência não fácil, sobretudo, na grande tarefa da educação dos filhos, é a via fundamental para regenerar sempre de novo a Igreja e também para vivificar o tecido social.

Por conseguinte, pede o testemunho público de todos nessa tarefa de anunciar o evangelho, de levar Cristo a toda família humana, muitas vezes através de um itinerário de lutas e incompreensões em busca de um futuro melhor e com confiança na assistência do Espírito Santo, pois, a edificação de cada família cristã individualmente coloca-se no contexto da família mais ampla da Igreja, que a ampara e a leva consigo.

Em síntese, procuramos delinear aquilo que acreditamos ser o desejo do Papa Bento XVI nas inúmeras situações as quais se pronunciou a respeito do matrimônio e da família. Procuramos deixar aqui um quadro por onde caminhou sua atenção para com a situação dos casais, o valor e a dignidade do amor esponsal vivido na união sacramental; os desafios enfrentados que tentam a destruição da família e degenera a convivência social:

Hoje é preciso anunciar com renovado entusiasmo que o evangelho da família é um caminho de realização humana e espiritual, com a certeza de que o Senhor está sempre presente com a sua graça. Este anúncio muitas vezes é desfigurado por falsas concepções do matrimônio e da família que não respeitam o projeto originário de Deus... A família é uma instituição de mediação entre o indivíduo e a sociedade, e nada à pode substituir totalmente. Ela mesma apoia-se sobretudo numa profunda relação interpessoal entre o esposo e a esposa, sustentada pelo afeto e compreensão mútuos. No sacramento do Matrimônio, ela recebe a abundante ajuda de Deus, que comporta a verdadeira vocação para a santidade. Queira Deus que os filhos contemplem mais os momentos de harmonia e afeto dos pais e não os de discórdia e distanciamento, pois o amor entre o pai e a mãe oferece aos filhos uma grande segurança e ensina-lhes a beleza do amor fiel e duradouro. A família é um bem necessário para os povos, um fundamento indispensável para a sociedade e um grande tesouro dos esposos durante toda a sua vida. É um bem insubstituível para os filhos, que hão-de ser fruto do amor, da doação total e generosa dos pais. Proclamar a verdade integral da família, fundada no matrimônio, como Igreja doméstica e santuário da vida é uma grande responsabilidade de todos.<sup>151</sup>

---

<sup>151</sup> BENTO XVI, PP., Discurso durante a vigília de oração por ocasião de viagem apostólica em Valência na Espanha no V encontro mundial com as famílias em 08 de julho de 2006.

### 3.5

## Rumo ao segundo processo sinodal: o início do pontificado de Francisco

A Igreja tem hoje o primeiro Papa jesuíta da história e já durante os seus anos de pontificado deixa transparecer uma clara predileção pela família e sempre procura destaca-la como instrumento chave para uma nova evangelização e a convoca ser um agente que desempenhe um papel mais ativo junto à sociedade para promover e anunciar o valor do amor conjugal, lugar de aquisição da fé e de aprendizagem da caridade fraterna, assim entendendo a família como a primeira escola de sociabilidade dos indivíduos.

Em seu primeiro documento, a encíclica *Lumen Fidei*, o papa acena para um vínculo entre a fé e a família, ao mesmo tempo, fala de uma estreita relação do bem comum verificado numa sociedade, se esta for preenchida por um amor que nasce da fé em Deus, sendo ele capaz de marcar as relações humanas.

A fé, por isso, revela quão firmes podem ser os vínculos entre os homens, quando Deus se torna presente no meio nós, trazendo-nos não apenas uma solidez interior, uma convicção firme; a fé ilumina também as relações entre os homens, porque nasce do amor e segue a dinâmica do amor de Deus.<sup>152</sup>

Segundo Papa Francisco, precisamente do encontro com o amor gerador de Deus, é que nasce a fé, em virtude de um dinamismo próprio pelo qual adquirimos a partir desta fé, a qual pode se tornar para nós um caminho de exercício para a justiça, o direito e a paz. A luz da fé é capaz de valorizar a riqueza das relações humanas, e assim a sua capacidade de perdurarem, de serem fiáveis, de enriquecerem a vida comum. Sem um amor fiável que ilumina esta fé na justiça e que procura o bem comum, nada poderia manter os homens verdadeiramente unidos.

Francisco menciona que sem essa dimensão relacional de um amor que se realiza à medida da fé, a unidade entre os homens não seria concebível apenas enquanto fundada sobre a utilidade, a conjugação dos interesses, o medo. E enfatiza dizendo que os seres humanos não encontram neste ponto, a beleza de viverem juntos, nem a alegria que a simples presença do outro pode gerar.

---

<sup>152</sup> LF 50.

Por isso, a fé alicerçada sobre o amor de Deus, possibilita-nos maior compreensão da arquitetura das relações humanas, porque identifica o seu fundamento último e destino definitivo em Deus, no seu amor, e assim ilumina a arte da sua construção, tornando-se um serviço ao bem comum.<sup>153</sup>

Por sua vez, o próprio matrimônio é perpassado por esta estreita relação pelo encontro da fé e do amor, homem e mulher podem ambos prometer-se amor mútuo com um gesto que compromete a vida inteira, porque para se prometer um amor que dure para sempre só se faz possível quando se descobre um desígnio maior que os próprios projetos, que nos sustenta e permite doar o futuro inteiro à pessoa amada.<sup>154</sup>

Do casal surge a relação entre a fé e o amor da qual o Papa quer realçar, naquilo que compete aos pais como origem da família na tarefa de educar os filhos, que serão o futuro da sociedade. Por isso, é importante que os pais cultivem práticas de fé comuns na família, que acompanhem o amadurecimento espiritual dos filhos. Sobretudo os jovens, que atravessam uma idade da vida tão complexa, rica e importante para a espiritualidade, devem sentir a proximidade e a atenção da família e da comunidade eclesial no seu caminho de crescimento da fé.<sup>155</sup> Assimilada e aprofundada em família, a fé torna-se luz para iluminar todas as relações sociais como experiência da paternidade e da misericórdia de Deus, depois se dilatará em caminho fraterno.

Ainda no ano de 2013, na *Evangelii Gaudium* tratando sobre o tema de alguns desafios culturais que o processo de evangelização enfrenta perante a um relativismo já tantas vezes abordado por Bento XVI, o Papa Francisco reitera que esse mesmo relativismo relacionado com o surgimento de inúmeras ideologias que solapa e leva a uma desilusão com a fé, onde cada um ao se considerar portador de uma verdade subjetiva como reação a tudo que pareça totalitário, pode a partir disso, simplesmente procurar a realização dos próprios desejos. Tal panorama é resultado de uma indiferença relativista que atinge tanto o campo religioso, bem como, outras instâncias socioeconômicas e culturais de um povo, tornando difícil um projeto que vá além dos interesses pessoais, por fim, gerando um prejuízo não somente a vida social em geral, mas também ao trabalho evangelizador da Igreja.

---

<sup>153</sup> LF 51.

<sup>154</sup> LF 52.

<sup>155</sup> LF 53.



Neste ponto, o Papa insere a família, que também se vê imersa nesse processo de profunda crise cultural junto com todas as formas de comunidades e vínculos sociais. Destaca que a família por ser a célula básica da sociedade onde se aprende a conviver na diferença e onde se recebe os primeiros elementos da fé, também padece desses problemas porque o matrimônio é visto por muitos, por causa desse fenômeno do relativismo, como mero sentimento amoroso de gratificação afetiva, que se realiza de qualquer maneira e se pode modificar de acordo com a vontade de qualquer um.

Pelo contrário, seguindo um estudo da conferência episcopal francesa, Francisco nos expõe e conclui que o matrimônio é de uma contribuição indispensável à sociedade porque supera o nível da afetividade e necessidades ocasionais do casal e, que por definição, é um compromisso mútuo de união total de duas vidas.<sup>156</sup>

O Papa argentino é um pontífice seriamente preocupado com a família e os problemas por ela enfrentados, ao mesmo tempo, preocupado com as pessoas e os seus sofrimentos, oriundos de relações que nem sempre são marcadas pela alegria e realização. Seu horizonte é sempre um meio de possibilitar a estas pessoas, especialmente por parte da Igreja, uma resposta misericordiosa por caminhos que visam a reconciliação delas consigo mesmas e que ao tentarem superar as próprias dores da vida, e quando no passado se afastaram da Igreja, possam encontrar nesta proximidade misericordiosa o fruto do amor de Deus e também de outras verdades de fé.

Sempre nas suas falas e atitudes o Papa procura esboçar, segundo ele mesmo, um estilo próprio, resultado de um discernimento para indicar vias simples as quais considera imprescindíveis para se chegar a uma harmonia e respeito dentro do contexto familiar. A partir disso, volta e meia descreve aquilo que deve marcar as relações familiares e chega a dar orientações muito práticas sobre o que fazer e naquilo que compete a cada membro da família.

Fala aos pais sempre em primeiro lugar na sua tarefa indispensável de evangelizar os filhos e promover uma educação ética e cristã a eles, porque estes são, na verdade, uma dádiva para a humanidade. Constantemente recorda-nos que somos sempre filhos, quando nos tornamos adultos, mesmo já desempenhando

---

<sup>156</sup> EG 66.

funções de responsabilidade, por detrás de tudo isto permanece ainda identidade de filhos, porque o grande dom da vida é o primeiro presente que recebemos e, por isso, as vezes nos esquecemos que não somos senhores da nossa existência, pelo contrário, somos sempre dependentes como as crianças dependem dos seus pais:

Assim as crianças são em si uma riqueza para a humanidade e também para a Igreja, porque nos chamam constantemente à condição necessária para entrar no Reino de Deus: a de não nos considerarmos autossuficientes, mas necessitados de ajuda, de amor, de perdão.<sup>157</sup>

O Papa Francisco exorta ainda aos pais que permaneçam juntos de seus filhos, lhes dediquem tempo de qualidade. Porque a crise da família torna-se o drama de vida das crianças, dos vazios educativos e em situações mais graves, de certas condições de vida por vezes desumanas e afirma que são infâncias violadas no corpo e na alma:

...as crianças pagam também o preço de uniões imaturas e de separações irresponsáveis: elas são as primeiras vítimas; padecem os resultados da cultura dos direitos subjetivos exasperados e depois tornam-se os seus filhos mais precoces. Absorvem frequentemente violências que não são capazes de “liquidar” e, aos olhos dos adultos, são obrigadas a habituar-se à degradação.<sup>158</sup>

Nesta intrínseca relação, o Papa afirma ser o amor a promessa do homem e da mulher dirigida a cada filho desde o pensamento para abertura à concepção, até a sua chegada ao mundo, pois, todo filho espera de modo indefeso, a totalidade e o cumprimento dessa promessa, seja da etnia que for. Acolhimento e cuidado, proximidade e atenção, confiança e esperança são outras promessas básicas sintetizadas no amor, o modo mais reto de receber um ser humano que vem ao mundo.

Desta maneira, se desenvolve um estilo de convivência familiar ao se verificar essas atitudes no seio da família, mesmo em meio a cenários de pobreza e trabalho, doenças e orações, festas e luto, Francisco quer indicá-las como medidas para se curar o que ele tem chamado de feridas da convivência familiar. Para que as feridas abertas, porém ainda remediáveis não sejam descuidadas, e se agravadas transformam-se em prepotência, hostilidade e desprezo. Tais lacerações profundas

---

<sup>157</sup> FRANCISCO, PP., Audiência geral em 18 de março de 2015.

<sup>158</sup> FRANCISCO, PP., Audiência geral em 08 de abril de 2015.

chegam muitas vezes a separar os esposos, assim levando-os a procurar noutra lugar compreensão, apoio e consolo, onde tais “apoios” não pensam no bem da família e estas feridas acabam por acometer todos os membros do corpo familiar, especialmente os mais sensíveis, o que ele chama de: a carne viva dos filhos.

Nos casos de separação fica-nos evidente que as feridas deixam marcas profundas e as vezes irremediáveis, por isso, é necessário que a Igreja como mãe saiba observar e discernir cada caso, para salvar o restante do corpo ainda que muito ferido através de um acompanhamento pastoral sábio, consciente de que não existem “receitas simples” como já destacado por Bento XVI, agora ratificado por Francisco por seu chamado ao discernimento por parte da Igreja:

A Igreja sabe bem que tal situação contradiz o sacramento cristão. Contudo, o seu olhar de mestra haure sempre de um coração de mãe; um coração que, animado pelo Espírito Santo, procura sempre o bem e a salvação das pessoas. Eis o motivo pelo qual sente o dever, “por amor à verdade”, de “discernir bem as situações”... A Igreja está chamada a ser sempre a casa aberta do Pai. Não às portas fechadas! Todos podem participar de alguma forma na vida eclesial, todos podem fazer parte da comunidade... A Igreja é casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fatigante.<sup>159</sup>

Outro ponto importante destaca o Papa Francisco para uma convivência familiar harmoniosa é o papel que cada membro familiar é chamado a desempenhar e chega que quase a conceituar cada um deles. A mãe, por exemplo, diz ele que ser mãe não significa somente colocar um filho no mundo, a escolha de vida de uma mãe é a escolha de dar a vida. A mãe na simplicidade das coisas vive um martírio materno ao conceber, dar à luz, amamentar e cuidar do próprio filho com carinho. Por isso, uma sociedade sem mães seria uma sociedade desumana, porque mesmo nos piores momentos, elas testemunham a ternura, a dedicação, a força moral e transmitem os valores da fé na vida de um filho.<sup>160</sup>

Já o pai é alguém presente o que não significa ser controlador, porque os pais demasiado controladores anulam os filhos e não os deixam crescer. O pai para os filhos é alguém que se encontra ao lado da esposa para compartilhar todos os momentos marcantes da vida de um filho, seja de erros e acertos, medos e alegrias, mas pai sempre e sempre presente. O pai deve ser paciente mesmo quando não se pode fazer nada, mas é uma pessoa que reza e espera com paciência, doçura e

---

<sup>159</sup> FRANCISCO, PP., Audiência geral em 05 de agosto de 2015.

<sup>160</sup> AL 174.

generosidade. Sabe acima de tudo, corrigir com firmeza sem aviltar os filhos, protegendo-os não se poupa a si mesmo e, especialmente, perdoa sem se tratar de ser um pai fraco.<sup>161</sup>

Por sua vez, ser filho e filha, segundo o desígnio de Deus significa trazer em si a memória e a esperança de um amor que se realizou precisamente acendendo a vida de outro ser humano, original e novo. Não constitui posse dos pais, mas sim um dom, um presente, uma dádiva de Deus, alegria para a família e a sociedade, devem ser valorizados e reconhecidos por ser filho e filha e posteriormente estes filhos devem honrar seus pais.

Já entre irmãos se aprende a convivência humana, bem como, se aprende a cuidar uns dos outros, especialmente quando se é o mais velho ajudando aos pais a cuidar da irmã ou do irmão mais novo. Por isso, compete aos pais ensinar aos filhos esta convivência de irmãos, mesmo que seja uma atividade laboriosa, é uma experiência inestimável e insubstituível como grande escola de sociabilidade.<sup>162</sup>

Por fim, os idosos (os avôs e as avós) são o patrimônio permanente de uma riqueza cultural de sabedoria para a sociedade humana demasiadamente ocupada, absorvida e distraída. Os idosos são modelo de persistência para os jovens que descartam e se cansam depressa das coisas, de mostrar a eles que há mais alegria em dar do que em receber. Os avós asseguram a transmissão da fé aos netos, ou seja, uma família que não respeita nem cuida dos seus avós, que são a sua memória viva, é uma família desintegrada; mas uma família que recorda é uma família com futuro.<sup>163</sup>

Assim Francisco traça um modelo de família sem afirmar que isto seja fácil de se realizar, mas que todos podem ensinar e aprender dentro de uma convivência em família. Isso no pensamento do Papa leva-nos a uma boa educação nos seus termos autênticos, onde o estilo das boas relações está solidamente arraigado no amor pelo bem e no respeito pelo próximo, pois, a família vive desta delicadeza do bem-querer. Neste ponto, nos diz que a educação em casa se vive a partir de três palavras ou expressões fundamentais: “com licença”, “obrigado” e “desculpa”.

Entrar na vida do outro, mesmo quando faz parte da nossa existência, exige a delicadeza de uma atitude não invasiva, que renova a confiança e o respeito,

---

<sup>161</sup> AL 55.

<sup>162</sup> AL 195.

<sup>163</sup> AL 193.

construímos um verdadeiro baluarte para o espírito da convivência matrimonial e familiar, por isso, devo pedir com licença para entrar no coração do outro. Por sua vez, a gentileza e a capacidade de agradecer são vistas hoje em dia como um sinal de debilidade, e às vezes até chegam a suscitar desconfiança de acordo com Francisco, agradecer atualmente parece ser sinal de fraqueza ou algo antiquado. Aqui Francisco alerta-nos para uma coisa, isto é, tanto como pessoas quanto a vida familiar ignorar este estilo, também a vida social o perderá. Ademais, o cristão que não sabe agradecer é alguém que se esqueceu da língua de Deus.

A última palavra consiste em “desculpa”, pois, para o Papa Francisco se não soubermos pedir desculpa, isto quer dizer que não seremos capazes de perdoar. Ele exorta aos casais para que na vida matrimonial não deixem de fazer as pazes. Expressões estas que se devem confiar na graça do Senhor para que os fortaleça na prática da humildade em seus corações, nos lares e na convivência civil.<sup>164</sup>

Em síntese, procuramos apresentar alguns poucos pontos sobre o que nos foi exposto pelo Papa Francisco até este momento, dentre inúmeras colocações por parte dele em seu pontificado sobre o tema dos casais e da família. O mais importante é aquilo que o Papa nos pede, aquilo que o norteia que é o discernimento sobre cada situação em particular. Pede-nos que sejamos uma Igreja em saída, que chegue até onde as pessoas estão e nos façamos por entender as suas dores, e a partir disso, usa várias imagens para ilustrar o caminho o qual entende que deve ser tomado pela Igreja:

Sonho com uma Igreja Mãe e pastora. Os ministros da Igreja devem ser misericordiosos, tomar a seu cargo as pessoas, acompanhando-as como o bom samaritano que lava, limpa, levanta o seu próximo. Isto é Evangelho puro. Deus é maior que o pecado. As reformas organizativas e estruturais são secundárias, isto é, vêm depois. A primeira reforma deve ser a da atitude. Os ministros do Evangelho devem ser capazes de aquecer o coração das pessoas, de caminhar na noite, na sua escuridão, sem perder-se... Em vez de ser apenas uma Igreja que acolhe e recebe, tendo as portas abertas, procuramos sair de si mesma e ir ao encontro de quem não a frequenta, de quem a abandonou ou lhe é indiferente... Uma pastoral missionária não está obcecada pela transmissão desarticulada de uma multiplicidade de doutrinas a impor insistentemente. Devemos, pois, encontrar um novo equilíbrio, de discernir; de outro modo, mesmo o edifício moral da Igreja corre o risco de cair como um castelo de cartas, de perder a frescura e o perfume do Evangelho.<sup>165</sup>

---

<sup>164</sup> FRANCISCO, PP., Audiência geral em 13 de maio de 2015.

<sup>165</sup> SPADARO, A., Entrevista exclusiva do Papa Francisco. p. 20-22.

### 3.6

#### **Os sínodos de 2014 e 2015 e as proposições para a *Amoris Laetitia***

A motivação para a convocação de dois sínodos sobre a família consistiu por conta da evidente crise social e espiritual que interpela a missão evangelizadora da Igreja junto à família, núcleo vital da sociedade e da comunidade eclesial. Por isso, propor o Evangelho sobre a família de maneira fidedigna neste contexto torna-se um enorme desafio pastoral, entretanto, torna-o mais urgente e necessário do que nunca.

Parte desta motivação se dá também porque em todas as épocas e nas culturas mais diversificadas nunca faltou o ensinamento claro dos pastores, nem o testemunho concreto dos fiéis, homens e mulheres que, em circunstâncias muito diversas, viveram o Evangelho da família como uma dádiva incomensurável para a sua própria vida conjugal e familiar e concomitantemente para a vida de toda Igreja. Por isso, no primeiro documento preparatório do sínodo já no ano de 2013, logo se percebe a preocupação da Igreja e de todo episcopado mundial em anunciar a beleza do Evangelho da família, onde se dizia: sustentados pelo desejo de comunicar esta mensagem a todos, com maior incisividade, espera-se assim que o tesouro da revelação confiado à Igreja encha cada vez mais os corações dos homens.<sup>166</sup>

O desejo de dedicar dois sínodos sobre o tema da família e em anos consecutivos, mostra certamente uma preocupação pelos inéditos fenômenos cada vez mais patente em tantas partes do mundo no que tange desde o abandono da fé na sacramentalidade do matrimônio por parte de muitos casais e o crescente relativismo sobre a noção de matrimônio indissolúvel; até mesmo por conta, da cultura do não comprometimento e a conseqüente instabilidade do vínculo; a crescente situação dos divorciados recasados e o desejo de acesso aos sacramentos da Penitência e da Eucaristia.

Os padres sinodais no início dos trabalhos, apontaram que algumas situações problemáticas à doutrina do sacramento do matrimônio, remontam origens de longa data. Pôde-se destacar dentre os desafios ao Evangelho da família, o relevante destaque que toma no cenário mundial da união de pessoas do mesmo sexo; dos

---

<sup>166</sup> SÍNODO DOS BISPOS. Documento preparatório para III assembleia extraordinária: desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização. Acesso em 06 de novembro de 2019.

matrimônios combinados em alguns lugares mais abastados do ocidente secularizado, de modo particular, tornando a mulher como uma espécie de mercadoria; mas também por causa de muitos matrimônios mistos ou interreligiosos que incorrem em perigos para a fé do cônjuge cristão; além da poligamia.

Outras circunstâncias são mais recentes por conta de questões de cunho cultural, sociopolítico e econômica como, por exemplo, as mães de substituição (“barrigas de aluguel”); o fenômeno migratório por causa de guerras e misérias; baixa taxa de natalidade entre os casais; novos rearranjos e famílias monoparentais e a forte influência dos meios de comunicação e das redes sociais sobre a compreensão do matrimônio.

Todo este processo de reflexão começou com perguntas enviadas às Igrejas particulares que constituíram os *lineamenta*, ou seja, um olhar sobre a situação, elencar os desafios encontrados sobre o contexto familiar. Por sua vez, este questionário encontrou acolhimento e respostas por parte das conferências episcopais, também contou com a participação de alguns dicastérios da Santa Sé, pela participação de alguns superiores gerais de congregações e da Secretária geral do Sínodo, demonstrando a seriedade e o comprometimento de várias esferas da Igreja para com o tema, chegando-se assim na elaboração do *instrumentum laboris*.

Por isso, como um dos primeiros desafios que se fez notar e recolhido pelo sínodo passa por uma recepção diversificada do ensinamento da Igreja sobre o matrimônio. Verifica-se dois tipos de circunstâncias: a primeira consiste em haver por parte de alguns fiéis uma certa compreensão e, por isso, menor dificuldade em alguns aspectos sobre o matrimônio quando há uma clara constância no caminho de fé. Já uma segunda situação consiste numa resistência parcial dos elementos inerentes à doutrina do sacramento. Quando se há uma ênfase excessiva no aspecto moral sem uma maior integração entre a espiritualidade familiar e realidades cotidianas envolvendo aspectos psicoafetivos e socioeconômicos, sobretudo, quando se trata de temas como controle dos nascimentos por métodos contraceptivos, divórcio, novas núpcias, entre outros.

Uma perspectiva de acompanhamento pastoral apontada se destaca pela necessidade de estimular percursos formativos concretos e possíveis, mediante os quais introduzir as verdades da fé, especialmente aquilo que propriamente diz respeito à família, sobretudo, para poder apreciar o seu profundo valor humano e

existencial como parte de uma maior integração entre espiritualidade familiar e o âmbito moral.<sup>167</sup> Posteriormente o Papa Francisco na própria *Amoris Laetitia* logo de início quer retomar a mesma linha de raciocínio, onde exorta uma unidade de doutrina e práxis, mas que isto não impeça um modo mais dinâmico ou menos engessado de interpretar alguns aspectos da doutrina e, antes de tudo, devendo-se sempre buscar soluções mais inculturadas e atentas aos desafios locais.<sup>168</sup>

Diga-se de passagem, para se estar presente como povo de Deus, como Igreja de Cristo, fez-se presente em tantos momentos dentro do contexto sinodal, uma convergência de opiniões sobre a dificuldade da compreensão por parte dos fiéis no que toca a dimensão da linguagem teológica, nem sempre acessível, especialmente à compreensão dos documentos da Igreja sobre a família e a recepção da Sagrada Escritura para embasamento da doutrina sobre o matrimônio.

Não é sustentável uma Igreja que não sabe dialogar com as realidades concretas das pessoas, se a sua linguagem e conteúdo não estiver ao alcance do entendimento das mesmas. Por isso, chega-se à percepção da necessidade de uma melhor preparação, por exemplo, por parte dos sacerdotes e agentes de pastorais na abordagem bíblica e explicação dos documentos que abordam o matrimônio para que o *querigma* do Evangelho da família seja mais apreciado e reverbera na vida dos fiéis e, de maneira particular, na vida daqueles que se preparam para o matrimônio.

Fica evidente que o panorama mencionado talvez esteja sempre implícito, mas que na prática, não se verifica assim de maneira tão efetiva, ou seja, de que os casais constituem a pedra fundamental onde são colocados os “alicerces” para a edificação da família e, por isso, a manutenção da fé e o desenvolvimento de um processo contínuo de evangelização da família passa pela formação e acompanhamento dos mesmos.

Por este motivo, há uma exortação por parte dos bispos através de uma formação constante junto aos casais, e que se tenha em vista uma busca pela redescoberta da genitorialidade como um dom de Deus, mesmo que seja necessário rever os percursos e mantendo assim uma catequese informativa e formativa dos pais, conduzindo-os numa espécie de ministério perante aos filhos e que possam

---

<sup>167</sup> IL 14.

<sup>168</sup> AL 3.



estes posteriormente ingressar numa iniciação cristã a qual começa em casa e desemboca na vida eclesial.<sup>169</sup>

Apontara-se conforme as respostas obtidas proveniente das consultas realizadas pelo sínodo juntos às igrejas particulares, que uma espiritualidade da convivência em comum é de suma importância mediante os momentos de retiro das tarefas cotidianas; de fazer uma pausa para os momentos de oração entre pais e filhos; de guardar o domingo como dia do Senhor e da meditação da Sagrada Escritura, pois, constituem uma fonte constante a jorrar no coração das pessoas, marcando-as não somente com uma memória afetiva, mas tornando-as mais íntimas e amorosas.

Assim, observa-se o valor das ocasiões de partilha, onde cada um possa ser quem é, porque aí se é reconhecido como membro por um selo de pertença, porque também se aprende a colocar-se em *diaconia* a favor de toda família, à diferença de uma sociedade plural onde se é apenas mais um e que, cada vez mais, não se coloca em disponibilidade para ajudar o outro.

Uma outra característica que foi bem destacada pelo sínodo, trata sobre o papel que a família exerce na esfera social com seu estilo familiar, pois, fundada no matrimônio, esta representa o âmbito de formação integral dos futuros cidadãos de um país. Com sua característica educativa, tal instituição deveria ser salvaguardada e valorizada. Uma indicação pastoral consistiria em inculcar aos pais aquilo que lhes compete como tarefa entregue a eles por Deus, de mostrá-los que os seus filhos são dons e, por isso, devem ser oferecidos de volta para Deus, concomitantemente como instrumentos para a promoção de uma cultura de paz e sociabilidade:

Por fim, é frisado por muitos que a catequese sobre o matrimônio e família não se deve limitar hoje apenas à preparação do casal para o matrimônio; é necessária uma dinâmica de acompanhamento de caráter experiencial que, através de testemunhas, mostre a beleza de quanto nos transmitem sobre a família o Evangelho e os documentos do Magistério da Igreja. Muito antes que se apresentem para o matrimônio, os jovens precisam ser ajudados a conhecer quanto ensina a Igreja e por que o ensina. Muitas respostas realçam o papel dos pais na catequese específica sobre a família. Eles desempenham um papel insubstituível na formação cristã dos filhos em relação ao Evangelho da família. Esta tarefa exige uma compreensão profunda da sua vocação à luz da doutrina da Igreja. O seu testemunho é já uma catequese viva, não só na Igreja, mas também na sociedade.<sup>170</sup>

---

<sup>169</sup> IL 49.

<sup>170</sup> IL 19.

São os pais uma espécie de colaboradores de Deus, como professores que ensinam aos seus filhos nessa escola que se educa para o amor. Desta forma, entende-se esta dimensão como mais uma indicação possível para se viver uma espiritualidade familiar. Neste ponto, quer se enfatizar que a vida de nenhum ser humano deve ser vivida na solidão, particularmente as crianças quando os pais, despreparados negam-lhes a experiência de conhecer o amor e, por isso, não se sentem aquecidas pelo calor protetor de seus genitores por não possuírem um lar no qual não reina a paz e a ternura do afeto.

Por isso, o desvelamento da vocação da pessoa humana ao amor, está ligado com o reconhecimento e acolhimento no seio da família dos diferentes dons e capacidades de cada um de seus membros. Sobressai aqui a ideia da família como “primeira escola de humanidade”: nisto ela é considerada insubstituível.<sup>171</sup> Para isto, há a necessidade de criar um tempo para permanecer juntos em família, através de uma comunicação aberta e sincera, em diálogo constante. Por ser um ambiente vital no qual a pessoa se forma, a família é também fonte na qual se adquire a consciência de ser filhos de Deus, chamados por vocação ao amor.

Os problemas que afligem muitas pessoas sobre a incerteza do futuro no que diz respeito ao bem-estar pela estabilidade econômica e até por uma exigente satisfação social da vida afetiva, podem causar especialmente nos mais jovens uma preocupação excessiva tornando-os receosos em relação à vida, bem como, no desejo próprio de no futuro formar uma família.

Como indicação pastoral levantada pelo sínodo é que os pais por suas capacidades humanas de gerar uma vida e por sua missão, através do próprio exemplo, mediante um vínculo estável e duradouro, tendem a preservar “o desejo de família” nos mais jovens, revelando-se como um verdadeiro sinal dos tempos, que pede para ser aproveitado como ocasião pastoral.<sup>172</sup> Igualmente relevante está a dimensão da consciência da fé, a qual perpassa pela pessoa de Cristo estar no centro da vida espiritual e familiar, possibilitando-os haurir as forças para se superar todas as crises.

Aliás, isto significa que ser uma família cristã não garante estar imune de problemas, mas que estas dificuldades não podem ser vencidas somente pelas forças

---

<sup>171</sup> IL 38.

<sup>172</sup> IL 45.

humanas, pelo contrário, é a confiança na fé de que tudo está depositado em Cristo, e de que a família é uma realidade já “dada” e garantida por Deus, construída todos os dias com paciência, compreensão e amor é que se pode curar as dores e superar as crises.<sup>173</sup>

De acordo com os padres sinodais, em certos casos denominados em situação de irregularidade, muitos podem enxergar a disciplina por parte da Igreja em relação ao matrimônio no que toca a vivência de segundas núpcias, como uma intransigência rigorista, assim entendê-la mais como uma punição. Tal cenário tende a diluir o sentido pela procura à recepção do sacramento acarretando numa situação de profunda crise, seja talvez por um excessivo zelo doutrinal se o ideal de família for exposto como quase que uma meta inatingível, ao invés de ser proposto como um caminho de aprendizado humano e conhecimento da própria vocação e missão.

Em contrapartida, também pode-se elencar que para tantos outros já não é mais compreensível o matrimônio por causa de um certo relativismo que não impele ao comprometimento, fazendo com que os indivíduos busquem apenas os próprios interesses minando qualquer possibilidade para um contexto conjugal, sem o reconhecimento de que o crescimento conjugal passa por uma dinâmica a dois. Há também aqueles que não sentem a necessidade ou por outras circunstâncias da vida, já se consideram em tal situação que o Evangelho da família não lhes é mais visível porque sofreram com o abandono do parceiro ou porque não se veem mais dignos de formar uma nova família porque acham ter desperdiçado a sua oportunidade de felicidade plena

São inúmeros os contextos e ocasiões que exigem da Igreja a ter uma caridade pastoral de acompanhar as pessoas que passaram por uma falência matrimonial e de ajudá-las a viver a sua situação com a graça de Cristo. Neste sentido, exorta-nos os bispos que se encontrem formas de acompanhamento mediante paciência e com grande misericórdia e que esta “companhia” se mostre mais como apoio e incentivo, concomitantemente explicando que a impossibilidade de ter acesso aos sacramentos não significa necessariamente ser excluído da vida cristã e da relação com Deus.<sup>174</sup>

---

<sup>173</sup> IL 44.

<sup>174</sup> IL 103.

Até o momento, estes são apenas alguns dos grandes desafios pastorais à Igreja para anunciar o Evangelho da família. Desejamos trazer à tona estes aspectos que nos parecem ser indicações muito precisas daquilo que pode nos ajudar a enxergar como elementos constitutivos de uma pastoral familiar atualizada e que corresponda aos anseios dos fiéis e que resplandeça uma Igreja encarnada, presente no meio do povo de Deus.

Destacaremos por fim, como resultado da reflexão dos dois anos de sínodo e que a *Amoris Laetitia* retomará com grande veemência, aquilo que passou a ser denominado de pastoral da caridade, tendo como missão: propor às pessoas uma espécie de itinerário de reconciliação, de renovada confiança e serenidade, onde possam caminhar com toda a comunidade eclesial através de um olhar misericordioso e não legalista, para o chamado à altura da sua dignidade de pessoa, destinada da parte de Deus, a viver na vocação ao amor.<sup>175</sup>

O Cardeal Walter Kasper, participante do sínodo alerta-nos que palavras bonitas, por si só de pouco servem. Segundo ele, uma nova abordagem consiste em sermos realistas como Jesus. Diz-nos que qualquer pessoa nunca deveria se considerar sozinha ou perdida, especialmente quando se trata de um cristão batizado. Porque o Evangelho de Cristo é o Evangelho da família porque todos são chamados a fazer parte desta fraternidade de irmãos e irmãs.

Aqui, ele deixa-nos uma espécie de imperativo o qual nunca pode ser esquecido por parte da Igreja, antes, ela deve estimular o que se chama de apostolado do amor, pois, cultivado em cada família (Igreja doméstica) junto da Igreja paroquial pode tornar esse Evangelho novamente vivível, porque marca a vida eclesial com um estilo familiar que lhe é próprio.<sup>176</sup> É um vínculo, por assim dizer, “natural”, porque a Igreja é uma família espiritual, e a família é uma pequena Igreja.<sup>177</sup>

Em síntese, para se superar crises, tal pastoral conforme chegaram em conclusão os bispos, necessita de algo chamado de “arte do acompanhamento” para se ministrar o perdão em família, pois, no âmbito dos relacionamentos familiares, o perdão deve ser como um grande rio de misericórdia onde todos possam fazer a

---

<sup>175</sup> IL 80.

<sup>176</sup> KASPER, W., O evangelho da família, p. 29.

<sup>177</sup> LG 9.

experiência de se refrescar das impurezas dos caminhos e de que o acesso ao perdão é gratuito para todos.

A difícil arte da recomposição das relações precisa não apenas do auxílio da graça, mas inclusive da disponibilidade a pedir ajuda externa. A este propósito, a comunidade cristã deve revelar-se verdadeiramente pronta, especialmente nos casos mais dolorosos é necessária uma verdadeira obra de reparação para qual é preciso tornar-se disponível, diga-se de passagem, esta “educação para o perdão” começa desde a preparação para o matrimônio.<sup>178</sup>

A comunidade cristã é a casa daqueles que acreditam em Jesus como a fonte da fraternidade entre todos os homens. A Igreja caminha no meio dos povos, na história dos homens e das mulheres, dos pais e das mães, dos filhos e das filhas. Neste sentido, o Papa Francisco nos deixa uma bela reflexão: “A família é o lugar da nossa iniciação – insubstituível, indelével – nesta história de vida plena, que acabará na contemplação de Deus por toda a eternidade no céu, mas começa na família! Por isso, a família é tão importante. Atualmente, é indispensável e urgente fortalecer o vínculo entre família e comunidade cristã”.<sup>179</sup>

A partir disso, salta-nos à atenção para um outro comentário do Cardeal Kasper sobre a atitude pastoral da Igreja, devendo ela também se reconhecer em estado de caminhada, perceber-se que é necessitada e agraciada pela misericórdia de Deus:

Deus, na sua economia de salvação, deu muitos passos com o seu povo e, mediante o Espírito Santo, percorreu um longo caminho com a Igreja. De modo análogo, a Igreja também deve acompanhar as pessoas na sua caminhada até ao fim da vida, e nesse sentido deveria estar consciente de que também nós, estamos sempre a caminho e com bastante frequência erramos, devemos começar de novo e – graças à misericórdia de Deus, que não tem fim – também podemos sempre recomeçar.<sup>180</sup>

A pastoral da caridade e da misericórdia deve tender para a recuperação das pessoas e dos relacionamentos. A experiência demonstra que mediante uma ajuda adequada por meio de iniciativas que promovam uma perspectiva de reconciliação pela graça, um grande percentual de crises matrimoniais pode ser superado de

---

<sup>178</sup> RF 105.

<sup>179</sup> FRANCISCO, PP., Audiência geral de 09 de setembro de 2015.

<sup>180</sup> KASPER, W., O evangelho da família, p. 67.

maneira satisfatória. Porque saber perdoar e sentir-se perdoado constituem uma experiência fundamental na vida familiar.<sup>181</sup>

Para a Igreja, o desafio consiste em ajudar os casais no amadurecimento da dimensão emocional e no desenvolvimento afetivo, através da promoção do diálogo, da virtude e da confiança no amor misericordioso de Deus. Assim, o pleno compromisso exigido no matrimônio cristão pode constituir um forte antídoto contra tentação de um individualismo egoísta.<sup>182</sup>

Como colocado pelo Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* todos são chamados a ter parte nesta “arte do acompanhamento” independente do estado de vida, porque como Igreja todos são iniciados e posteriormente já inseridos num processo de mistagogia, possibilitam a outros a beleza e a importância de tirar as sandálias da terra sagrada do outro. Uma pastoral matrimonial com a marca da caridade e da misericórdia exorta aos casais a ter sempre um olhar respeitoso e cheio de compaixão, mas que ao mesmo tempo, cure, liberte e anime a amadurecer na vida cristã.<sup>183</sup>

Neste percurso de caminhada mediante um passo salutar de proximidade entre Igreja e famílias, é importante fazer amadurecer a ideia de que o matrimônio constitui uma escolha para a vida inteira, que não limita a nossa existência mas torna-a mais rica e completa, inclusive no meio das dificuldades. A mensagem cristã deve ser anunciada, privilegiando uma linguagem em que suscite a esperança. É necessário seguir com uma comunicação clara, cativante e aberta, que não moralize, nem julgue e nem sequer controle, mas dê testemunho do ensinamento moral da Igreja, mas sempre permanecendo contemporaneamente sensível às condições das pessoas na sua individualidade.<sup>184</sup> Estar próxima da família como companheira de caminho significa, para a Igreja, assumir uma atitude sábia e diferenciada. Às vezes, é necessário permanecer ao lado e ouvir em silêncio; outras, pôr-se à frente para indicar o caminho pelo qual proceder; outras ainda, estar atrás, para sustentar e encorajar.<sup>185</sup>

Para concluir este primeiro passo sobre um pastoral encarnada, atualizada e de acompanhamento para com as famílias, por qual tanto se exortou nas assembleias

---

<sup>181</sup> LINEAMENTA 44.

<sup>182</sup> LINEAMENTA 10.

<sup>183</sup> EG 169.

<sup>184</sup> RF 78.

<sup>185</sup> RF 110.

sinodais, é importante destacarmos o espírito de sinodalidade e colegialidade entre os bispos e o Papa Francisco, porque a partir disso, veremos em seguida o quanto a *Amoris Laetitia* está em profunda relação com as diretrizes elencadas pelo sínodo dos bispos. Aqui, recolhemos um comentário de outro padre sinodal, o Cardeal Lluís Martínez Sistach, arcebispo emérito de Barcelona que mostra o comprometimento de Francisco e do episcopado mundial com o contexto no qual se encontra a família nos dias atuais:

Desde o primeiro momento, o Papa Francisco disse a nós, os Padres sinodais que o Sínodo é trilhar caminhos juntos com espírito de colegialidade e sinodalidade e que tínhamos de sempre pensar primeiramente no bem da Igreja e no bem das famílias. Pediu-nos também que caminhássemos juntos nesse trabalho sinodal para ler a realidade familiar com os olhos de fé e com o coração de Deus. Francisco concluiu sua saudação inicial na Assembleia sinodal dizendo que o Sínodo só poderia ser um espaço em que age o Espírito Santo se nós o revestíssemos de coragem apostólica, de humildade evangélica e de oração confiante.<sup>186</sup>

Por fim, ficamos com o pensamento do Papa Francisco em dois momentos pós-término das assembleias de sínodo dos bispos que mostra essa dimensão sinodal e de colegialidade da Igreja, quando tratou sobre a família nos anos de 2014 e 2015. Dizia ele:

Nenhuma intervenção pôs em discussão as verdades fundamentais do sacramento do Matrimônio, ou seja, a indissolubilidade, a unidade, a fidelidade e a abertura à vida. Não se tocou nisto... Assim se realizou a assembleia sinodal. Alguns de vós podem perguntar-me: “os padres desentenderam-se?”. Não sei se o fizeram, mas falaram verdadeiramente em voz alta! É nisto que consiste a liberdade, a liberdade que há na Igreja. Tudo aconteceu “*cum Petro e sub Petro*”, ou seja, na presença do Papa, que para todos é garante de liberdade e confiança, garante da ortodoxia.<sup>187</sup>... Do sínodo dos bispos, que celebramos no mês de outubro, a Igreja foi animada a abrir suas portas para sair com o Senhor ao encontro dos filhos e das filhas a caminho, às vezes incertos, por vezes confusos, nestes tempos difíceis.<sup>188</sup>

Concluindo, este nosso segundo capítulo tentamos observar dentro de um panorama, tendo como ponto de corte cronológico o período que vai desde o concílio Vaticano II até o Papa Francisco destacando o que intuímos de cada sucessor de Pedro, aquilo que venha ser seu contributo teológico à atividade missionária por parte da Igreja junto aos casais.

<sup>186</sup> SISTACH, L.M., Como aplicar a *Amoris Laetitia*, p. 11.

<sup>187</sup> FRANCISCO, PP., Audiência geral de 10 de dezembro de 2014.

<sup>188</sup> FRANCISCO, PP., Audiência geral de 18 de novembro de 2015.

O Concílio Vaticano II passou a ser o norte de uma nova expressão dessa Igreja que agora precisava dialogar com o mundo e consigo mesma, precisava sempre ter um olhar *ad extra* para aqueles que não se encontram ou nunca se encontraram em seu corpo eclesial, de certo modo, de conseguir ir ao encontro de cada homem e de cada mulher, conferindo-lhe acolhimento, consolo e proximidade nas circunstâncias da vida de cada pessoa em particular, inclusive, na sua dimensão conjugal familiar. Tal preocupação está recolhida nos documentos do concílio, e no nosso caso, demos nesse segundo momento do trabalho, maior destaque à constituição pastoral *Gaudium Et Spes*.

De maneira *ad intra* a Igreja precisava perceber uma nova percepção de centralidade cristológica, eclesiológica e pastoral-comunitária para que não perdesse a noção de seu ser corpo de Cristo, para permanecer como porta-voz numa dimensão profética de anunciar Cristo ao mundo moderno que cada vez mais se recusara a fazer a experiência em Deus por sua suposta autossuficiência.

O concílio se realizara em cenário de pós-guerra e num clima de profunda tensão entre as potências econômicas do período que gastavam inúmeros recursos numa corrida armamentista até então sem precedentes na história, a partir do emprego intelectual para o desenvolvimento militar em vista de um poderio bélico para destruição em massa em acaso de agressão por parte do inimigo.

Tal panorama só consistiria em não reconhecimento do outro e da sua dignidade de pessoa. A Igreja, pelo contrário, se preocupava em anunciar a mensagem salvadora de Cristo também está destinada a eles, pela importância que cada pessoa humana possui, como parte de sua preocupação dialógica e antropológica para com o homem contemporâneo, porque depositária da salvação de Deus era preciso agora levar Cristo com uma nova linguagem e sempre como algo próprio de sua tarefa de ser luz para o mundo.

Em seguida, perpassamos pelos papas do período pós-concílio Vaticano II e almejamos a partir das palavras de cada pontífice recordar o que a compete a cada homem e a cada mulher inseridos numa dinâmica de vida matrimonial mediante a graça de Cristo recebida no matrimônio e, especialmente, lembrar a dignidade e a beleza deste sacramento e os frutos oriundos desta união para o casal e para a Igreja. Por fim, realçar a importância do papel da família na formação de toda e qualquer pessoa humana, bem como, naquilo que compete à família na manutenção da transmissão da fé e de bons valores obtidos na convivência familiar.



No capítulo subsequente deste nosso trabalho, nosso enfoque será o de perceber mais especificamente as intuições trazidas pela exortação *Amoris Laetitia* do Papa Francisco e seus desdobramentos como ponto de partida para novas compreensões e diretrizes dentro de uma perspectiva pastoral mais atual à luz do pensamento de alguns teólogos.

Isto, porque a entendemos como proposta a ser colocada em prática aos desafios enfrentados pela família nesta nossa época, contributo por parte do magistério da Igreja, já que reúne as intuições do Pontífice atual e também como fruto do sínodo da família ocorrido nos anos de 2014 e 2015, procurando, desta maneira, tentarmos chegar numa consideração hodierna de uma pastoral familiar mais adequada possibilitando aos casais e as famílias serem um instrumento mais ativo de anúncio do amor de Cristo, em virtude de uma participação mais consciente no processo de evangelização.

#### 4. **Uma nova compreensão pastoral a partir da *Amoris Laetitia*: “um casal não nasce cristão, se torna”**

Neste momento, após termos apresentado nos dois primeiros capítulos do presente trabalho um panorama do pensamento sistemático-bíblico de alguns teólogos, bem como, passando pelo posicionamento do magistério da Igreja tomando como ponto de partida o Concílio Vaticano II e tendo destacado alguns importantes pronunciamentos e documentos dos pontífices desde a década de 60 até o Papa Francisco sobre a doutrina do matrimônio e seus principais aspectos sacramentais, nosso enfoque agora procurará se deter sempre mais na perspectiva pastoral a qual a *Amoris Laetitia* tenta nos propiciar para caminhos de uma efetiva iniciação à vida matrimonial.

Procuraremos, a partir deste ponto, destacar aquilo que intuímos ser urgente por parte de todos, Igreja e sociedade, na procura de levarmos a palavra amorosa de Cristo, ao mesmo tempo, de acolhimento e proximidade e, sobretudo, desprovida de preconceitos para com as inúmeras situações adversas em que se encontram os casais e a família em nossos dias.

Nosso intuito passa muito longe de trazer soluções prontas, até porque como já acenou Bento XVI e ratificado por Francisco isto não nos é possível. Desta maneira, entendemos que esse percurso começa no ano de 2013 quando se chega a notícia da convocação pelo Papa Francisco de dois sínodos dos bispos sobre a família: um extraordinário para o ano de 2014 e outro ordinário com realização para o ano de 2015 na procura de enfrentar os graves problemas enfrentados pela família que geram concretos e grandes desafios à evangelização.

E o ponto de chegada de todo esse movimento eclesial com a iniciativa de Francisco exercendo uma colegialidade com os demais bispos do mundo inteiro, só ratifica o caminho sinodal que é característico desse pontificado, evitando-se isolar a Exortação do Papa das contribuições dos bispos e dos outros membros do povo de Deus, realizando o *cum Petro* e o *sub Petro*, próprio da colegialidade e da sinodalidade da Igreja.

Adentrando no conteúdo deste capítulo, há a proposta sempre no seguimento do pensamento da AL, aquilo que chamaremos de uma espécie de catecumenato ao matrimônio buscando assegurar aos nubentes não só a enxergar a celebração do

matrimônio como o fim de um processo/caminho, mas como uma iniciação a uma vocação que impulsiona a irem adiante pautados numa escolha firme e realista de superar juntos todas as provações e momentos difíceis, seguros na fé de que a graça de Deus contida no sacramento os fazem capazes de viver um amor de sacrifício e entrega, experimentados numa espiritualidade cristã-pascal.

Em seguida, abordando elementos do documento pontifício e refletindo sobre algumas perspectivas que Francisco nos apresenta no capítulo oitavo de sua exortação, trataremos sobre o que ficou entendido como uma pastoral de gradualidade permeada pelos verbos-chave: discernir, acompanhar e integrar que possibilitam uma autêntica atividade missionária junto às famílias.

Neste ponto debruçamo-nos na atitude que a Igreja há de ter para com a fragilidade das pessoas em suas situações matrimoniais, sobretudo, aquelas que ainda não correspondem plenamente no que consiste sobre a proposta de Jesus Cristo ao pleno amor conjugal. Tal gradualidade pastoral necessária não consiste em só apresentar normas e as casuísticas atenuantes e eximentes, mas visamos nesta parte do trabalho demonstrar a premente importância do discernimento tanto pedido por Francisco à Igreja.

E terminaremos a exposição do terceiro capítulo com dois temas interligados à dinâmica conjugal: tratar-se-á da espiritualidade conjugal iniciada com o casal desde sua preparação e depois inseridos numa vivência matrimonial-familiar, e como segundo tema, estará em vista o propósito de que futuramente possa ser posto em prática a partir de intimidade com Deus; apresentar os primeiros elementos da fé cristã aos filhos, isto é, o *múnus* que compete aos pais de propiciar aos próprios filhos a ter igualmente o desejo de experiência com Deus, para que tais elementos não lhe sejam aversivos à medida que vão crescendo e tendo contato com o mundo secular.

Enfatizaremos ao mesmo tempo, que esta espiritualidade conjugal também aponta para uma prática de oração comunitária, em conjunto família-Igreja como dimensão unitária da vida cristã conjugal-ecclesial, por ser a Igreja a grande família de Deus.

## 4.1 Um processo de catecumenato matrimonial

Neste tópico, abrimos para uma parte da nossa pesquisa, abordando a exortação pós-sinodal *Amoris Laetitia* do Papa Francisco sobre como deve ser o agir pastoral da Igreja, naquilo que compete a uma preparação mediante uma proposta de formação humana e espiritual dos casais. Nosso enfoque repousa sobre um prisma mistagógico-catequético, voltado particularmente para aqueles que se preparam para o matrimônio, tornando-se assim, ocasião indispensável a fortalecer a fé recebida no batismo e, ao mesmo tempo, anunciando o querigma do amor de Cristo simbolizado através da união do casal como momento oportuno que incorre na evangelização, tanto da nova família que nasce pelo Sim de Deus e, bem como, da Igreja que recebe e acolhe o Sim dos noivos e se vê representada como esposa de Cristo.

Neste ponto, vamo-nos servir de uma expressão que não é usualmente atrelada ao matrimônio, mas geralmente é empregada aos sacramentos do batismo, crisma e Eucaristia para falar da iniciação cristã que é a palavra catecumenato. Todavia, indagamo-nos porque não a utilizamos geralmente para falarmos do matrimônio, pois, na vida de um cristão pressupõe quase que automaticamente em nossas mentes, um processo de preparação seja ele: bíblico-teológico, litúrgico e pastoral em torno destes três sacramentos.

Então, porque não a utilizamos para o sacramento da vida a dois? Pensemos, porque o matrimônio por não depender apenas das disposições do próprio indivíduo e precisamente contar com o querer de outra pessoa para vivê-lo e celebrá-lo, em virtude disso, tal dimensão não devia se configurar como ocasião para uma preparação que deveria ser igual ou tanto mais criteriosa e instrutiva como aos demais sacramentos da iniciação?

É inegável que este nosso tempo o qual estamos a viver nos faz ter pressa e uma saída pastoral com uma catequese que demandasse horas e horas pela qual pudéssemos apresentar aos noivos todo um ideal do matrimônio segundo aspectos bíblicos, históricos e teológicos, talvez até não fosse mesmo o melhor dos cenários. Aliás, como nos chama a atenção a *Amoris Laetitia*, não se trata de lhes ministrar o Catecismo inteiro, nem os saturar com demasiados temas... Trata-se de uma espécie de “iniciação” ao sacramento do matrimônio, que lhes forneça os elementos

necessários para poderem recebê-lo com as melhores disposições e iniciar com uma certa solidez a vida familiar.<sup>189</sup>

A preparação para o matrimônio cristão é já qualificada como um itinerário de fé, por ser ocasião privilegiada para que os noivos descubram e aprofundem a fé recebida no batismo e alimentada com a educação cristã.<sup>190</sup> Uma atenção específica precisa ser dada à preparação ao sacramento do Matrimônio. Por este motivo, é relevante um caminho catecumenal que forneça aos noivos os elementos necessários para poderem celebrá-lo.<sup>191</sup>

Esse processo de catecumenato matrimonial deve trazer aos futuros interessados à vida conjugal, uma visão que não seja estritamente romântica, no entanto, de oportuna espiritualidade familiar. Neste ponto, é de uma importância singular a proximidade da vida familiar, em prol da participação dos pais na comunidade eclesial, que para além do exemplo aos mais jovens, ser-lhes também mostrados outros modelos de fidelidade mútua, de responsabilidade e consideração para com o outro e a construção do amor no cotidiano.

Assim, a preparação para o matrimônio encontra seu início nas próprias famílias, como que uma espécie de ministério, pois, na verdade, não são apenas objeto da pastoral familiar, mas sobretudo seu sujeito.<sup>192</sup> É na família que os filhos recebem a formação fundamental para a vida. As famílias são ótimo lugar de aprendizagem da fé e da vida matrimonial e familiar.<sup>193</sup>

A preparação de maneira próxima mediante o acompanhamento de formação afetiva e sexual realizada na adolescência e na juventude, é muito importante e, se não for feita, dificilmente poderá ser posteriormente suprida. A autêntica preparação para o matrimônio começa desde os primeiros anos, na infância dos futuros contraentes. Daí a importância de encontrarem uma família que seja reflexo de uma íntima comunidade de vida e de amor.<sup>194</sup>

A vida atual, com sua dinâmica acelerada parece escapar das mãos e quando nos damos por conta, os dias vão passando e exigem respostas rápidas para os caminhos que se deseja trilhar; as vezes, até tomar ações por escolhas que não

---

<sup>189</sup> AL 207.

<sup>190</sup> FC 51.

<sup>191</sup> CNBB, Doc. 107, 203.

<sup>192</sup> AL 200.

<sup>193</sup> KASPER, W., A mensagem de Amoris Laetitia: um debate amigável, p. 32.

<sup>194</sup> SISTACH, L. M., Como aplicar a Amoris Laetitia, p. 63

permitem tão almejado discernimento. Entretanto, o tempo não para e as circunstâncias muitas vezes, levam as pessoas a optar por decisões que mais adiante, podem detê-las de seguir em frente, e se chega à conclusão que não se fez o melhor para a própria vida. E quando se trata de uma ocasião de vida a dois, machuca-se a si mesmo por não mais sustentar determinada situação e geralmente rompe-se o vínculo e, por consequência, gera feridas no outro.

Por isso, esse acompanhamento numa pastoral matrimonial por meio do que estamos chamando de catecumenato matrimonial, ambos os nubentes deveriam ser acompanhados e se possível com um olhar de caridade e misericórdia, também interpelados se estão conscientes e convictos da vocação a qual estão sendo chamados, para que em casos de dúvida, não cheguem à celebração das núpcias e posteriormente já inseridos numa dinâmica de vida matrimonial, não se arrependam do compromisso, gerando feridas que, em certos casos, perduram por muito tempo na vida das pessoas.

Aqui, lembra-nos a preocupação que o Papa Francisco recolhe na exortação pós-sinodal, de que a pastoral da Igreja não deve só se preocupar em primeiro lugar com o que a Igreja pode fazer em situações denominadas irregulares; o que importa realmente é perguntar como a Igreja pode ajudar a evitar, na medida do possível, que tais situações ocorram.

Acima de tudo, se quer oferecer auxílio especialmente aos jovens para que eles encontrem o caminho da felicidade em sua vida pela alegria no amor, um caminho que, mesmo em nossos dias, continua sendo procurado pela grande maioria na parceria do matrimônio e da família.<sup>195</sup> Ao receber os casais que se preparam para o matrimônio, é importante, antes de falar do matrimônio cristão, saber valorizar em toda a sua profundidade e riqueza o matrimônio como realidade humana, em suas diversas dimensões: como convivência sexual, aliança de amor, realidade social, união aberta à fecundidade.<sup>196</sup>

Por isso, é urgente que esse catecumenato matrimonial como podemos haurir da *Amoris Laetitia*, que começa no seio familiar, sobretudo, quando ainda jovens ao expressarem o desejo de viver e assumir uma experiência de namoro (preparação próxima) e durante o percurso expõem o intuito de institucionalizar essa união

---

<sup>195</sup> KASPER, W., A mensagem de *Amoris Laetitia*: um debate amigável, p. 13.

<sup>196</sup> PAGOLA, J.A., Originalidade do matrimônio, p. 15.

(preparação imediata), faz-se propício que a pastoral familiar os faça experimentar que o Evangelho da família é resposta às expectativas mais profundas da pessoa humana: a sua dignidade e plena realização na reciprocidade, na comunhão e na fecundidade.<sup>197</sup>

A família deve estar consciente de que nas pegadas de Cristo e, em virtude disto, pondo-se a caminhar unida à Igreja, faz também seu caminho de missão a anunciar o Reino de Deus porque através do querigma da pessoa de Jesus, está congregado o Evangelho da família. Somente uma pastoral de integração que saiba diagnosticar as situações favorecendo uma maior compreensão das situações concretas e, a partir disso, preparando e instruindo aqueles que se preparam para celebrar o sacramento do matrimônio, é possível mostrar-lhes que a força do amor alicerçado em Cristo pode se mostrar mais resistente perante ao relativismo parasita que cada dia mais, procura prevalecer, gerando a doença do ceticismo nas relações interpessoais, inclusive nas realidades de vida conjugal.

Uma pastoral, que por sua proximidade no cotidiano das pessoas saiba dialogar e comunicar os desafios inerentes à conjugalidade que, por sua vez, implica muitas vezes, renúncia em favor do bem comum, a atitude de compreensão e respeito para não dar espaço à intolerância, misericórdia para além de qualquer julgamento e preconceito, e por fim, empatia e companheirismo acima de qualquer individualismo. Não adianta apresentar a eles simplesmente normas e ensinar-lhes o catecismo; o que importa realmente é que os valores vinculados ao matrimônio e à família lhes sejam transmitidos pela experiência concreta de forma envolvente. Essa não é certamente uma tarefa fácil, mas é indispensável, e vale a pena dedicar-se a ela.<sup>198</sup>

A preparação próxima para o matrimônio há de formá-los nas virtudes e nos valores do amor, da entrega, do compromisso, da fidelidade, do perdão que lhes capacite para realizar em suas vidas, o conteúdo do Evangelho da família.<sup>199</sup> É claro que tal pastoral não se deve achar a tal ponto de estar sanando todos os problemas familiares e de relacionamentos amorosos, é humanamente impossível realizar todo o bem moral que possa haver no mundo. O que estamos a dizer, que se porventura, conseguirmos inculcar naqueles que se preparam para o casamento e assim

---

<sup>197</sup> AL 201.

<sup>198</sup> KASPER, W., A mensagem de Amoris Laetitia: um debate amigável, p. 32.

<sup>199</sup> SISTACH, L. M., Como aplicar a Amoris Laetitia, p. 63.

chegarem à conclusão que ainda não estão à altura de viver uma dinâmica de doação na vida matrimonial e levá-los a um momento de espera e discernimento, aí sim o trabalho de informação e formação dos casais nesse processo catecumenal estará no caminho certo. Lógico, que o intuito não é gerar dúvidas e mais preocupações ou até mesmo que rompam o compromisso, mas de exortá-los à responsabilidade e seriedade para o vínculo que se estará prometendo.

Toda esta perspectiva consiste no aprimoramento do trabalho de formação das pessoas perante ao relativismo, pois, somos chamados a contrastar o seu domínio na sociedade e na cultura. Por isso, é imprescindível ao lado da palavra da Igreja nesse percurso para o início da vida matrimonial, um itinerário mistagógico apresentando-lhes a beleza do amor conjugal com o testemunho e empenho público das famílias cristãs, especialmente para reafirmar o valor único e insubstituível da família fundada sobre o matrimônio.

Aos pais cristãos, como já mencionamos, cabe a primeira responsabilidade pela formação de seus filhos no seguimento de Jesus Cristo, inseri-los na fé cristã e aos seus elementos, por isso, a família é chamada a ser lugar de iniciação, onde se aprende a rezar e a viver os valores da fé. Ao mesmo tempo, o processo de iniciação à vida cristã requer acolhida, o testemunho, a responsabilidade da comunidade. Quem busca Jesus precisa viver uma forte e atraente experiência eclesial. A iniciação dos chamados ao discipulado se dá pela comunidade e na comunidade.<sup>200</sup>

Por isso, esse processo catecumenal envolve tanto pastoral juvenil e a pastoral familiar para que tenham uma continuidade natural, trabalhando de maneira coordenada e integrada para acompanhar adequadamente o processo vocacional, respeitando todas as etapas de preparação remota, próxima e imediata.<sup>201</sup>

Neste sentido, todos (Igreja e famílias) devem promover oportunamente uma preparação humana e espiritual dos casais, recordando-lhes sempre a beleza do matrimônio cristão favorecendo-os adentrar numa espiritualidade conjugal voltada para a vocação à santidade. Recomenda-se, portanto, que os jovens sejam introduzidos gradualmente no mistério do sacramento do matrimônio. A partir do casamento na Igreja, os noivos começam a percorrer em comum um caminho que conta com a benção e a promessa de Deus.<sup>202</sup> Portanto, devemos pensar que toda

---

<sup>200</sup> CNBB, Doc. 107, 106.

<sup>201</sup> CVi 242.

<sup>202</sup> KASPER, W., A mensagem de Amoris Laetitia: um debate amigável, p. 43.



a pastoral é vocacional, toda a formação é vocacional e toda a espiritualidade é vocacional.<sup>203</sup>

Importante destacarmos um certo paralelo entre família e Igreja por uma espécie de magistério familiar, exatamente, pelo fato da família se mostrar como lugar de geração e regeneração, faz compreender à Igreja a redescobrir em si mesma a experiência que realiza quando se celebram todos os sacramentos, não somente os da iniciação cristã.

Desta forma, não apenas a Igreja, bem como, também a família, gera outros para uma experiência de profunda vivência espiritual, mas a própria Igreja se vê, de fato, gerada e regenerada no sacramento que celebra.<sup>204</sup> A comunidade desempenha papel muito importante no acompanhamento dos jovens, e toda a comunidade deveria se sentir responsável por acolhê-los, motivá-los, encorajá-los e estimulá-los. Isso implica olhar para os jovens com compreensão, valorização e carinho.<sup>205</sup>

Ao anunciarmos o sacramento do Matrimônio (isto é, que o Matrimônio é sacramento), lugar de dispensação do dom da graça da fidelidade, indissolubilidade e fecundidade, é demonstrar o fato de que o fundamento da família não é nem a vontade alheia do indivíduo, nem o instituto jurídico do matrimônio, mas a iniciativa de Deus, o Sim de Deus, ao qual respondem o duplo e recíproco sim dos cônjuges, manifestando a necessidade de promessa, de conforto e bênção.<sup>206</sup> Ao casar-se em Cristo, os noivos dizem publicamente a toda comunidade cristã o seguinte: “queremos viver nosso amor matrimonial como um sinal, uma manifestação, uma encarnação, um sacramento do amor de Deus. Todos os que assistem ao nosso amor poderão intuir de alguma forma como Deus nos ama. Queremos que nosso amor e nossa vida matrimonial revelem a todos quanto Deus nos ama”.<sup>207</sup>

É necessário preparar-se para o Matrimônio, e isso requer se educar, desenvolvendo as melhores virtudes, especialmente o amor, a paciência, a capacidade de diálogo e de serviço. Implica também educar a própria sexualidade para que seja cada vez menos um instrumento para usar os outros e cada vez mais uma capacidade de se doar plenamente a uma pessoa, de maneira exclusiva e

---

<sup>203</sup> CVi 254.

<sup>204</sup> GRILLO, A., Ritos que educam: os sete sacramentos, p. 138.

<sup>205</sup> CVi 243.

<sup>206</sup> GRILLO, A., Ritos que educam: os sete sacramentos, p. 135.

<sup>207</sup> PAGOLA, J.A., Originalidade do matrimônio, p. 26.

generosa.<sup>208</sup> Inclusive, o Papa Francisco na *Amoris Laetitia*, fala exaustivamente da tarefa da educação, inclusive, da educação sexual, e em especial da formação das consciências para o verdadeiro entendimento da vida matrimonial.<sup>209</sup>

Eis, um panorama do que entendemos importante para este momento importante para a vida de tantas pessoas que é o noivado, pois deve focalizar a vontade de preservar juntos algo que nunca deverá ser comprado ou vendido, traído ou abandonado, por muito aliciadora que seja a oferta da cultura e sociedade atuais marcadas pelo provisório, pois, tornaram-se bastante indiferentes à delicadeza e à seriedade da vida matrimonial. O noivado, nesse sentido, é um percurso de vida que deve maturar como a fruta, é um caminho de maturação no amor, até ao momento que se torna matrimônio.<sup>210</sup>

As transformações importantes da sociedade atual desagregaram numerosas famílias, enfraquecendo a instituição familiar, com o risco de romper a própria coesão da sociedade. A evangelização da família por parte da Igreja constitui, por sua vez, uma prioridade pastoral. É importante, a todos os níveis da vida diocesana e social, que a Igreja participe e promova os valores fundamentais da família.<sup>211</sup>

Como ponto de chegada de nossa exposição sobre esse tópico, realizamos duas reflexões: a primeira conjunta entre a *Familiaris Consortio* e *Amoris Laetitia* sobre o amor conjugal e familiar que, vivido na sua extraordinária riqueza de valores e exigências de totalidade, unicidade, fidelidade e fecundidade mediante uma recíproca “submissão” a qual adquire um significado especial como sinal de aliança e de livre escolha de um para com o outro, exprime-se e realiza-se a participação da família cristã na missão profética, sacerdotal e real de Jesus Cristo.

É a graça de Cristo que fortalece os casais na sua mutua entrega em “submetei-vos uns aos outros” (Ef 5, 21), fruto dos dons de Deus oferecidos a eles, possibilitando-os ao mútuo compromisso em nome de Deus e perante a Igreja. A vida e o amor conjugal ao assemelhar-se ao amor pascal de Cristo e, por isso, vividos como doação constituem, portanto, o núcleo da missão salvífica da família cristã na Igreja e pela Igreja.<sup>212</sup>

---

<sup>208</sup> CVi 265.

<sup>209</sup> AL 37; 83; 263; 280.

<sup>210</sup> FRANCISCO, PP., Audiência geral de 27 de maio de 2015.

<sup>211</sup> BENTO XVI, PP., Pensamentos sobre a família, p. 122.

<sup>212</sup> FC 50 e AL 73; AL 156.

Conforme já abordado, toda pessoa deveria ser iniciada em casa e na Igreja e no desejo expresso de celebrar o sacramento do matrimônio, isto deveria significar preparação e formação (mistagogia) mediante uma pastoral que acompanha e exorta ao discernimento vocacional aos casais para uma livre, responsável e definitiva decisão à semelhança da entrega de Cristo na cruz.

Uma segunda reflexão que realizamos e a qual concluimos este ponto, parte de um pedido dos bispos do Brasil apontando-nos sempre uma inspiração catecumenal para todo o processo iniciático, inclusive matrimonial, pois, esta representa para a Igreja uma mudança no modo de se apresentar, porque a faz assumir sua natureza originária: ser Igreja querigmática (anunciadora da verdade fundamental manifestada em Cristo) e missionária, ou seja, através de uma dinâmica de acolhida, de acompanhamento. Portanto, dando toda a tônica a este primeiro tempo, o querigma do evangelho de Cristo e também da família.<sup>213</sup>

---

<sup>213</sup> CNBB., Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários, p.54 e p.71.

## 4.2 Pastoral da gradualidade: acompanhar, discernir, integrar

Neste ponto subsequente, abordaremos uma segunda dimensão dessa pastoral familiar que deve levar em conta a gradualidade necessária e a importância do discernimento sobre as circunstâncias atenuantes e eximentes que muitas pessoas passam por conta de um rompimento conjugal e futuramente podem assumir novo compromisso na instância civil, e em alguns casos gostariam de ter o reconhecimento canônico dessa nova união.

Há também ocasiões em que algumas pessoas não absorveram ou nem mesmo lhes foram apresentados os elementos inerentes para uma real concretização do matrimônio sacramento. A partir disso, nosso enfoque busca apresentar a perspectiva acolhedora e misericordiosa que o Papa Francisco na *Amoris Laetitia* nos orienta e exorta, em detrimento de uma compreensão da qual se quer evitar pelo simples direito de aplicação de normas morais.<sup>214</sup> A questão não é negar o acesso ao sacramento às pessoas por uma espécie de tribunal como se a Igreja fosse ela a dona dos sacramentos e sua sacralidade fosse pertinente de modo exclusivo as instâncias humanas, pelo contrário, sua atitude deve ser a de fornecer uma maior compreensão da beleza do sacramento e a responsabilidade que isso implica para si e para o outro.

O nosso objetivo passa por apresentar alguns aspectos segundo alguns teólogos e aqui somos tributários, sobre a exposição feita no capítulo oitavo da exortação pós-sinodal, que visa cuidar daqueles que já experimentaram uma falência matrimonial. Tal capítulo da exortação foi considerado controverso por algumas pessoas (maior destaque para quatro cardeais que publicamente se posicionaram contra esta parte da exortação) porque tratou mais especificamente (não somente), dos divorciados recasados civilmente e da possível admissão destes à comunhão eucarística, pois, somente o enxergaram como uma flexibilização da doutrina sobre o matrimônio, inclusive, por alguns meios de comunicação que se centraram só neste tópico, para promover e disseminar discórdias.

Nosso intuito não é se deter sobre a controvérsia pelos debates que tanto acaloraram o tempo posterior à publicação da AL, muito menos fazer uma exposição sobre tal panorama, até porque tantos outros já se detiveram nessa tarefa

---

<sup>214</sup> AL 305.

e fugiria em muito da nossa proposta. Embora, já acenamos em alguns momentos ao longo da nossa pesquisa que, neste sentido, para nós não há uma descontinuidade doutrinal entre a *Familiaris Consortio* e *Amoris Laetitia*, ou seja, a exortação pós-sinodal de Francisco não rompe com a doutrina da Igreja sobre o matrimônio, pelo contrário, permanece a mesma.

Porém, o Pontífice atual nos atenta na sua exortação que há um “*sitz im lebem*” pastoral que precisamos investigar e compreender para agirmos condizentes com os nossos tempos. Queremos, neste ponto, destacar perspectivas, diretrizes que deveria perfazer uma pastoral familiar e, desta maneira, mostrar uma Igreja em saída<sup>215</sup> como tanto nos pede o Papa, para ir ao encontro das realidades concretas das pessoas que sofrem com as feridas de uma vida matrimonial que já não existe mais. Todavia, ressaltamos que isto não se trata, assim como no ponto anterior, de apresentar um manual de instruções de uma pastoral perfeita, muito longe disso!

O Papa Francisco com a *Amoris Laetitia* no capítulo oitavo refere-se a atitude de uma Igreja amorosa na esteira de um ano jubilar da misericórdia, clamando uma Igreja que saiba abrir as portas desta casa paterna ou como se fosse um hospital de campanha, acompanhando com solicitude aqueles filhos já fragilizados, marcados por um amor extraviado e ferido, para dar-lhes mais uma vez confiança e esperança.<sup>216</sup> Por isso, apresenta-nos três verbos-chave que devem compor uma pastoral familiar marcadamente reconhecida pela misericórdia: acompanhar, discernir e integrar.

Estes verbos permeiam o capítulo com expressões do tipo: “acompanhar com atenção e solicitude”;<sup>217</sup> “discernimento pastoral das situações”;<sup>218</sup> “o caminho da Igreja... é o caminho da misericórdia e da integração”;<sup>219</sup> “devem ser mais integrados na comunidade”;<sup>220</sup> “acompanhar com misericórdia e paciência, as possíveis etapas de crescimento”.<sup>221</sup> A partir disso, pode-se dizer que tal tarefa por parte da Igreja é igualmente a de evangelizar, levar ao mundo a proximidade da Igreja para junto das famílias, tornar patente o reconhecimento de Cristo que os ama e se faz presente por intermédio da sua Igreja.

---

<sup>215</sup> EG 20.

<sup>216</sup> AL 291 e 309.

<sup>217</sup> AL 291.

<sup>218</sup> AL 293.

<sup>219</sup> AL 296.

<sup>220</sup> AL 299.

<sup>221</sup> AL 308.

A lógica dessa pastoral é de promover a cura e o acolhimento diante de atitudes de soerguimento para com as pessoas, especialmente para aquelas que viveram a ruptura por uma traição ou porque foram simplesmente abandonadas por imaturidade e incompreensão por parte do parceiro de outrora sobre a fidelidade ao vínculo prometido.

Neste ponto, esta pastoral pode fazer com que tais pessoas se aproximem mais de Cristo ao propiciá-las uma maior espiritualidade com Deus mediante os momentos de oração, leitura da Palavra de Deus e até de certo engajamento na comunidade eclesial em contato com outros casais germinando nelas a esperança de que é possível viver na fidelidade matrimonial, com seus momentos de alegria e tristeza, de saúde e doença por todos os dias de uma vida.

Muitos chegam machucados por separações de relacionamentos anteriores e, por isso, olham o ideal de um relacionamento duradouro e definitivo, como algo utópico. Por isso, há uma certa desconfiança e ceticismo entre as pessoas quando se trata desse tema. Em virtude disso, os verbos propostos para enfrentar estas situações – acompanhar, discernir, integrar – apontam um caminho a ser trilhado, pistas a serem exploradas, para que efetivamente o matrimônio e a família, mais que ideais abstratos alcançados por uma elite de “perfeitos”, seja um Evangelho vivido que faz resplandecer a alegria do amor nas pessoas, especialmente entre aquelas mais desacreditadas.<sup>222</sup>

Então, diante deste primeiro cenário fica-nos a pergunta de qual seria o momento mais propício ou menos custoso à essa pastoral com o seu devido acompanhamento? Como comunidade eclesial imbuída de uma atenção cuidadosa e até como já acenamos, será mesmo que estamos deixando para agir somente quando os casais despreparados para o casamento chegam ao rompimento? Quando deve começar nossa formação de iniciação à vida matrimonial e está ela à altura dos desafios de nossa época?

Uma vez que nos encontramos diante de uma mudança radical no marco em que concebemos nossas atividades pastorais, podemos pensar que os membros envolvidos na pastoral familiar devem ajudar as famílias verem o Reinado de Deus na vida quotidiana. A verdadeira pastoral familiar começa quando a família se constitui. Este é o momento em que, tanto as demais famílias da comunidade

---

<sup>222</sup> DE MORI, G.L., Teologia e pastoral na *Amoris Laetitia*, p. 109-129.

eclesial quanto os ministros ordenados devem saber acompanhar com sensibilidade e naturalidade evangélica aos esposos que se encontram nessa nova situação de vida.<sup>223</sup>

A comunidade eclesial realiza seu papel de evangelização quando sai ao encontro da vida cotidiana dos casais em crises, recordando-lhes o modelo esponsal de Cristo para que, cada vez mais, possam dar passos graduais para o que seria o ideal pleno do matrimônio. São certamente muitos os fatores de diversificados contextos que permeiam a trajetória de alguém para abraçar com consciência e clareza definitivas ou não o matrimônio.

É importante apresentar a doutrina do sacramento, mas antes de tudo, é imprescindível uma formação personalizada de acompanhamento para que o ideal pleno do matrimônio não gere um peso nas pessoas. Desta maneira, a comunidade cristã pode dar a esses casais um auxílio muito proveitoso, por meio do contato “discreto, delicado e corajoso” com matrimônios mais experimentados promovendo uma ação pastoral de caráter mais educacional à afetividade conjugal, demonstrando sua aproximação e diaconia.<sup>224</sup>

Isto significa possibilitar melhor compreensão dos elementos inerentes à vocação matrimonial que é a vocação ao amor, ou seja, algo que deve entranhar na vida das pessoas, fazer sentido para elas de que tal dimensão possa ser vivida efetivamente, desde aquelas situações em que o relacionamento já não “anda bem” por uma convivência conjugal desgastada, necessitada de um resgate através do diálogo e da escuta e, sobretudo, pela presença do perdão para que o rompimento e a procura dos próprios interesses não prevaleça.

É inegável que o ambiente sociocultural de nossos tempos favorece a inconstância, a infidelidade, a superficialidade dos contatos sexuais e a trivialidade das relações interpessoais, porém, todos temos de reconhecer que a fidelidade à pessoa amada é um valor exigido pela própria natureza do amor verdadeiro. O “esfriamento do amor” e a conseqüente ruptura não é algo que aparece de repente, de maneira imprevisível. É sempre algo que vem germinando dia a dia enquanto a relação vai se contaminando de egoísmo, mesquinhez, ressentimento, interesse próprio, vingança, recusas.<sup>225</sup> Numa sociedade pragmática como a nossa, amiga das

---

<sup>223</sup> MORAES, A., Desafios e perspectivas à pastoral familiar da *Amoris Laetitia*, p. 580-598.

<sup>224</sup> FLÓREZ, G., Matrimônio e família, p. 309.

<sup>225</sup> PAGOLA, J.A., Originalidade do matrimônio, p. 34.

estatísticas e dependente das opiniões públicas, faz-se necessário determinar com nitidez o que é que deve ser considerado comportamento coerente e correto na convivência da família e de modo inicial, mesmo antes da chegada dos filhos, na vida em casal.<sup>226</sup>

Agora, num segundo cenário, passando a tratar mais especificamente das chamadas situações irregulares, por isso, mencionamos antes que a AL não somente fala das situações irregulares, neste consistiu um primeiro panorama. Todavia, ela se detém a apresentar e propor uma renovação dessa pastoral matrimonial familiar demonstrando um realismo inédito para um documento pontifício visando a inculcar na mente dos leitores e estudiosos sobre a dinâmica matrimonial a ideia de evitar regulamentações para aqueles que estão numa segunda ou mais união, bem como, que como parte de toda a vida cristã, a percepção sobre a vivência de uma vida matrimonial consiste num processo de apreensão de certos valores e, sobretudo, pela revalorização das consciências.

A chamada lei da gradualidade colocada por São João Paulo II na *Familiaris Consortio* é algo retomado por Francisco na *Amoris Laetitia*, para que as pessoas sejam acompanhadas nesse processo de crescimento pessoal, através de um discernimento vocacional para que possam estar mais preparadas possível para assumir o compromisso que se celebra junto com o cônjuge/parceiro, pois, quando uma pessoa vai se impregnando de amor, não cresce somente em sua relação amorosa com alguém, mas também cresce sua capacidade de amar. Naturalmente, isso exige cultivar o amor cotidianamente

Em vista disso, torna-se conveniente observar estes critérios propostos (gradualidade-consciência-discernimento) para responder às questões que, hoje, se põem à família, tendo fortemente presente que compreender as situações excepcionais não implica jamais esconder a luz do ideal mais pleno, nem propor menos de quanto Jesus oferece ao ser humano<sup>227</sup>, dado que a família é realmente uma boa notícia.<sup>228</sup>

Como alega alguns números da exortação, isto não passa simplesmente por colocar uma uniformidade de concepção na consciência das pessoas, isto se

---

<sup>226</sup> FLÓREZ, G., Matrimônio e família, p. 309.

<sup>227</sup> PIÉ NINOT, S., Diante do ensinamento da exortação apostólica *Amoris Laetitia*: magistério a ser acolhido e posto em prática, p. 71-75.

<sup>228</sup> AL 307.



direciona especialmente para aqueles que acompanham e orientam as pessoas que estão por casar e aquelas que já sofreram um rompimento. É um apontamento que não deve ser entendido como uma meta, ou um check list a ser preenchido para se reconhecer a união das pessoas (não devemos manipular as consciências).<sup>229</sup> Compreender as situações excepcionais não implica omitir, deixar de anunciar o ideal mais pleno do matrimônio. Eis a questão, encaminhar às pessoas para o que seria o ideal mais pleno, mas de acordo com as circunstâncias de cada casal, se não estão perto desse ideal, caminhar rumo a isto.

Isto é o que mais nos solicita na exortação do Papa Francisco, que descemos ao nível de cada situação, por causa da particularidade das ocasiões, de peculiaridades próprias de cada indivíduo, porque cada um tem uma compreensão do que pode vir a ser o casamento e talvez a doutrina exposta esteja muito além daquilo que aquela pessoa pode abarcar.

Um tópico que também assinalamos no capítulo anterior e que marca o pontificado de Francisco e também está presente na AL além dos 3 verbos já expostos, consiste na palavra do discernimento que para o pontífice não é simplesmente uma análise sociológica ou psicológica da realidade, tampouco apenas um ato, mas de um processo aberto de experiência para com a vontade de Deus para ser cumprida aqui e agora no concreto sujeito discernente e ativo. Para isso se pede o primeiro anúncio e a catequese.<sup>230</sup> Para isso, a exortação afirma que no discernimento pastoral convém “identificar elementos que favoreçam a evangelização e o crescimento humano e espiritual”.<sup>231</sup>

O que é importante na beleza do matrimônio não se restringe apenas ao caráter jurídico da união entre os nubentes. Claro, a validade legal perante à lei civil, bem como, o seu respectivo reconhecimento eclesial respeitando a forma canônica da Igreja tem seu valor, boa parte dos autores não coloca isso em xeque, mas o que é relevante destacar e que é pedido aos pastores e todos os demais envolvidos numa pastoral matrimonial, é que os noivos saibam desde uma vida pregressa ao relacionamento e especialmente no seu percurso de preparação para a celebração que serão eles aqueles que se entregam um ao outro mediante a graça de Cristo, fundarão um novo lar, uma nova família:

---

<sup>229</sup> AL 37.

<sup>230</sup> SISTACH, L. M., Como aplicar a *Amoris Laetitia*, p. 68.

<sup>231</sup> AL 293.

Afinal, abraçar o matrimônio não pode consistir, exclusivamente, na observação de uma lei jurídica formal, mas precisa incluir também um comprometimento ético. Por conseguinte, entre os fatores determinantes da existência de vínculo matrimonial entre duas pessoas, de uma aliança de vida, está, sem dúvida, o seu caráter formal, eclesial e público, mas está também a relação ética e amorosa dos esposos.<sup>232</sup>

Muitos matrimônios hoje em dia apresentam questões que levam aos esposos a inúmeras dificuldades de ordem prática, relacionadas, por exemplo, com as dificuldades do casal para sustentar um lar exigindo em alguns casos até do auxílio do tipo social por parte da pastoral, pois, algumas dessas uniões as vezes sofrem de certa marginalização, que está requerendo já da parte da sociedade e também da própria Igreja um apoio mais real para a sua união, porque isto pode levá-los ao pleno afastamento. O “antídoto” cristão para esses problemas só pode vir pelo caminho da caridade e da solidariedade, recorrendo aos fortes na fé para ajudar aos mais frágeis.

Mais uma vez, as situações são muito diferentes e devem ser cuidadosamente identificadas não devendo haver soluções gerais para todos os casos. Quem tem experiência de vida familiar e os que aceitam ajudá-la pastoralmente devem estar conscientes de que a grande tarefa é buscar o crescimento gradual até a plenitude do amor. Isto requer sempre impulsos criativos e constância no propor, sem impor.<sup>233</sup> Na verdade, temos é dificuldade em apresentar o matrimônio mais como um caminhar dinâmico de desenvolvimento e realização do que como um peso a ser suportado por toda a vida

Pelo menos, estamos constatando uma mudança de paradigma muito importante, a saber, passando de uma moral de normas para uma moral de virtudes. Embora a norma conserve sua verdade e seu valor enquanto meta, deveríamos também levar em consideração a progressiva caminhada da pessoa em direção à mesma.<sup>234</sup> A Igreja verdadeira de Cristo é aquela que acolhe, ou seja, integra e não marginaliza, toma o devido o cuidado e legitima a vida em casal em todas as suas formas, que não deveria prejudicá-la a partir de esquematismo jurídico ou moral, o perfil de quem é digno da solicitude eclesial.<sup>235</sup>

---

<sup>232</sup> FONTANA, L., Edificar o matrimônio no amor: a mudança de paradigma teológico de *Amoris Laetitia*, p. 87-96.

<sup>233</sup> MORAES, A., Desafios e perspectivas à pastoral familiar da *Amoris Laetitia*, p. 580-598.

<sup>234</sup> MIRANDA, M.F., A alegria do amor e a maioria cristã, p. 77-85.

<sup>235</sup> GRILLO, A., Ritos que educam: os sete sacramentos, p. 130.

Para a Igreja, esse é o único modo de viver a relação eclesial, como comunhão em Cristo com Deus. Comunhão que não se fecha em si mesma, mas que se abre a um terceiro: é isso o que a família testemunha na Igreja e que a Igreja encontra no testemunho da família, contribuindo à sua releitura sacramental. Deve-se reconhecer que geralmente a consciência esteve pouco presente na pastoral da Igreja e também se falou muito pouco dela na catequese. Pareceu mais fácil e mais seguro aplicar na própria vida a lei sem esforçar-se em examinar, na consciência, o encaixe da própria situação pessoal e da norma.<sup>236</sup>

O acolhimento não coaduna com o preconceito, por isso, é o fio condutor para se acompanhar, discernir e integrar para não se marginalizar com atenta o Papa na AL que em alguns momentos da história, foi o caminho da Igreja e que ao contrário, não foi o de Jesus. Por isso, na *Amoris Laetitia*, Francisco nos convida fazer dialogar “doutrina” e “pastoral”, de modo que o conteúdo teológico do que a Igreja compreende como sendo o sacramento do amor possa realmente ser vivido e experimentado como tal por tantos casais numa época marcada por tantas mudanças. No fundo, trata-se de “liberar” a “doutrina” de leituras que a impedem de ser fonte de inspiração e sentido para os casais cristãos. Esta perspectiva não “relativiza” o dogma, mas o transforma em vida.<sup>237</sup>

Sendo assim, esse processo merece uma atenção e um cuidado todo particular da parte dos pastores e agentes de pastoral. Há que repensar todo o plano pastoral das paróquias e dioceses em vista desse acompanhamento, pois a família é, ao mesmo tempo, “uma Igreja doméstica e uma célula viva para transformar o mundo”<sup>238</sup>

O processo de acompanhamento pastoral das famílias visa à consecução de sua vocação própria que é a santidade, mas tal santidade precisa ser entendida em perspectiva dinâmica e progressiva. Eis uma outra urgência da pastoral familiar.<sup>239</sup> Pondo, pois, a ênfase sobre a vocação e o chamado pessoal, o Papa ressalta a resposta livre do ser humano ao chamado de Deus, distanciando-se, implicitamente, de outras definições do matrimônio.<sup>240</sup>

<sup>236</sup> SISTACH, L. M., Como aplicar a *Amoris Laetitia*, p. 67.

<sup>237</sup> DE MORI, G.L., Teologia e pastoral na *Amoris Laetitia*, p. 118.

<sup>238</sup> AL 324.

<sup>239</sup> MORAES, A., Desafios e perspectivas à pastoral familiar da *Amoris Laetitia*, p. 580-598.

<sup>240</sup> FONTANA, L., Edificar o matrimônio no amor: a mudança de paradigma teológico de *Amoris Laetitia*, p. 87-96.

O Pontífice argentino clama por uma Pastoral da Misericórdia, dando mais valor à pessoa humana que às leis – que são “para” o homem e não o homem “para” as leis, como afirmou e agiu Jesus Cristo na questão do sábado (Mc 2, 27). Por isso, apela para a enculturação e para uma maior flexibilidade exegetica diante dos textos sagrados, a fim de que os pastores sejam mais solícitos ao rebanho e evitem o que denigre a imagem da Igreja.<sup>241</sup>

Os esposos não devem simplesmente viver angustiados pelo temor de inobservar as normas, já que a educação na fé cristã deveria capacitá-los para assumir com maturidade as dificuldades e de poderem lidar com os problemas da vida conjugal e matrimonial com serenidade e paz, em atitude de fé humilde e confiante no Senhor. Agora, se o matrimônio for somente exposto por uma moral baseada fundamentalmente na distinção das finalidades primárias e secundárias, ou no cumprimento de alguns deveres e a exigência de alguns direitos nascidos de um contrato, facilmente podem terminar em pura legalidade vazia de amor. O amor conjugal é a verdadeira fonte de responsabilidade matrimonial e familiar e de fidelidade mútua.

Encaminhando-nos para a reflexão final desse ponto, e o fazemos com ênfase na lógica de raciocínio do pontificado de Francisco presente não só na *Amoris Laetitia*, mas também na *Evangelii Gaudium* dentre outros escritos. Ao empenharmo-nos em tarefas junto às pessoas e servindo como norte de nossas reflexões teológicas sobre o papel de assumir um múnus pastoral que, segundo o bispo de Roma, não precisamos diminuir o valor ideal do Evangelho, ou seja, a singular dignidade do matrimônio celebrado pelo casal humano, mas com paciência entendermos o ritmo de crescimento dos indivíduos e as circunstâncias vividas por cada casal, quando ainda não resplandecem plenamente tal ideal pleno do matrimônio, que com o passar do tempo pela misericórdia de Deus possam bem testemunhá-lo da melhor forma possível.<sup>242</sup>

Ademais, o Papa nos adverte que o caminho da evangelização sempre terá dificuldades, além do mais, necessitamos dar espaço ao primado da caridade e não colocar tantas condições à misericórdia frustrando o Evangelho, o qual, por sua vez, não exclui a justiça, pelo contrário, é a verdadeira justiça e sinal da onipotência que

---

<sup>241</sup> LIBÓRIO, L., Aspectos pastorais da família, p. 131-141.

<sup>242</sup> EG 44.

se manifesta pelo próprio amor incondicional de Deus porque este se inclina a acompanhar e congregar os que estão à margem.<sup>243</sup> Por fim, atenta-nos como Igreja sobre alguns perigos de certos condicionalismos os quais precisamos superar:

Compreendo aqueles que preferem uma pastoral mais rígida, que não dê lugar a confusão alguma; mas creio sinceramente que Jesus Cristo quer uma Igreja atenta ao bem que o Espírito derrama no meio da fragilidade: uma Mãe que, ao mesmo tempo que expressa claramente a sua doutrina objetiva, “não renuncia ao bem possível, ainda que corra o risco de sujar-se com a lama da estrada”. Os pastores, que propõem aos fiéis o ideal pleno do Evangelho e a doutrina da Igreja, devem ajudá-los também a assumir a lógica da compaixão pelas pessoas frágeis e evitar perseguições ou juízos demasiado duros e impacientes. O próprio Evangelho exige que não julguemos nem condenemos (Mt 7,1; Lc 6, 37). Jesus “espera que renunciemos a procurar aqueles abrigos pessoais ou comunitários que permitem manter-nos à distância do nó do drama humano, a fim de aceitarmos verdadeiramente entrar em contato com a vida concreta dos outros e conhecemos a força da ternura. Quando o fazemos, a vida complica-se sempre maravilhosamente”.<sup>244</sup>

Uma simples interrogação sobre aquilo que é lícito e aquilo que, pelo contrário, é proibido, neste caso não ajuda muito. As questões relativas ao matrimônio e a família, entre as quais a questão dos divorciados recasados, é apenas uma, embora constitua um problema premente – fazem parte do grande contexto dentro do qual nos interrogamos sobre como é que as pessoas podem encontrar a felicidade e a plenitude da sua vida.

Empenhemo-nos ao máximo em dar as razões para que todos enxerguem a beleza do matrimônio e da família mediante um crescimento por uma dinâmica conjugal, sobretudo, na tarefa de acompanhar e encorajar os jovens ao longo desse itinerário. Um segundo passo, no interior da Igreja, deve consistir numa renovada espiritualidade e proposição pastoral, que se despede de uma mesquinha consideração legalista e de um rigorismo não cristão, que carrega as pessoas com pesos insuportáveis. Mesmo quando determinada união por inúmeras casuísticas ainda não resplandecer aquilo que seria o ideal pleno do matrimônio, o nosso discurso não pode deixar de ser acolhedor e apresentar a todos sem exceção de que Deus não as desampara no seu caminho em meio às dificuldades da vida:

Assim, a pastoral familiar pode ser definida como o acompanhamento feito pela Igreja à pessoa na realização de sua vocação primordial ao amor. Deus está na gênese, no desenvolvimento e na plenitude do caminho vocacional do amor. Sendo

---

<sup>243</sup> AL 311; AL 312.

<sup>244</sup> AL 308.

o amor o centro de todo o sistema pastoral da família, ela não pode conformar-se com um enfoque principalmente normativo-institucional, mas sua tarefa primeira é ajudar no amadurecimento, aprofundar e intensificar a experiência e desejo de amor, mesmo quando o matrimônio realiza-se “de forma parcial e analógica... a Igreja não deixa de valorizar os (seus) elementos constitutivos”.<sup>245</sup>

Devemos antes tomar a sério a unicidade de cada pessoa singular e de cada situação particular, e distinguir cuidadosamente caso por caso. Não se trata só da admissão dos divorciados recasados aos sacramentos e flexibilização da doutrina sobre o matrimônio.<sup>246</sup>

E mais, para o Papa Francisco uma Igreja verdadeiramente segundo o Evangelho não pode deixar de ter a forma de uma casa hospitaleira, sempre de portas abertas. Por isso, atualmente é indispensável e urgente fortalecer o vínculo entre família e comunidade cristã. Sem dúvida, é necessária uma fé generosa para ter a inteligência e a coragem para renovar esta aliança, porque as vezes, as famílias e o casais em muitas circunstâncias hesitam e dizem que não estão à altura do Evangelho da família.

Em síntese, o contributo da *Amoris Laetitia* é propor-nos como caminho da Igreja, a lógica da compaixão em consonância com o discernimento do bem possível, adaptado a cada pessoa a normativa geral aplicável a todos os casos, mas exigindo um discernimento pessoal e responsável e pastoral dos casos particulares. Assim, o percurso de acompanhamento pastoral é, antes de tudo, o exercício da “*via caritatis*” consistindo como que um convite para seguir o caminho de Jesus”, o da misericórdia e da integração.<sup>247</sup>

Concluimos nossa reflexão sobre uma pastoral matrimonial tendo como base o capítulo oitavo da *Amoris Laetitia* com o pensamento do Cardeal Walter Kasper:

O Papa Francisco não quer uma pastoral do dedo indicador levantado que, com ares de superioridade, indica o caminho a ser seguido; ele visa ao método pastoral da mão estendida, pronta para ajudar. Na pastoral é preciso praticar a verdade sob a orientação do amor (Ef4,15). A pastoral deve acompanhar as pessoas, sabendo diferenciar as situações. E apesar de todas as diferenças, deve se esforçar para integrar todos no caminho a percorrer. Naturalmente, uma pastoral misericordiosa não é uma pastoral a preços reduzidos, nem tampouco uma liquidação da doutrina e da moral cristãs. O que se tem em vista é a aplicação da antropologia concreta na ação pastoral.<sup>248</sup>

<sup>245</sup> MORAES, A., Desafios e perspectivas à pastoral familiar da *Amoris Laetitia*, p. 580-598.

<sup>246</sup> KASPER, W., O evangelho da família, p. 65-66.

<sup>247</sup> AL 296; AL 300.

<sup>248</sup> KASPER, W., A mensagem de *Amoris Laetitia*: um debate amigável, p.30.

### 4.3

#### **A espiritualidade conjugal e familiar na vida matrimonial.**

Numa vida atribulada e cheia de compromissos, encontrar uma “espécie de montanha” para se recolher como Jesus fazia, em outras palavras, um momento de qualidade para fazer uma experiência de intimidade e diálogo com Deus, talvez seja um dos maiores desafios que se impõem à coesão e a convivência familiar. Em nossos dias, está cada vez mais difícil de “casar os horários porque ‘as nossas agendas’ estão cheias de compromissos para o dia de hoje”, aliado ao cansaço do trabalho, outras preocupações de esferas sociais e econômicas e a busca pelos intervalos de lazer, que é muito justa. Tudo isto toma-nos ainda mais o pouco tempo de qualidade para o encontro com Deus, o que pode nos levar ao questionamento: o que será que sobra para Deus de nossas horas?

Obviamente que a espiritualidade pode se manifestar de diversas formas e cada um sabe da sua relação com Deus e do tempo que lhe dedica, mas será que conseguimos verdadeiramente colocarmo-nos em atitude de contemplação do mistério de Deus, do dom de nossa vida e pensarmos diariamente em Deus como o amor que nos sustenta e nos mantém vivos e que nem a morte pode nos separar de seu amor.

A espiritualidade em casal através de uma vida de oração pode ser um marco da dinâmica conjugal onde o casal como princípio da família e, de modo especial, com a chegada dos filhos, tende a tornar-se uma ocasião privilegiada a redescobrir e vivenciar o amor de Deus em suas vidas. Pode ser fonte de crescimento pessoal para superar as dificuldades do dia a dia e lugar da experiência propícia a silenciar-se, de perceber que quando se crê nunca se está sozinho, que como família para além de todos estarem em comunhão entre si, pela oração com Deus podem confiar-se plenamente na certeza de que o Senhor se faz presente no meio de deles.

Neste ponto, ao tratarmos mais especificamente da dimensão da espiritualidade conjugal apontamos este espaço onde o casal, mesmo com todas as limitações humanas, se esforça para realizar uma caridade e solicitude a que os esposos são chamados a viver à semelhança da mesma caridade de Cristo que se doa sobre a Cruz, e podem à sua maneira tornar patente em suas vidas o modo próprio e específico do verdadeiro amor conjugal. Desta maneira, se dirigem à meta para a qual está interiormente ordenada a aliança de amor que celebram, pois,

tornam-se um para o outro e para os filhos, testemunhas da salvação da qual o sacramento os faz participar.

O matrimônio como cada sacramento é memorial, atualização e profecia para os esposos. É o chamado permanente daquilo que aconteceu sobre a Cruz; enquanto atualização dá-lhes a graça e o dever de realizar no presente, um para com o outro e para com os filhos, as exigências de um amor que perdoa e que redime; enquanto profecia dá-lhes a graça e o dever de viver e de testemunhar a esperança do futuro encontro com Cristo. Isto, permite recordá-los o memorial das maravilhosas obras de Deus que, ao mesmo tempo, revela-lhes a verdade originária de sua união, a verdade do princípio, assim libertando-os da dureza de seus corações, ao doar-lhes um coração restaurado e tornando-os capazes de personificar inteiramente um amor que, mediante o Espírito que o próprio Senhor infunde em suas vidas, podem, em virtude disso, se amarem à semelhança de como Cristo os ama.<sup>249</sup>

Com efeito, as exigências fraternas e comunitárias da vida em família são uma ocasião para poder abrir cada vez mais o coração de cada membro, e isto pode tornar possível um encontro sempre mais pleno com o Senhor. Assim, em família se aprende a pedir e a apreciar este dom do Espírito e quando isto acontece, o tempo da vida em família é envolvido no ventre do amor de Deus e procura espontaneamente o tempo da oração. A comunhão familiar bem vivida é um verdadeiro caminho de santificação na vida ordinária e de crescimento místico, um meio para a união íntima com Deus.<sup>250</sup>

Nos últimos tempos, as horas de espiritualidade em família mesmo em meio às preocupações humanas de trabalho e pelas incertezas em relação ao futuro, é um imperativo a fazer-nos refletir que isto é próprio de nossa “vida moderna”, mas que devemos reordenar a administração do nosso tempo para separarmos um momento e fazer dele uma oportunidade de reencontro e de sustento. Muitas vezes esse momento se iniciará por uma conversa, ao partilhar as dificuldades diárias dos caminhos os quais deparamo-nos nesta vida, por vezes tortuosos, e perante aos nossos olhos quase que intransponíveis.

Ali, naquele momento diante da presença do outro (de modo especial, quem sabe sua [seu] esposa[o], seus pais e irmão[s] ou um filho), com a escuta das suas

---

<sup>249</sup> FC 13.

<sup>250</sup> AL 316.



palavras acolhedoras e compreensivas, ora incentivadoras de não desistência e incisivas para conosco, temos a possibilidade da percepção que Deus continua a alcançar-nos por sua graça, atualizando-se no nosso tempo, profetizando-nos e relembrando-nos a força de sua salvação que se prolonga ao longo da história e da nossa história em particular, quando habita o nosso coração por tamanho afeto e assim podermos entrar em oração com Deus até por um pensamento sem palavras e rezá-lo: “obrigado Senhor por me fazer saber que não estou sozinho”.

O aprendizado da oração em família aponta para o seguimento da vontade de Deus numa verdadeira comunhão de pessoas. Isso foi desejado pelo Criador e renovado por Cristo para que todos sejam um só corpo e permite-nos superar aquela dureza de nossos corações que segundo Jesus, é o verdadeiro motivo do divórcio na família. Como dizia Bento XVI referindo-se sobre a dureza do nosso coração: “só a presença do Senhor é a força para romper a ‘esclerocardia’”.<sup>251</sup>

As atitudes recíprocas de respeito e agradecimento permite aos esposos cristãos, em seus momentos de fraqueza, de pobreza e de limitação, bem como, em seus momentos de prazer e de plenitude, uma escola de aprendizagem na difícil arte da convivência. Mediante esta complementação mútua que dia após dia se atualiza constantemente e que oferece aos esposos a possibilidade de se santificarem e abrir seu amor conjugal a uma dimensão máxima e transcendental isto faz de sua união amorosa um sinal e presença do amor de Deus. Tudo isso exige, naturalmente, que a entrega amorosa, seja sincera e real. Assim, a união dos corpos é a apoteose na qual se expressa a união dos corações.<sup>252</sup>

Os problemas, as dificuldades e as adversidades da vida, vividos conjuntamente pelos esposos em atitude matrimonial, são momentos propícios para aprofundar e fazer de seu amor algo cada vez mais sólido e verdadeiro. O que no começo foi, acima de tudo, “paixão”, atração física, excitação, pode consolidar-se como amor forte e prazeroso pela a experiência de abandonarem-se ao louvor e à ação de graças ao Criador.<sup>253</sup>

Na oração em casal como também em família, nos seus momentos de profunda mística em meio as preocupações as quais tão difíceis de desvencilharmos, quando fazemos a experiência de confiarmos-nos uns aos outros e que cada um,

---

<sup>251</sup> BENTO XVI, PP., Pensamentos sobre a família, p. 123.

<sup>252</sup> PAGOLA, J.A., Originalidade do matrimônio, p. 32.

<sup>253</sup> PAGOLA, J.A., Originalidade do matrimônio, p. 33.

neste espaço familiar, sentindo-se protegido pelo amor de Deus por meio do espírito de oração em família pode restituir-nos o tempo a Deus, possibilitando-nos sair da obsessão material de dias que mais parecemos sobreviver do que vivermos nossa própria existência.

Esta procura obcecada marcada por um ativismo sem fim, sempre parece nos roubar o tempo para termos paz nas coisas que efetivamente são necessárias, porque não dizer imprescindíveis, sem contemplarmos, por exemplo, um momento de silêncio perante uma bela paisagem; uma conversa entre amigos; os momentos com a própria família e descobrir a alegria de dons inesperados (o sorriso do filho com os dentinhos a nascer)!

Sabemos que em nossos dias esse cenário até aqui por nós exposto não acontece em muitos lares e são inúmeras as famílias desestruturadas e que não experimentam essa comunhão fraterna. Se isto não se verifica é porque lá na base faltou o amor conjugal, o “alicerce” para a verdade do princípio. Por isso, motivamos a escrever a beleza dessa espiritualidade no convívio quotidiano dos casais e das famílias, para que isto não seja apenas um mero discurso e testemunharmos, que a espiritualidade em família é algo possível a ser vivenciado todo dia dentro da nossa própria casa.

Quantos momentos de preocupações e apreensões estão presentes em muitas famílias, marcadas por tensões, brigas e perdas. Quantos amigos os quais ajudamos e que não se mantiveram em seus matrimônios mesmo tendo passado pela mesma experiência de preparação matrimonial. O divórcio “amistoso” (com respeito e sem litígio) ocorre, é verdade, mas o sentimento de fracasso, gera em nós um certo sentimento de impotência e perguntamo-nos: “onde as coisas começaram a desandar? ” Há um trecho da *Amoris Laetitia* que fala diretamente sobre este cenário:

...as famílias habitualmente padecem de uma enorme ansiedade; parece haver mais preocupação por prevenir problemas futuros do que por compartilhar o presente. Isto, que é uma questão cultural, vê-se agravado por um futuro profissional incerto, pela insegurança econômica ou pelo medo quanto ao futuro dos filhos.<sup>254</sup>

Há por parte de nosso conhecimento muitos outros casais que perduram em sua união desde até os mais jovens aos mais experientes. Entretanto, tanto são as

---

<sup>254</sup> AL 50.

inúmeras separações que presenciamos e tantas outras mais as quais tivemos notícias. O italiano Andrea Grillo gera-nos uma expectativa de que é possível como esposo e teólogo expor a importância da espiritualidade conjugal e familiar a qual favorece a unidade entre esposos e filhos.

Tal prática de espiritualidade possibilita a todos os membros da família a procurar pelo equilíbrio na vida e que tanto os momentos de recolhimento e de espiritualidade, favorecem o equilíbrio também nos momentos de diálogo entre todos os membros familiares. As palavras de Grillo, neste sentido, podemos tomá-las quase ao pé da letra, se tornando a nós uma espécie de alerta de que a espiritualidade é uma medida para o equilíbrio na vida e tentarmos dedicar o tempo devido para cada coisa e momento tem enorme importância:

A capacidade de se expor a tempos gratuitos é hoje, verdadeiramente, um recurso não substituível, que vem, continuamente, ameaçado pela funcionalização da família em vista da produção da renda, pela qual é preciso trabalhar os dois, e também as crianças que não trabalham devem produzir em termos de escola, de academia, de taças, de medalhas, de resultados.... Assim é, também, para o tempo do silêncio alternado ao tempo da palavra. A família é, verdadeiramente, um mecanismo de gestão da palavra e do silêncio. Quando tem problemas é, muitas vezes, porque ou prevalece muito o silêncio ou prevalece muito a palavra; mutismos indescritíveis ou falações sem fim poluem a vida familiar e, com o tempo, a tornam inviável.<sup>255</sup>

Um ponto importante para a Igreja consiste no seu papel de assistir à família e sempre convidá-la a fazer momentos de pausa para poder sempre se beneficiar destes momentos de encontro entre si como família, entre família e Igreja e de todos com Deus para apreciar alguns instantes de intimidade com o Senhor. A espiritualidade vivida dentro de casa deveria sempre concorrer para encontros também na família-igreja.

Quando se contempla o amor matrimonial sob o signo pascal da cruz tanto no seio familiar quanto eclesial, aí então se começa a viver a espiritualidade da doação, do perdão, a partir de indícios constantemente renovados. Esse crescimento espiritual e essa transformação no amor é possível aos cônjuges porque lhes é permitido confiar que seu amor e fidelidade humanos já estão integrados, desde sempre, no triunfo pascal do amor de Deus que supera qualquer infidelidade ou desamor entre as pessoas.<sup>256</sup>

<sup>255</sup> GRILLO, A., Ritos que educam: os sete sacramentos, p. 146-147.

<sup>256</sup> KASPER, W., A teologia do matrimônio cristão, p. 38.

A vivência de uma espiritualidade em família e o amor entre o casal pedem para ser aceitos e reconhecidos socialmente. Não podemos esquecer que os membros de uma família não são indivíduos isolados. Uma concepção romântica do amor conjugal e da família como algo que tem de ser vivido exclusivamente na intimidade ou no espaço privado do lar não é inteiramente humana, porque esquece a dimensão social do casal.<sup>257</sup>

Um ponto que queremos afirmar é que o amor conjugal exige do homem e da mulher muita perseverança. O amor que nutrimos por um filho é algo quase que inato ao sabermos que este tem uma parte de você (não é só o gameta que disponibilizamos), é muito além do DNA que ele carrega, é algo que vem de dentro do nosso ser, desta nossa abertura sempre pronta a amar e, a partir disso, entendemos o amor que um dia nutriram por nós. De fato, é um amor visceral capaz de nos consumir totalmente em pensar acontecer alguma coisa a este filho.

Já o amor conjugal é construído verdadeiramente na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, pois, a união só permanece ao longo do tempo se isto for uma atitude sempre no horizonte dos esposos, diga-se de passagem, sim o amor é uma decisão de muita responsabilidade, porque sem amor não há comunhão de pessoas, sem o amor não se realiza o dar-se e o receber-se como esposos. Sem o amor, a família não pode viver, crescer e aperfeiçoar-se como comunidade de pessoas.<sup>258</sup>

E quanto mais íntimo e profundo for o amor, tanto mais exigirá o respeito pela liberdade e a capacidade de esperar que o outro abra a porta do seu coração. E tem mais uma coisa, este amor vivido diariamente onde se entra na vida do outro, mesmo quando faz parte da nossa existência torna-se o pilar da espiritualidade conjugal, porque exige de nós a delicadeza de uma atitude não invasiva, que renova a confiança e o respeito.<sup>259</sup> A espiritualidade no amor pelo outro implica este gosto de contemplar e apreciar o que é belo e sagrado do seu ser pessoal, que existe para além das minhas necessidades.<sup>260</sup>

Não é algo desligado da realidade e estas linhas são colocadas com puro realismo, diferente da mentalidade predominante na atualidade, onde para muitos o amor conjugal, como bem lembra-nos o Papa Francisco na *Amoris Laetitia* não é

---

<sup>257</sup> PAGOLA, J.A., Originalidade do matrimônio, p. 14.

<sup>258</sup> FC 18.

<sup>259</sup> AL 99.

<sup>260</sup> AL 127.

simples conexão de momento, não é puro sentimentalismo, à diferença do verdadeiro amor conjugal que é online, on time, full time (permanente, constante), utilizando-nos da linguagem da informática para elucidarmos melhor o panorama:

Creem que o amor, como acontece nas redes sociais, se possa conectar ou desconectar ao gosto do consumidor e inclusive bloquear rapidamente. Penso também no medo que desperta a perspectiva de um compromisso permanente, na obsessão pelo tempo livre, nas relações que medem custos e benefícios e mantêm-se apenas se forem um meio para remediar a solidão, ter proteção ou receber algum serviço. Transpõe-se para as relações afetivas o que acontece com os objetos e o meio ambiente: tudo é descartável, cada um usa e joga fora, gasta e rompe, aproveita e espreme enquanto serve; depois... adeus..<sup>261</sup>

Já ao longo da nossa exposição abordamos as implicações pastorais que se impõem à evangelização dos casais e da família sobre a exposição do ideal pleno do amor na vida matrimonial e as possíveis etapas as quais necessitamos apresentar a aqueles que almejam o casamento. Entretanto, o que estamos apontando aqui é que não há como chegar a esta dimensão se não houver uma compreensão para onde se destina o amor conjugal e o tipo de espiritualidade e os passos que são necessários para se chegar a sua realização.

O modelo referencial de Cristo e o modo com que ama a sua Igreja, embora como Igreja de pecadores, e como tal a purifica e a santifica, da mesma maneira os cônjuges deverão aceitar-se mutuamente com generosidade, humildade e respeito em todos os conflitos, deficiências e culpabilidades para assim poderem crescer no dia a dia da convivência. Nisto consiste o realismo da vida matrimonial e a espiritualidade pode ser um ponto de encontro para se aproximar desse verdadeiro amor conjugal. Neste ponto, São João Paulo II com a *Familiaris Consortio* já nos indicava o caminho a ser trilhado:

A comunhão familiar só pode ser conservada e aperfeiçoada com grande espírito de sacrifício. Exige, de fato, de todos e de cada um, pronta e generosa disponibilidade à compreensão, à tolerância, ao perdão, à reconciliação... cada família é sempre chamada pelo Deus da paz a fazer a experiência alegre e renovadora da reconciliação, ou seja, da comunhão restabelecida, da unidade reencontrada.<sup>262</sup>

O casal, pelo sacramento do matrimônio significa, de modo muito especial, uma participação no serviço santificante de Cristo. Essa santificação, por sua vez,

---

<sup>261</sup> AL 39.

<sup>262</sup> FC 21.

engloba dois elementos: colocar-se ao serviço de Deus e de sua obra criadora e salvadora (“*consecratio*”) e uma capacitação ontológica interna para esse serviço, em virtude da graça santificante (“*santificatio*”). A união desses dois elementos revela que os esposos, através de seu amor e na fidelidade de Deus em Jesus Cristo, têm no seu amor sinal eficaz e pleno do amor de Deus. Por isso, a vida comum propiciada de modo especial pelo sacramento e marcada por uma espiritualidade de encontro com o solo sagrado da vida do outro dentro do matrimônio serve, em última instância, para a glorificação de Deus.<sup>263</sup>

Isto tem consequências muito concretas na vida do dia a dia, porque, em virtude do sacramento, os esposos são investidos numa autêntica missão, para que possam tornar visível, a partir das realidades simples e ordinárias, o amor com que Cristo ama a sua Igreja, continuando a dar a vida por ela.<sup>264</sup> Nunca se deverá esquecer que a oração é parte constitutiva essencial da vida cristã, tomada na sua integralidade e centralidade; mais ainda, pertence à nossa mesma humanidade:

...é a primeira expressão da vida interior do homem, a primeira condição da autêntica liberdade do espírito. Por isso, a oração não representa de modo algum uma evasão que desvia do empenho quotidiano, mas constitui o impulso mais forte para que a família cristã assuma e cumpra em plenitude todas as suas responsabilidades de célula primeira e fundamental da sociedade humana. Em tal sentido, a efetiva participação na vida e na missão da Igreja no mundo é proporcional à fidelidade e à intensidade da oração com que a família cristã se une à Videira fecunda, Cristo Senhor.<sup>265</sup>

Eis que como mencionamos acima, isto é um grande desafio que vai muito além do sim dado ao outro no dia em que se firma a união, consiste numa espiritualidade vivida e entendida em receber a fidelidade, a indissolubilidade como um dom de Deus e também do próximo. Aqui, torna-se oportuno e salta-nos a atenção mais uma vez o pensamento do teólogo Andrea Grillo:

Os níveis de estrutura do laço são recebidos não como o fruto de um pacto recíproco que compromete, mas como dons de Deus e do próximo. Deus e o próximo – e o próximo é a esposa para o marido e o marido para a esposa... Eu não me encontro obrigado por uma norma externa a ser fiel a ela ou a ele, mas me encontro doado por Deus e por ela (ou por ele) para poder ser fiel, para poder ser ligado e para poder ser fecundo, graças a ela/ele e graças a Deus. Essa dimensão sacramental, primeiro,

<sup>263</sup> KASPER, W., A teologia do matrimônio cristão, p. 39.

<sup>264</sup> AL 121.

<sup>265</sup> FC 62.

precisaria anunciar, testemunhar, manifestar, e não só com palavras, mas com os fatos, com o testemunho da Igreja toda...<sup>266</sup>

É preciso se sentir abençoado por Deus naquilo que se faz, e não somente comprometer-se profundamente no consentimento, mas transferir o sim da consciência do jurídico-moral para a esfera da iniciativa de Deus pela resposta de nosso sim.<sup>267</sup> O amor vai mais longe do que aquele instante em que está sendo vivido. O amor olha também para o futuro.

Por fim, a *Amoris Laetitia* também menciona que uma espiritualidade conjugal passa pela dinâmica da amizade e destaca que o verdadeiro amor aprecia os sucessos alheios, não os sente como uma ameaça, libertando-se do sabor amargo da inveja.<sup>268</sup> Além disso, a espiritualidade conjugal ratifica e amplia a espiritualidade de cada um dos cônjuges para com Deus e essa experiência permite a eles um contato com o divino, a imersão de forma mais profunda no mistério sacramental e o enraizar da amizade entre eles:

A amizade conjugal deve espelhar uma parceria e um companheirismo efetivos, os quais apontam para uma prática cotidiana de ceder e compreender o valor e a necessidade dos momentos de recolhimento e intimidade para com Deus de cada e do cônjuge. Isto diz respeito a um instrumento valioso e base para qualquer relação interpessoal que é a liberdade não desejando preencher todos os aspectos e passar a ser tudo na vida do outro porque reconhece que muito antes de chegar na vida dela(e), Deus o estava muito antes:

Há um ponto em que o amor do casal alcança a máxima libertação e se torna um espaço de sã autonomia: quando cada um descobre que o outro não é seu, mas tem um proprietário muito mais importante, o seu único Senhor. Ninguém pode pretender possuir a intimidade mais pessoal e secreta da pessoa amada, e só Ele pode ocupar o centro da sua vida. Ao mesmo tempo, o princípio do realismo espiritual faz com que o cônjuge não pretenda que o outro satisfaça completamente as suas exigências... O espaço exclusivo, que cada um dos cônjuges reserva para a sua relação pessoal com Deus, não só permite curar as feridas da convivência, mas possibilita também encontrar no amor de Deus o sentido da própria existência.<sup>269</sup>

Uma vivência de vida de oração permite aos cônjuges um olhar mais integral da vida em casal, de si mesmo e da pessoa da(o) própria(o) esposa(o). A atitude de

<sup>266</sup> GRILLO, A., Ritos que educam: os sete sacramentos, p. 135.

<sup>267</sup> GRILLO, A., Ritos que educam: os sete sacramentos, p. 136.

<sup>268</sup> AL 95.

<sup>269</sup> AL 320.

respeito e consideração com quem se convive e se quer bem, através do perdão e acolhimento pelos erros cometidos; e do reservar-se em não elencar tais limitações humanas transformam a vida em família numa participação na obra fecunda de Deus e o amor de Deus exprime-se através das palavras vivas e concretas com que um homem e uma mulher se respeitam, se acolhem e declaram o seu amor conjugal.<sup>270</sup>

Os esposos, que se amam e se pertencem, falam bem um do outro, procuram mostrar mais o lado bom do cônjuge do que as suas fraquezas e erros. Em todo o caso, guardam silêncio para não danificar a sua imagem. Mas não é apenas um gesto externo, brota de uma atitude interior. Também não é a ingenuidade de quem pretende não ver as dificuldades e os pontos fracos do outro, mas a perspectiva ampla de quem coloca estas fraquezas e erros no seu contexto; lembra-se de que estes defeitos constituem apenas uma parte, não são a totalidade do ser do outro: um fato desagradável no relacionamento não é a totalidade desse relacionamento. Assim é possível aceitar, com simplicidade, que todos somos uma complexa combinação de luzes e sombras. O outro não é apenas aquilo que me incomoda; é muito mais do que isso. E, pela mesma razão, não lhe exijo que seja perfeito o seu amor para o apreciar: ama-me como é e como pode, com os seus limites, mas o fato de o seu amor ser imperfeito não significa que seja falso ou que não seja real. É real, mas limitado e terreno. Por isso, se eu lhe exigir demais, de alguma maneira me fará saber, pois não poderá nem aceitará desempenhar o papel de um ser divino nem estar ao serviço de todas as minhas necessidades. O amor convive com a imperfeição, desculpa-a e sabe guardar silêncio perante os limites do ser amado.<sup>271</sup>

Se não existe amizade, dificilmente existe um verdadeiro casamento. Matrimônio é amizade mais profunda possível porque os grandes amores encerram-se em grandes amizades, pois, se não a possuem não é possível ser marido e mulher de verdade. Muitos casais a perdem e, por consequência, perdem a confiança e a intimidade, pois, em alguns casos, até acreditam que a atração física e a relação sexual podem sustentar um relacionamento, no entanto, o desejo expresso na atração física nem sempre significa amizade e comprometimento. O elo do matrimônio é mais do que o desejo sexual, que claro não sejamos ingênuos também precisa existir, mas o respeito pelo outro e por seu modo de ser e por suas ideias possibilita aos esposos se redescobrirem além de companheiros e confidentes, que são igualmente amigos.

Em conclusão, nisto que apresentamos consiste o grande projeto a ser vivido em perspectiva de vida matrimonial: uma luta de mortificação constante que não se

---

<sup>270</sup> AL 321.

<sup>271</sup> AL 113.



realiza sozinho, pois, um e outro mutuamente prestam-se a ajudar para que cresçam pessoalmente, bem como, em casal e também como família. Juntos com a ajuda da graça divina tornam-se cada vez mais capazes de enfrentar as dificuldades humanas com a força do Espírito Santo quando se empenham, sobretudo, à luz do amor pascal de Cristo para santificarem o seu amor na promessa redentora de que jamais estão sozinhos, pois, tal amor de cruz é a marca que os acompanha. Em suma, a espiritualidade matrimonial é uma espiritualidade do vínculo habitado pelo amor divino.<sup>272</sup>

---

<sup>272</sup> AL 315.

## 4.4

### O múnus da missão de educar os filhos à/na fé

O processo de transmissão da fé aos jovens e as crianças atualmente tornou-se para muitos pais (quando estes também, por sua vez, ainda professam a fé cristã), uma tarefa muito dispendiosa, pois, estamos numa época em que as várias esferas da vida moderna não se veem mais marcada pela dimensão cristã.

Antes, tinha-se para além do próprio exemplo familiar e da vivência na Igreja, muitas outras instituições que alcançadas pelas proposições da doutrina cristã, ajudavam a permear toda vida em sociedade e os aspectos socioeconômicos, culturais e das normativas morais. Isto não se verifica mais, não vivemos mais com a voz uníssona da Igreja que no passado indicava as diretrizes de cunho social-religioso e conjugal-familiar.

Nestes nossos tempos a questão institucional se vê mais atrelada a realidade de escolha do sujeito em se permitir e em querer vincular-se ou não a alguma entidade, inclusive religiosa. É ele próprio quem se autodetermina de acordo com suas próprias experiências usufruindo de sua liberdade como indivíduo discernente em optar por aquilo lhe aprouve ser algo bom, mesmo que isto signifique romper com determinada tradição religiosa-familiar e com qualquer tipo de institucionalização da fé.

Na mudança de época em que nos encontramos, a opção religiosa é uma escolha pessoal. Hoje, o desafio para a evangelização em casa e na Igreja se faz “por atração”. Isto rompe totalmente não só com a noção de tradição de fé, mas rompe igualmente com a noção sobre relacionamento conjugal, bem como, a questão da transmissão de fé herdada desde o núcleo familiar.<sup>273</sup> Ou seja, levando a uma crise das instituições, onde a emergência da subjetividade a partir da consciência de participação ativa de cada um na vida social não deixou de refluir também para dentro da própria família e da Igreja.<sup>274</sup>

A família de origem (os pais) já não mais consiste em ser a principal proponente por seu modelo de fé para os indivíduos e, por isso, a transmissão da fé especialmente aos jovens já não pode ser dada por certa. O processo de transmissão nunca está totalmente assegurado pelo esforço dos pais. Estes (os filhos) podem ou

---

<sup>273</sup> CNBB, Doc. 107, 7.

<sup>274</sup> MIRANDA, M. F., A alegria do amor e a maioridade cristã, p. 70-85.

não se apropriar desta herança, pois, decidirão livremente entre os caminhos de identificação e os caminhos de diferenciação com a referência familiar.<sup>275</sup>

A partir de uma inspiração política a qual cria no indivíduo uma concepção que enquanto sujeito, dotado de direitos os quais não se podem comprimir, assim, também no plano da intimidade e das relações, a individualização radical leva-nos a perceber em algumas situações que determinados vínculos deveriam ser observados com certa suspeita segundo o modo de ver de alguns indivíduos, mesmo que o modelo de referência para a vida hoje em dia seja relacional, tanto em se permitir experiências com situações, tanto quanto com pessoas.<sup>276</sup> Desta forma, mesmo que a tentativa de processo de transmissão da fé aconteça, ele está sempre acompanhado pela vontade de demarcação de espaços individuais e, por consequência, o que pode haver um distanciamento por parte dos filhos do modelo paterno/materno.<sup>277</sup>

Podemos dizer que a convivência familiar em virtude de dias atribulados de tarefas de trabalho e dedicados à busca compulsiva de lucro financeiro é um outro fator que acarreta por transformar a família em lugar de passagem, pois, a falta de tempo de qualidade faz com que os vínculos afetivos se tornem muitas vezes superficiais. Por isso, a moderna organização laboral pode em alguns casos tornar-se uma tendência perigosa ao enxergar a família como um obstáculo por passividade em relação à produtividade.

Neste ponto, torna-se difícil a transmissão da fé de pais para filhos, o que acaba dificultada porque, entre outras causas, os pais chegam em casa cansados sem vontade de conversar e podem optar pelo descanso para estarem prontos para o dia seguinte de trabalho somado ao tempo de deslocamento entre o local de trabalho e chegar à própria casa e vice-versa.

Por sua vez, os filhos podem ter horários diferenciados em relação a rotina dos pais, exigindo uma adaptação quem nem sempre é possível. Além disso, há as inúmeras distrações tecnológicas, fatores externos e interesses pessoais que levam à introspecção dos indivíduos onde os esposos não se encontram entre si e com os

---

<sup>275</sup> MORAES, A., Família, “lugar primeiro” da transmissão da fé, p. 71-88

<sup>276</sup> GRILLO, A., Ritos que educam: os sete sacramentos, p. 132.

<sup>277</sup> MORAES, A., Família, “lugar primeiro” da transmissão da fé, p. 71-88.

próprios filhos para alimentar diariamente as suas relações de intimidade e partilha, impossibilitando o exercício da função educativa.<sup>278</sup>

Não quer dizer que ter um emprego seja ruim, pelo contrário, é muito necessário. No entanto, o problema consiste em que as longas horas devotadas ao exercício de atividades laborais rouba o momento de convivência entre os membros de uma família. O problema agrava-se, sobretudo, quando há crianças em questão, já que estas dependem de diversas maneiras da presença dos pais, afinal, hoje em dia ambos os cônjuges podem realizar longas horas de jornadas de trabalho.

O contexto de fé de uma família pode até se caracterizar em sua vida cotidiana por criar condições necessárias para a transmissão do dom da fé, mas este contexto de fé não é capaz de produzir o dom da fé. Nesse sentido, é que entendemos que um processo consistente de iniciação à vida cristã é indispensável ao tipo de missão que os novos interlocutores de hoje estão pedindo. O dever de educar mergulha as raízes na vocação primordial dos cônjuges à participação na obra criadora de Deus. Os pais assumem por isso mesmo o dever de edificar o caráter e ajudar eficazmente aos filhos a viverem seu desenvolvimento e crescimento pessoal.<sup>279</sup>

No entanto, o egoísmo e a corrida para ganhar sempre mais dinheiro segundo a orientação e exigência da lógica do mercado, apontam, pois, para certos tipos de problemas que têm levado, com frequência, ao desencadeamento da cobiça, da corrupção e da violência, inclusive, em família. Um pressuposto que se sobressai nessa experiência diz respeito às relações de reciprocidade, já que a vida em família requer relação de reciprocidade. Nesse sentido, observamos que há uma estreita relação de afinidade entre família e sociedade como ponto de organização fundamental:

Um olhar atento à vida quotidiana dos homens e das mulheres de hoje demonstra imediatamente a necessidade que há, em toda a parte, de uma vigorosa injeção de espírito familiar... Não só a organização da vida comum encalha cada vez mais numa burocracia totalmente alheia aos vínculos humanos fundamentais, mas até o costume social e político mostra frequentemente sinais de degradação.<sup>280</sup>

A vida em família anima; dá vida; dá alma; dá sentido; revivifica; encoraja para a luta, para um compromisso efetivo com a transformação e,

---

<sup>278</sup> AL 44 e AL 50.

<sup>279</sup> FC 36.

<sup>280</sup> AL 186.

fundamentalmente, garante o espaço de celebração de todas as dimensões da vida. A vida em família é a vida que se organiza e que se mantém pela força da criação e da manutenção dos laços.<sup>281</sup>

Nesta perspectiva São João Paulo II na *Familiaris Consortio* exortava a responsabilidade do *múnus* com o qual os pais em primeiro lugar deveriam com alegria, transmitir aos filhos o Evangelho para que posteriormente o plasmassem junto à sociedade estimulando-a para o encontro com Cristo:

A missão educativa da família cristã como um verdadeiro ministério, através do qual é transmitido e irradiado o Evangelho, ao ponto de a mesma vida da família se tornar itinerário de fé é, em certo modo, iniciação cristã e escola para seguir a Cristo. Pela força do ministério da educação os pais, mediante o testemunho de vida, são os primeiros arautos do Evangelho junto dos filhos.<sup>282</sup>

A família é capaz de transmitir um *ethos* que possibilita a experiência de doação. A família transmite mais do que qualquer outra grande instituição de transmissão. Ela é a que assume melhor (ou menos mal) a função de transmissão de uma geração à outra. Contudo, em nossa época, segundo modos operacionais diversos dos que estávamos acostumados no passado, a família é um espaço de transmissão mais iniciático do que cognitivo. Por sua vez, se a família não garante a conversão, mas sim, pode vir a favorecer a opção por Jesus Cristo que, contudo, permanece como uma decisão pessoal dos filhos.<sup>283</sup>

É necessário pensar e construir um novo paradigma pastoral-familiar. É exigência do nosso tempo. O trabalho evangelizador desenvolvido com adolescentes e jovens deve remodelar sua linguagem, pois, o discurso normativo de antes não se adequa com este grupo, precisando ir além da sensibilização e do entretenimento, priorizando o crescimento espiritual, a educação para a responsabilidade pessoal e social, a ética nas relações humanas, profissionais, afetivas e sexuais, e a orientação vocacional.<sup>284</sup>

Em síntese, a família não garante a transmissão da fé é apenas aquela que faz o primeiro anúncio (querigma) e junto da Igreja, unindo competências particulares de cada uma em prol do acolhimento para com a reproposta da fé cristã, revela-nos

<sup>281</sup> DA SILVA, D. E., A dimensão comunitária da *Amoris Laetitia*, p. 143-152.

<sup>282</sup> FC 39.

<sup>283</sup> MORAES, A., Família, “lugar primeiro” da transmissão da fé, p. 71-88.

<sup>284</sup> CNBB, Doc. 107, 206.

o propósito de buscar novos caminhos pastorais e reconhecer que uma lógica catecumenal é uma exigência atual para nos permitir formar novos discípulos conscientes, atuantes e missionários:

A iniciação à vida cristã e a formação contínua com inspiração catecumenal se apresentam hoje como desafios e oportunidades extremamente importantes, uma obra a ser realizada, por toda a Igreja, com dedicação, paixão formativa e evangelizadora, com coragem e criatividade. Não se trata, porém, de uma pastoral a mais, e sim de um eixo central e unificador de toda ação evangelizadora e pastoral. Tem como objetivo a formação inicial e, ao mesmo tempo, permanente do discípulo missionário de Jesus Cristo, para viver e anunciar a fé cristã no coração da civilização em mudança.<sup>285</sup>

As famílias têm dificuldades de encaminhar isso dentro de um projeto. As trocas no espaço familiar parecem não fortalecer os laços, pois o viver na compreensão de trocas, em que esta envolve um conjunto de atividades que se situam no quase estritamente econômico, mexe com as pessoas, dificultando a relação, o encontro e o estar junto face a face.<sup>286</sup>

Ao mesmo tempo que não negamos a importância e o valor da família no processo de iniciação à fé, porém, não a exaltamos como a única capaz de fazê-lo. Não se trata, porém, de duas intervenções pastorais isoladas e independentes, mas, provavelmente, elas só podem ser separadas do ponto de vista metodológico. A família, portanto, auxiliada conjunta e pastoralmente a ser este espaço relacional da iniciação à vida cristã mostra-se um espaço com características diferentes daquelas que pertencem aos outros iniciadores/educadores na fé. É necessário pensar uma pastoral para a família e uma pastoral com a família.<sup>287</sup>

É urgente acima de tudo, um “segundo primeiro anúncio” para quem se afastou da fé e da Igreja. É preciso ir até as pessoas, dialogar e, a partir de suas necessidades, apresentar-lhes o primeiro anúncio sobre Jesus Cristo, que seja capaz de lhes fazer arder o coração (Lc 24, 32). Tal tarefa pela lógica da iniciação catecumenal à redescoberta do Evangelho deve ser feita numa atitude de amor e de estima a quem o escuta, com uma linguagem concreta e adaptada às circunstâncias. Para isso concorre o Espírito, que instaura uma união entre o missionário e os

---

<sup>285</sup> CNBB, Doc. 107, 76.

<sup>286</sup> DA SILVA, D. E., A dimensão comunitária da *Amoris Laetitia*, p. 143-144.

<sup>287</sup> MORAES, A., Família, “lugar primeiro” da transmissão da fé, p. 71-88.

ouvintes, tornada possível enquanto um e os outros, por Cristo, entram em comunhão com o Pai”, isto é, o querigma é o amor trinitário de Deus.

Em conclusão, o querigma é aquele anúncio principal, ao qual se tem de voltar continuamente para ocupar sempre o centro da atividade evangelizadora e de toda a tentativa de renovação eclesial. O anúncio tem por objeto Cristo crucificado, morto e ressuscitado: por meio d’Ele se realiza a plena e autêntica libertação da morte; n’Ele Deus dá a ‘vida nova’ às famílias.<sup>288</sup> A evangelização do lar preenchido pelo anúncio do amor de Jesus Redentor é o *locus* privilegiado para se aprender e crer no amor, com o exemplo calmo e diário dos pais para que a fé possa ser transmitida no dialeto do lar, no dialeto da vida doméstica, da vida em família para que todos respirem o ar fresco do Evangelho.<sup>289</sup>

---

<sup>288</sup> EG 164.

<sup>289</sup> FRANCISCO, PP. Discurso por ocasião do IX encontro mundial com as famílias na Irlanda em 25 de agosto de 2018.

## 5 Conclusão

Ao longo de toda nossa pesquisa, buscamos apresentar em todas as suas partes que a família tem singular e enorme relevância como instituição que precisa ser salva-guarda, acompanhada e reconhecida não só pela Igreja, bem como, por toda a sociedade civil. Certamente ficamos mais esclarecidos a respeito da dinâmica familiar quando abordamos tantos autores que escreveram sobre o matrimônio e a família e igualmente pelo contato que tivemos com tantos outros documentos do magistério sobre a dimensão sacramental desde o seu significado e origem tanto na parte dogmática como na parte bíblica.

A origem do matrimônio e da família em Deus (Gn2,18) conforme discorremos pautados pela reflexão teológica dos autores, demonstra-nos que a Sagrada Escritura nos apresenta a orientação magna pela qual o homem e mulher ao se reconhecerem semelhantes, leva-os a se escolherem livremente como companheiros mediante a união total de suas vidas, ainda que marcada pela queda e com inclinações, tal complementaridade do casal humano está sempre sob o desígnio e o olhar atento de Deus.

Nisto consiste a base e o sentido de existir da família, pois, eleita por Deus como continuadora do seu projeto de criação não somente dando continuidade da espécie humana, mas tutelando sob os cuidados do homem e da mulher o cuidado da natureza, de modo, a aperfeiçoarem sua humanidade e viverem um verdadeiro consórcio de vida (Gn1,28)<sup>290</sup>.

Nesse trajeto, moveu-nos o interesse do quão é indispensável anunciar a beleza do matrimônio pela recepção da graça com a qual os esposos são investidos na celebração do sacramento conjugal. Especialmente após termos percorrido por tão vasto e desafiador panorama em que se encontram os casais e as famílias, chegamos, sem sombra de dúvidas, em conclusão que a família é de enorme apreço para a Igreja nas suas mais variadas situações. Desde aquelas que se encontram nas maiores adversidades, até aquelas que simbolizam plenamente o modelo sponsal de Cristo levando o amor conjugal ao ideal mais pleno de sacrifício e entrega, o qual podem nutrir os esposos dentro de suas limitações humanas na vida matrimonial.

---

<sup>290</sup> FC 11.



A partir disso, quisemos demonstrar o valor perene da família enquanto instituição desejada e querida por Deus por sua importância na transmissão de valores humanos e espirituais; como escola de sociabilidade; como lugar de propagação de um estilo fraterno que marca a vida em sociedade.

Para nós é muito importante como mencionamos em tantas linhas que a preparação do casal desde o seio familiar de origem (junto dos pais) e no decorrer de toda uma vida até o dia do casamento, torna-se imprescindível por uma formação matrimonial que promova um caminho de iniciação à vida sponsal marcada pelo crescimento pessoal e humano e, ao mesmo tempo, espiritual. Por sua vez, tarefa esta que não é exclusiva, mas na medida possível, deve-se realizar em conjunto com a família de origem dos esposos no interior das atividades pastorais da comunidade cristã.

Noutra parte, demos destaque e enfatizamos o papel evangelizador no qual tem parte a família, pois, tal processo de promover o Evangelho de Jesus tem sua continuidade na e pela Igreja como atualização de uma atenção pastoral que não se faz como uma simples estratégia, mas que surge por uma tomada de consciência mais profunda de cada família ao propiciar ao mundo, um maior aprofundamento não somente acerca da doutrina da Igreja sobre o matrimônio, mas de apresentar o maravilhoso plano de Deus circunscrito à família e para que esta resplandeça o amor misericordioso de Deus.

Num segundo momento do referido trabalho observamos o contributo do magistério da Igreja desde o concílio Vaticano II e dos sumos pontífices até o Papa Francisco com o intuito de expor o olhar específico de cada um sobre esta comunidade de vida e de amor que é a família.<sup>291</sup>

Todos os Sumos Pontífices se mostraram atentos para os desafios de cada época como porta-vozes de uma Igreja precisando ser consonante com as demandas sociais inerentes a cada tempo. Procuravam sempre impelir uma presença ativa por parte de toda Igreja universal e da sociedade civil a partir de um empenho pastoral de proximidade e assistência aos perigos enfrentados pelos casais: mentalidade hostil aos compromissos definitivos, políticas de natalidade, aborto, poligamia e reconhecimento legal de uniões civil entre pessoas do mesmo sexo.

---

<sup>291</sup> GS 48.

Concluimos que há uma continuidade pastoral como tarefa pertinente à Igreja como corpo místico de Cristo, e isto consiste em não só simplesmente anunciar a doutrina com a sua devida importância, mas chegamos à compreensão de que precisamos fazer escuta sempre dos clamores das pessoas em suas vidas cotidianas. Neste sentido, a iniciativa do Papa Francisco ao convocar os bispos em dois anos consecutivos em assembleias sinodais demonstrou-nos um grande exemplo de que além de ouvir as dificuldades das famílias e daqueles que trabalham junto com elas, acolher as suas intuições para tentarmos colocá-las em prática é um dos meios, se não o mais eficiente, para elencarmos possíveis respostas que nos permitam enfrentar os problemas de hoje.

Há, por fim, de acordo com que observamos no seguimento das abordagens teológicas por nós recolhidas, de que não há uma ruptura de toda compreensão acerca da pregação da doutrina sobre o matrimônio. As reflexões oriundas do sínodo dos bispos que posteriormente pelas indicações de Francisco redigidas na exortação *Amoris Laetitia*, não rompem com as exposições de seus predecessores, seja ao nível das Sagradas Escrituras, da Tradição e do Magistério, ou seja, o atual sumo pontífice está em total continuidade com os ensinamentos até então propostos pela Igreja ao longo dos séculos.

Ademais, tal exortação retoma a grandiosidade, profundidade e riqueza por apresentar a dignidade do sacramento do matrimônio, desde a família que surge pelo consentimento dos esposos e a sua inserção na vida conjugal até o amor sponsal como vocação primordial e caminho de felicidade para o homem e a mulher.

Em último lugar, aquilo que talvez mais se destacou em nossa pesquisa ao manusearmos o documento papal de Francisco em sinergia com os padres sinodais, consistiu no forte apelo para acompanhamento, discernimento e integração dos casais de famílias que vivem em situações complexas para lhes possibilitarmos uma maior adesão e soerguimento, levando-lhes palavras misericordiosas e convidando-as a ter parte no Corpo de Cristo.

Isto, todavia, sem jamais partir de uma linguagem excessivamente doutrinal para não repelir as pessoas por medo de não alcançarem esse ideal mais pleno da vida conjugal, mas, acima de tudo, antes abrir as portas e escutá-las com atenção e compaixão para, em seguida, formá-las e prepará-las numa espécie de catecumenato ao matrimônio. Mostrar a elas que a Igreja é a casa do Pai de Jesus

onde podem colocar o seu sofrimento para tratar das suas feridas e tirar as sujeiras de um caminho marcado pelo abandono e pelas crises provenientes das rupturas e do egoísmo.

A Igreja com sua solicitude pastoral é o lugar para recuperar a esperança de que a vida é etapa de formação contínua e o desejo de ser família não é uma meta para uma casta de perfeitos e de pouco a pouco apresentar-lhes um caminho de um ideal mais pleno respeitando as etapas de crescimento de cada pessoa e que o amor em suas vidas se conforme ao amor pleno e salvífico de Cristo.

Em síntese, a *Amoris Laetitia* é atualização pastoral da *Familiaris Consortio* propondo-nos uma nova práxis de acordo com a nossa época, de discernimento e integração para não impor, mas propor a beleza do Evangelho da família a partir do modelo de vida de tantos casais, bem como, da formação do clero ao acompanhar os casais mais novos num discernimento, isto é, tarefa que compete a todos os envolvidos a apresentar que o Evangelho da família permanece vivo e anunciá-lo é anunciar a boa notícia do Evangelho de Cristo às novas gerações.<sup>292</sup>

---

<sup>292</sup> AL 1.

## 6 Referências bibliográficas

BENTO XVI, PP. **Discurso por ocasião do ano judiciário do tribunal da rota romana** em Janeiro de 2007. Disponível em <[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/january/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20070127\\_roman-rot.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/january/documents/hf_ben-xvi_spe_20070127_roman-rot.html)>. Acesso em: 06 de mai. 2019.

BENTO XVI, PP. **Discurso de abertura do congresso eclesial diocesano na basílica de São João de Latrão** em 06 de Junho de 2005. Disponível em <[http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/june/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20050606\\_convegno-famiglia.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20050606_convegno-famiglia.html)>. Acesso em 02 de set. 2019.

BENTO XVI, PP. **Discurso aos participantes no encontro de presidentes das comissões episcopais para a família e a vida da américa latina** em 03 de Dezembro de 2005. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/december/documents/hf\\_ben\\_xvi\\_spe\\_20051203\\_family-america-latina.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/december/documents/hf_ben_xvi_spe_20051203_family-america-latina.html)>. Acesso em 03 de set. 2019.

BENTO XVI, PP. **Discurso durante a vigília de oração por ocasião de viagem apostólica em Valência na Espanha no V encontro mundial com as famílias** em 08 de Julho de 2006. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/july/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20060708\\_incontro-festivo.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/july/documents/hf_ben-xvi_spe_20060708_incontro-festivo.html)>. Acesso em 05 de set. 2019.

BENTO XVI, PP. **Pensamentos sobre a família**. Cascais: Lucerna, 2012.

BENTO XVI, PP. **Pensamentos sobre o Concílio Vaticano II**. Cascais: Lucerna, 2012.

BENTO XVI, PP. **Carta encíclica Deus Caritas Est sobre o amor cristão**. São Paulo: Paulinas, 2006.

BENTO XVI, PP. **Carta encíclica Caritas in Veritate sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade**. São Paulo: Paulinas, 2009.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CNBB. **Iniciação à vida cristã**: itinerário para formar discípulos missionários. Brasília: Edições CNBB, 2017 (Doc. 107).

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1998.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo atual.** São Paulo: Paulinas, 1998.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA. **Preparação para o sacramento do matrimônio.** São Paulo: Paulinas, 1996.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA. **Sexualidade humana: verdade e significado: orientações educativas em família.** São Paulo: Paulinas, 1996.

DA SILVA, D. E., A dimensão comunitária da *Amoris Laetitia*, In: FERNANDES, L.A. (Org.). **Amoris Laetitia em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais.** São Paulo: Paulinas, 2018. p.143-152.

DENZINGER, H. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral.** São Paulo: Paulinas/Loyola, 2007.

DE MORI, G. L., Teologia e pastoral na *Amoris Laetitia*. In: FERNANDES, L.A. (Org.). **Amoris Laetitia em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais.** São Paulo: Paulinas, 2018. p. 109-129.

FLÓREZ, G. **Matrimônio e família.** São Paulo: Paulinas, 2008.

FONTANA, L. Edificar o matrimônio no amor: a mudança de paradigma teológico de *Amoris Laetitia*. In: FERNANDES, L.A. (Org.). **Amoris Laetitia em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais.** São Paulo: Paulinas, 2018. p.87-96.

FRANCISCO, PP. **Audiência geral** de 10 de dezembro de 2014. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa-francesco\\_20141210\\_udienza-generale.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa-francesco_20141210_udienza-generale.html)>. Acesso em: 29 de jul de 2019.

FRANCISCO, PP. **Audiência geral** em 18 de Março de 2015. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco\\_20150318\\_udienza-generale.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco_20150318_udienza-generale.html)>. Acesso em: 29 de jul. de 2019.

FRANCISCO, PP. **Audiência geral** em 08 de Abril de 2015. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco\\_20150408\\_udienza-generale.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco_20150408_udienza-generale.html)>. Acesso em: 31 de jul de 2019.

FRANCISCO, PP. **Audiência geral** de 22 de Abril de 2015. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco\\_20150422\\_udienza-generale.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco_20150422_udienza-generale.html)>. Acesso: em 04 de ago. de 2019.

FRANCISCO, PP. **Audiência geral** em 13 de Maio de 2015. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco\\_20150513\\_udienza-generale.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco_20150513_udienza-generale.html)>. Acesso em: 07 de ago. de 2019.

FRANCISCO, PP. **Audiência geral** de 27 de Maio de 2015. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco\\_20150527\\_udienza-generale.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco_20150527_udienza-generale.html)>. Acesso em: 12 de ago. de 2019.

FRANCISCO, PP. **Audiência geral** em 05 de Agosto de 2015. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco\\_20150805\\_udienza-generale.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco_20150805_udienza-generale.html)>. Acesso em: 25 de ago. de 2019.

FRANCISCO, PP. **Audiência geral** de 09 de Setembro de 2015. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco\\_20150909\\_udienza-generale.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco_20150909_udienza-generale.html)>. Acesso em: 01 de set. de 2019.

FRANCISCO, PP. **Audiência geral** de 21 de Outubro de 2015. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco\\_20151021\\_udienza-generale.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco_20151021_udienza-generale.html)>. Acesso em: 12 de set. de 2019.

FRANCISCO, PP. **Audiência geral** de 18 de Novembro de 2015. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco\\_20151118\\_udienza-generale.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco_20151118_udienza-generale.html)>. Acesso em: 15 de set. de 2019.

FRANCISCO, PP. **Carta encíclica Lumen Fidei sobre a fé**. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, PP. **Discurso por ocasião do IX encontro mundial com as famílias na Irlanda**. Visita a pró catedral de Santa Maria em 25 de agosto de 2018.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica pós-sinodal Amoris Laetitia sobre o amor na família**. São Paulo: Paulinas, 2016.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Christus Vivit aos jovens e a todo o povo de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2019.

GRILLO, A. **Ritos que educam: os sete sacramentos**. Brasília: Edições CNBB, 2017.

JOÃO PAULO II, PP. **Audiência geral** de 21 de novembro de 1979. Disponível em <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1979/documents/hf\\_jp-ii\\_aud\\_19791121.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1979/documents/hf_jp-ii_aud_19791121.html)>. Acesso em: 11 de mai. 2019.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta às famílias *Gratissimam Sane***. São Paulo: Paulinas, 1994.

JOÃO PAULO II, PP. **Exortação apostólica *Familiaris Consortio* sobre a missão da família cristã no mundo de hoje**. São Paulo: Paulinas, 1981.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta encíclica *Evangelium Vitae* sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana**. São Paulo: Paulinas, 1995.

KASPER, W. **A mensagem de Amoris Laetitia: um debate amigável**. São Paulo: Loyola, 2019.

KASPER, W. **A teologia do matrimônio cristão**. São Paulo: Paulinas: 1993.

KASPER, W. **O Evangelho da família**. Prior Velho: Paulinas Editora, 2014.

LIMA, L.C. O bem do matrimônio e da família: *na Gaudium Et Spes* e hoje. In: FERNANDES, L.A. (Org.). **Gaudium et spes em questão**: reflexões bíblicas, teológicas e pastorais. São Paulo, Paulinas, 2016 p.119-135.

LIBÓRIO, L., Aspectos pastorais da família. In: FERNANDES, L.A. (Org.). **Amoris Laetitia em questão**: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas, 2018. p.131-141.

LOPES, G., **Gaudium et Spes**: texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2011.

MIRANDA, M.F., A alegria do amor e a maioridade cristã. In: FERNANDES, L.A. (Org.). **Amoris Laetitia em questão**: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas, 2018. p.77-85.

MORAES, A., Desafios e perspectivas à pastoral familiar da *Amoris Laetitia*. **Atualidade Teológica**, V.20, n.54, p.580-598, set./dez.2016. Acesso em: 10 de nov. 2019.

MORAES, A., Família, “lugar primeiro” da transmissão da fé: desafios catequéticos a partir do magistério. **Perspectiva Teológica**., v. 47, n. 131, p. 71-88, Jan./Abr. 2015. Acesso em: 22 de nov. 2019.

NOCKE, F. Doutrina específica dos sacramentos. In: SCHNEIDER, T. (Org.) **Manual de dogmática**. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 205-338. v. II.

PAGOLA, J.A. **Originalidade do matrimônio**. São Paulo: Paulinas, 2018.

PAULO VI. PP. **Carta encíclica Humanae Vitae**. São Paulo: Paulinas, 1998.

PAULO VI, PP. **Discurso aos casais do movimento equipes de Nossa Senhora** em 04 de Maio de 1970. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1970/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19700504\\_notre-dame.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1970/documents/hf_p-vi_spe_19700504_notre-dame.html)>. Acesso em: 08 de ago. 2019.

PAULO VI, PP. **Discurso aos casais do movimento equipes de Nossa Senhora** em 22 de Setembro de 1976. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/paul-vi/fr/speeches/1976/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19760922\\_pellegrinaggio-notre-dame.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/fr/speeches/1976/documents/hf_p-vi_spe_19760922_pellegrinaggio-notre-dame.html)>. Acesso em: 10 de ago. 2019.

PIÉ NINOT, S. Diante do ensinamento da exortação apostólica *Amoris Laetitia*: magistério a ser acolhido e posto em prática. In: FERNANDES, L.A. (Org.). **Amoris Laetitia em questão**: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas, 2018. p.71-75.

RATZINGER, J. Matrimonio e famiglia nel piano di Dio. In: MELINA, L (Org.) **La Familiaris Consortio**. Città Del Vaticano: Liberia Editrice Vaticana, 1982, p. 77 – 88.

SANTANA, L. F. R. O mistério pascal segundo à ótica da Gaudium Et Spes. In: FERNANDES, L.A. (Org.). **Gaudium et spes em questão: reflexões bíblicas, teológicas e pastorais**. São Paulo, Paulinas, 2016. p.92-100.

SCHILLEBEECKX, E. **II Matrimonio: realtà terrena e mistero di salvezza**. Edizione Paoline: Milano, 1993.

SÍNODO DOS BISPOS. **Documento preparatório para III assembleia extraordinária: desafios pastorais sobre a família para evangelização**. Disponível em <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20131105\\_iii-assemblea-sinodo-vescovi\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20131105_iii-assemblea-sinodo-vescovi_po.html)>. Acesso em: 06 de nov. 2019.

SÍNODO DOS BISPOS: **Lineamenta: III assembleia geral extraordinária: a vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo**. São Paulo: Paulinas, 2014.

SÍNODO DOS BISPOS. **Instrumentum Laboris: III assembleia geral extraordinária: os desafios pastorais da família no contexto da Evangelização**. São Paulo: Paulinas, 2014.

SINODO DOS BISPOS. **Relatio Finalis: XIV assembleia geral ordinária: a vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo**. Disponível em <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20151026\\_relazione-finale-xiv-assemblea\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20151026_relazione-finale-xiv-assemblea_po.html)>. Acesso em: 06 de nov. 2019.

SISTACH, L.M., **Como aplicar a Amoris Laetitia**. São Paulo: Fons Sapientiae, 2017.

SPADARO, A. **Entrevista exclusiva do Papa Francisco**. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.